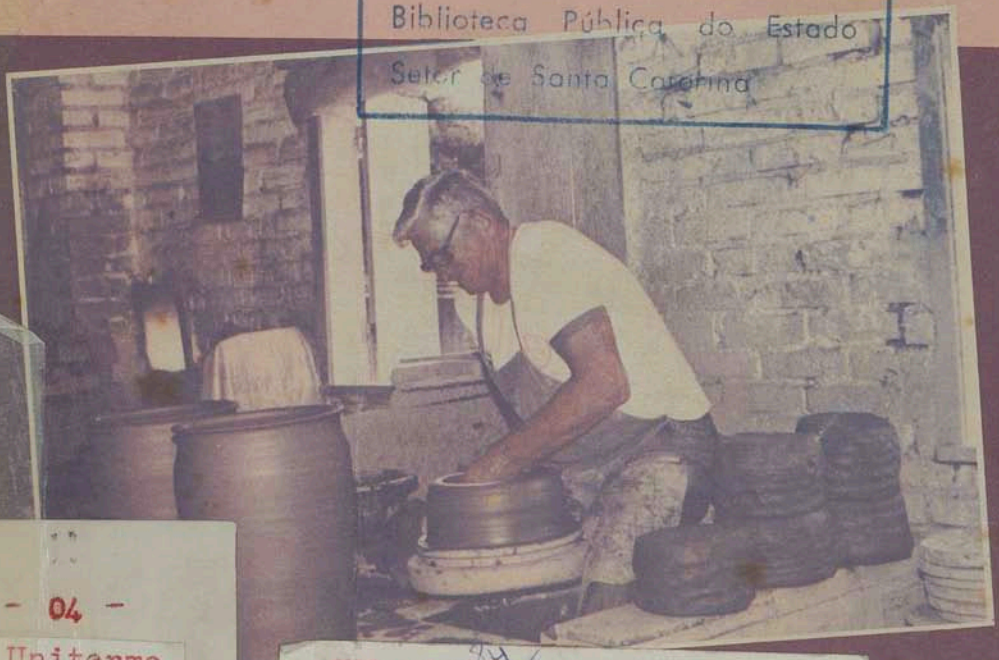
BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

20951

D

Biblioteca Pública do Estado
Setor de Santa Catarina



- 04 -
Unitermo

ANO: 1985 - nº 37 e 38

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask exchange
Sirichiede lo scambio
On démande l'échange
Man bitet um Austausch
Oni petas intersangon

Comissão do Boletim:
Editor e Diretor — Doralécio Soares
Secretário: Max-Planck Seixas Ribeiro
Membros:
Nereu do Vale Pereira, Victor Antonio Peluso Junior, Myriam Conceição Dias Beltrão.

Capa — Jair M. Oliveira
Fotolito — Nery Marçal

Endereço para correspondência: Rua Julio Moura, 28, 1º andar — 88000 — Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

Edição patrocinada pelo Governador do Estado.

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

BIBLIOTECA PÚBLICA/SC
SETOR SANTA CATARINA
Clas.: —
Reg.: 073
Data: 11.06.96

NOSSA CAPA

Ceramista Ewald Gramkow da Artefatos de Barro Pomerode da cidade de Pomerode, SC.

Ewald Gramkow, nasceu na localidade de Nova Bremen no município de Ibirama.

Filho de uma família da 1ª geração de imigrantes alemães que lutavam na conquista de dias melhores. Com 13 anos, Ewald começou a trabalhar com o pai que era carroceiro. Aos 19, procura a sua independência econômica, e mesmo contrariando a vontade de seus pais, empregou-se numa pequena Cerâmica em Nova Bremen. Isso aconteceu em 1945, sendo que nesse mesmo ano a indústria foi adquirida pela Artefatos de Barro Pomerode. O jovem Ewald permanecendo no mesmo emprego onde era servente, passa a aprendiz de oleiro. O seu interesse em progredir no artesanato do barro, fez com que se destacasse no aprendizado, tornando-se rapidamente um profissional na arte ceramista.

Com o decorrer dos anos tornou-se conhecedor de toda técnica de fabricação da cerâmica utilitária doméstica. Tipo do barro para a modelagem das várias peças, disposição no forno para a queima que se constitui fator importante no forneamento, lenha, temperatura, etc.

Verniz especial — Uma das características para manter a durabilidade e aspecto primoroso das peças produzidas pela Artefatos de Barro Pomerode, está no brilho contido nas mesmas que é obtido com a aplicação de um verniz especial, que além de conservar a sua rusticidade as destacam de outras fabricações.

O Sr. Ewald Gramkow, que desde 1973, está na direção e mestrança da Indústria de Artefatos de Barro Pomerode, é uma pessoa cavalheiresca, afável e sempre atencioso no atendimento das pessoas que procuram as cerâmicas que ali são produzidas.

Como profissional oleiro, no manejo do torno, vimos surgirem de suas mãos as peças numa fascinação encantadora, o que atesta a sua qualidade de grande profissional.

SUMÁRIO

Na presente edição, relacionamos os trabalhos abaixo, que pela sua importância os recomendamos.

EDITORIAL — Doralécio Soares
HOMENAGEM PÓSTUMA a A. SEIXAS NETTO — Paschoal Apóstolo Pítsica
AS FESTAS PASCOAIS NA ILHA DE SANTA CATARINA — A. Seixas Netto
CERÂMICA POPULAR UTILITÁRIA E FIGURATIVA NO FOLCLORE BRASILEIRO — Doralécio Soares.
A SANTA DO CANUDINHO DE LAGES — Victor Antonio Peluso Junior
A FOLIA DE REIS — Claudir Silveira
ITALIANO E ALEMÃES / INFLUÊNCIAS GAUCHESCAS — Doralécio Soares
CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS "Porteira Aberta" — Myriam Conceição de Carvalho.
A BRIGA DA BICHARADA — Isaque Corrêa e Gelcí José Coelho
ASSOCIAÇÃO CORAL DE FLORIANÓPOLIS — Cléa Mendes Brito
SEMANA DE ESTUDOS AÇORIANOS
MASSIFICAÇÃO E FALTA DE MEMÓRIA DESFIGURAM INFLUÊNCIA AÇORIANA
IMIGRAÇÕES DERAM A SANTA CATARINA O FOLCLORE MAIS RICO DO PAÍS — Bernardete Santos
VALENTIA — Tito Carvalho
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE CULTURA YORUBA BRASIL—ÁFRICA — Osvaldo Ferraro de Carvalho
PEDRO RAIMUNDO — O Introdutor da Música Regional nas Rádios do Rio Grande do Sul
PROMOÇÃO DO FOLCLORE NA ESCOLA — Doralécio Soares
40 ESCOLAS ABREM NO CENTRO, FESTIVAL DE FOLCLORE
FESTIVAL DE FOLCLORE / Joinville e São Francisco do Sul — Sônia Maria Copp da Costa
FOLCLORE NA ESCOLA — Augusta Clarice Sarmento
O BRANCO COLONIZADOR DO NORDESTE — Maria Tereza

Marques Pereira
PRESENTES E LENDAS NA ALEGRIA DO NATAL — Maria Brígido
ARTESANATO E ARTE POPULAR DE CAMPINA GRANDE — Maria Conceição Soares Leite
O IMIGRANTE ITALIANO, SEUS COSTUMES SUA MÚSICA SEU FOLCLORE — Doralécio Soares
Além de farto noticiário de 1984 e 85, organizado e comentado por nosso Diretor, completam esta edição.

O Secretário

ANO XXIII
NÚMERO 37/38
DEZEMBRO 1985

ÍNDICE

EDITORIAL / Doralécio Soares / 7
Homenagem Póstuma a A. Seixas Netto / Paschoal Apóstolo Pítsica / 9
Folclore / A. Seixas Netto / 14
Cerâmica Popular e Figurativa no Folclore Brasileiro / Doralécio Soares / 16
A Santa do Canudinho de Lages / Victor Antonio Peluso Junior / 22
A Folia de Reis / Claudir Silveira / 36
Italianos e Alemães — Influências Gauchescas / Doralécio Soares / 31
CTG "Porteira Aberta" / Myriam Conceição de Carvalho / 36
A Briga da Bicharada / Isaque de Borba Corrêa e Gelcí José Coelho / 39
Associação Coral de Florianópolis / Cléa Mendes Brito / 42
Semana de Estudos Açorianos — Florianópolis, 1985 / 45
Massificação e Falta de Memória Desfiguram Influência Açoriana / 48
Imigração Deram a Santa Catarina o Folclore mais Rico do País / Bernardete Santos / 54
VALENTIA / Tito Carvalho / 60
Centro de Estudos e Pesquisas de Cultura Yoruba / Osvaldo Ferraro de Carvalho / 64
Pedro Raimundo — O introdutor da Música Regional nas Rádios do Rio Grande do Sul / Israel Lopes / 65
Santa Catarina — "Promoção do Folclore na Escola / Doralécio Soares / 70
40 Escolas Abrem no Centro, Festival de Folclore / 72
II Festival de Folclore — Agosto de 1984 / 76
Festival Estudantil de Folclore em Joinville / 79
São Francisco do Sul — Festival Estudantil de Folclore / Sônia Maria Copp da Costa / 82
São Miguel do Oeste — Semana Estudantil de Folclore / 85
"O CONTESTADO" / José Acácio Santana / 87
GENTE DE FORA — Folclore na Escola / Augusta Clarice Sarmento / 92
O Branco Colonizador do Nordeste / Maria Tereza Marques Pereira / 96
Presentes e Lendas na Alegria do Natal / Maria Brígido / 100
Raiz da Alma / Custódio Ribeiro de Carvalho / 102
Artesanato e Arte Popular de Campina Grande / Maria Conceição Soares Leite / 103
Movimento Cultural Catarinense — Ano 84 / 105
Centro Folclórico Itacorubi — Florianópolis / 107
Imigração Italiana / Padre Dall Alba / 110
Uma Vida por Outra / Maria Cristina Rosa / 111

A Banda de Santo Amaro fez 40 Anos / 112
A Comunidade de Celso Ramos, faz mais uma "Farra de Boi" / 114
RENDAS a última mostra da biblioteca / 116
NOTÍCIAS CULTURAIS DOS ESTADOS — 1984 / 118
OLIMPIA — Vigésimo Festival de Folclore / 128
Doutor Arthur Napoleão Figueiredo / 129
Maria de Lourdes Borges Ribeiro — Dulce Martins Lamas / 130
A Marinha no Selo Brasileiro — Minas Gerais, Viçosa / 131
NOTÍCIAS CULTURAIS DE SANTA CATARINA, 1985. Itália Põe a Mesa "LA SAGRA" — Rodeio / 132
ASSIS Expõe "O Contestado" / 135
PANDORGAS — Viagem ao Espaço — Valdir Agostinho / 137
NOTICIÁRIO — Florianópolis e Municípios / 138
Monumento ao Caminhoneiro / 139
Associação de Escritores em Chapecó / 142
Walmir Ayala fala de Zumblick / 145
Sílvio Coelho dos Santos / 146
NOTÍCIAS CULTURAIS — "Poemas no Tempo" / Sílvia Amélia Carneiro da Cunha / 149
ACARESC — Colonos e Missionários Italianos / 149
UDESC Comemora 20 anos / 150
LAGES — 1ª Festa do Estado de Santa Catarina — Coral do Clube 6 de Janeiro / 151
Professora Hildegardes Vianna / 153
MEC—UDESC — "Lendas Sulinas" / Myriam Conceição de Carvalho / 153
Dia da Cultura — Florianópolis / 154
CACUMBI "Cap." Francisco Amaro / 155
Arquivo Público — Florianópolis / 156
Parque Balneário Camboriú / Paulo Cesar Fiuza Lima / 157
NOTÍCIAS CULTURAIS DOS ESTADOS / 160
Rotary Clube de Belém confere medalha a Doralécio Soares / 160
Guia do Folclore Fluminense / 161 — "Pedro Raimundo" / Israel Lopes / 161
Laura Dela Monica — Cidadã Olimpiense / 162
Secretaria de Cultura de São Paulo — "Sete Projetos" / 163
Bibliografia Analítica do Folclore Brasileiro / Vicente Sales / 166
Prof. Albino Luiz Caldas / Rubens Lara / 168
Dia do Folclorista Luso-Brasileiro / Antonio Vieira / 170
Noticiário Internacional — O Velho Templo de KUN JÂM em Macau / Ana Maria Amaro / 171
Os Impérios Populares / Maria Micaela Soares / 171
4 Artes de Tradição de Viana do Castelo / 172
CUADERNOS Del Instituto Nacional de Antropologia / 172
BULLETIN — 48 / 1984 — Societé Suisse Americanistes / 172
Papai Noel, fixou residência na cidade de Mora, na Suécia / 173
O IMIGRANTE ITALIANO / Doralécio Soares / 175

EDITORIAL

Como todo Órgão de divulgação cultural, e não somos exceção, muito pelo contrário, encontramos inúmeras dificuldades para levarmos avante mais uma edição do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore.

Esta edição deveria, normalmente, ser lançada no início do ano de 85; todavia, problemas de força maior assim não o permitiram.

A par disto, esta edição apresenta enorme lacuna, já que um de seus maiores colaboradores e entusiastas desapareceu no transcorrer do ano de '84, nosso amigo e companheiro Professor A. SEIXAS NETTO, que durante anos desenvolveu trabalho junto a esta Comissão, quer como folclorista, quer como Secretário da mesma.

Professor emérito, renomado fora do País, agraciado por algumas das maiores Academias da Europa, possuidor de vasta cultura, traduziu-se em perda irreparável para a cultura catarinense.

Tive notícias do seu passamento, quando me encontrava na Europa, mais precisamente na cidade de Barcelona, Espanha. Dias antes havia chegado a Lisboa (Portugal), donde lhe enviei cartão comunicando que havia cumprido a missão de conferir a Professora Ana Maria Amaro, em nome da Comissão Catarinense de Folclore o Diploma de Sócia-Honorária, proposta apresentada por A. SEIXAS NETTO, em reconhecimento a monumental obra da autora denominada de "JOGOS, BRINQUEDOS E OUTRAS DIVERSÕES POPULARES EM MACAU", conforme Parecer exarado às Páginas 65/66 do Boletim 34/81.

Ao receber a notícia do seu falecimento, sobre mim se abateu profundo sentimento, relembrando todo o trabalho desenvolvido durante o decorrer dos anos em que encontro-me a frente desta Comissão de Folclore.

Mas, fazendo o registro de um dito folclórico: "DEUS não fecha uma porta sem abrir outra". E, assim, a partir deste número passamos a contar com a participação de seu filho, Max-Planck Seixas Ribeiro, Professor, formado pela Universidade Para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, que passa a secretariar as nossas edições.

Muito jovem ainda é uma esperança futura para a vida cultural de Santa Catarina. E, para complementarmos nossa homenagem ao Professor A. SEIXAS NETTO, convidamos o Acadêmico PASCHOAL APÓSTOLO PÍTSICA, eleito recentemente para a Cadeira que foi ocupada pelo Professor A. SEIXAS NETTO, para descrever em algumas páginas desta edição, um pouco do que representou para Santa Catarina o desaparecimento desse inolvidável companheiro.

Movimento Cultural de Santa Catarina

O Governador Esperidião Amin, a quem devemos o patrocínio desta edição, vem cumprindo o determinado na "Carta dos Catarinenses", estabelecido no seu programa de governo.

Difícil se torna avaliar os problemas abrangentes que envolve a área cultural definida pelo governo. Entretanto deduz-se ter merecido cuidado especial do atual Secretário de Cultura, Esporte e Turismo, Deputado Salomão Ribas Junior, visto ter esse setor recebido o apoio necessário de sua Secretaria.

Muitas têm sido as entidades atendidas dentro de sua área de atuação. Mesmo assim os recursos sempre são poucos diante do que essas necessitam.

Investir na cultura sem condicionar a compromissos políticos, representa deixar essas entidades livres de condicionamentos que as tolheriam produtivamente.

Oxalá cumpra-se a "Carta dos Catarinenses", sem deixar seqüelas no setor cultural. Assim esperamos.

Ao concluir esta edição, após um trabalho seletivo de artigos e motivos culturais, destacamos como em nossos números anteriores a "Promoção do Folclore na Escola". O folclore na escola, destaca-se como fator importante na área educativa do ensino, pois leva a criança a estudar pesquisando os valores existentes na terra, obrigando-a a contatar com as nossas raízes culturais relacionada com a nossa maneira de sentir, pensar e agir, que se traduz nas coisas do passado e do presente.

Nesta edição, chamamos a atenção das professoras da área cultural para o artigo "Folclore na Escola", da professora Augusta Clarice Sarmento. É um importante trabalho que transforma-se numa aula de real valor.

Doralécio Soares
O EDITOR

SEIXAS NETTO

Paschoal Apóstolo Pítsica

Atendendo preceito regimental, por ocasião da posse na ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS, na Cadeira nº 25, como sucessor de AMARO RIBEIRO SEIXAS NETTO, tive oportunidade de tecer considerações sobre a obra literária desse meu prantadíssimo antecessor.

Vale destacar, nesta oportunidade, daquele discurso, os textos referentes a Seixas Netto.

"Espírito luminoso e sublime foi o de Seixas Netto, nascido em 2 de novembro de 1924; irmão na fraternidade universal.

Foi astrônomo, matemático, poeta, jornalista, professor e filósofo, sabendo refletir, como poucos, a grandeza da alma e a boa índole do povo ilhéu, modelada por tradições açoritas.

Conheci Seixas com intimidade, pois freqüentava sua casa, desde os idos em que residia à Rua Duarte Schutel, e guardo, como régio carinho, "GEOMETRIA DO ÁTOMO", que editou quando trabalhava no Diário da Tarde, com dedicatória datada dos turbulentos, incertos e belicosos dias em que se instalara novo regime no País. Lembrei-lhe, num desses nossos últimos encontros, que já se haviam passado mais de vinte anos da oferenda, cujos termos estariam prescritos pelo decurso do tempo, carecendo, por isso, de outra, na mesma página, convalidando a afeição anterior.

Foi em "GEOMETRIA DO ÁTOMO" que demonstrou seu saber nas pesquisas atômicas. Livro profundo, técnico, científico onde Seixas, no esplendor de sua atividade, desenvolve todo esforço na geometria das moléculas atomísticas. Esse livro, sobre a física do átomo, foi recebido, com muito respeito, pelas áreas técnicas de vários países, tendo inclusive sido traduzido para o idioma de Cervantes.

Em "NEM DEUSES NEM ASTRONAUTAS", mostrou seu conhecimento de astronomia, respondendo a interrogações sobre o universo e o nosso planeta, rbelando-se contra aqueles que invocaram seres distantes ou longínquos, para tutelar-nos. Entendeu que esse fato não se coadunava com a grandeza humana.

Publicou também, "POVOADORES DO UNIVERSO", "GÊNESE ESTELAR" e "OS SIGNOS E OS HOMENS". Suas obras comprovam que abandonou conscientemente os proveitos materiais da vida para ir buscar nos segredos e nas belezas do universo, a água que saciava a sua sede. Tal qual um profeta, soube interpretar inteligentemente a alma do cosmos.

Recebeu o selo da divindade. Foi daqueles a quem Orion, filho de Euríale, entregou seus instrumentos e permitiu ingressar na natureza, levantando o véu da noite para profanar as vestes puras de Diana, transformada em estrela do céu. Por certo, quem hoje olhar no firmamento estrelado, perceberá que existe uma outra luz, radiando força, sabedoria e beleza.

Como ecologista, soube defender o meio ambiente. Como folclorista, preservou a memória limpa das tradições dos ilhéus, colhendo valiosos subsídios para a nossa Comissão Catarinense do Folclore.

Cantou, com todo amor, como poeta, a vida do povo ilhéu. Simples, humano e sincero, extraiu desse convívio lições do mais alto valor.

Tombou em plena atividade, quando muito se esperava de tão bela criatura, surpreendendo a todos nessa iniciação à imortalidade, no dizer de Madame Yourcenar, em "Memórias de Adriano".

Quando Seixas Netto faleceu, em 23 de maio de 1984, a imprensa noticiou que Santa Catarina perdia um de seus últimos "bruxos". Não creio feliz a expressão. Seixas, como Mâncio Costa e Juvêncio Martins da Costa, tinha como todos eles, em comum, essa alma e esse temperamento florianopolitano. Não é fácil dizer o que seja esse predicado: essa alma e esse temperamento florianopolitano! Muito de poeta, de mestre, de amigo, de sábio, de cientista, de melodioso, de conselheiro, de professor, de artista, de malicioso, de irônico e, principalmente, de curioso, modela esse irrequieto homem ilhéu!

De Seixas Netto, pranteadíssimo acadêmico o qual sucedo com muita honra, guardo, reconhecido a relíquia do seu incentivo para trazer-me para cá, para esta ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS, sem jamais imaginar que o destino iria fazer-me seu sucessor, ferindo assim, este meu coração, porque sua ausência me é tão dolorosa. Esperava muito ser seu Confrade, jamais encontrá-lo imortalizado entre aqueles que passaram, como maiores expoentes, e que agora compõem o valoroso acervo e patrimônio cultural, moral e humanístico desta Academia de Letras.

Todavia, se estou privado de sua presença e amistosa convivência, vejo neste momento a sua felicidade por tudo haver transcorrido assim e vejo mais, a sua mão fazendo aquele amplo gesto de apresentação aos meus pares, a quem saúdo fraternalmente. Muito obrigado!

Nasceu A. SEIXAS NETTO, no dia 2 de novembro de 1924, sob o signo de escorpião.

SEIXAS NETTO fez a Escola Complementar em 1942. Nesse mesmo ano, estreou no jornalismo de Santa Catarina. Em 1945-47, fez curso de matemática, em Florianópolis. Estudou meteorologia com o Prof. JUAN YAZICH, maior meteorologista da América Latina d'entao, na Universidade de Córdoba, na Argentina, nos anos de 1948-51. Fez estágio, em

1952, estudando Meteorologia Física, com o Professor JUAN MARIA BERGEIRO, do Instituto de Estudos Superiores, no Uruguai. Com esses três cursos tornou-se astrônomo.

Em 1963, fez o curso de Sistema de Ensino Comercial do Ministério de Educação e Cultura e o Seminário Pedagógico para Professor do Ensino Comercial. Fez Curso de Introdução às Relações Públicas da Escola A. Pub. da Fundação Getúlio Vargas e o Curso de Comunicação Audiovisual da Universidade Federal de Santa Catarina. Em 1965, Curso de Psicologia Aplicada à Publicidade, no Departamento Regional do Ensino Comercial. Em 1966, Curso de Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Catarina; e Curso de Atualização sobre Desportos e Psicologia Desportiva; nesse mesmo ano, Professor HONORIS CAUSA, do Colégio Pio XII. Em 1967, Curso de Técnica do Jornalismo, no Curso de Jornalismo, e ainda, Curso de Legislação Tributária e Trabalhista. Em 1968, Curso de Literatura Especializada sobre FRANZ KAFKA, na Universidade Federal de Santa Catarina.

A. SEIXAS NETTO, pertencia a inúmeras Academias nacionais e estrangeiras, dentre as quais.

— Academia Catarinense de Letras;

— Academia de Letras, Ciências e Artes, de Londrina — Paraná;

— Academia de Ciências de Roma — Itália;

— Instituto Arqueológico de Palermo — Itália;

— Instituto de Ciências Astronômica e Cosmológica, da Universidade Leonardo da Vinci, Palermo — Itália;

— Academia Teatina para as Ciências, Pescara — Itália.

— Comissão Catarinense de Folclore (Secretário-Geral — Florianópolis — SC);

— Associação Catarinense de Escritores, Florianópolis — SC;

— Academia Marconi, Itália (homenagem Post-mortem);

— Medalha e Diploma do Mérito Municipal de Florianópolis, concedido pela Câmara de Vereadores;

— Fundador do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina;

— Fundador da Casa dos Jornalistas de Santa Catarina;

— Verbete na Enciclopédia Brasileiros de Hoje, de Afrânio Coutinho, dentre outras. . .

Livros Publicados:

— Política (1946);

— Princípios Gerais de Mecânica da Velocidade e do Movimento no Campo Eletromagnético conjugado de matéria e energia (1951);

— A geometria do átomo;

— Povoadores do universo;

A. SEIXAS NETTO

Professor, Jornalista, Escritor, Astrônomo, Astrólogo; Meteorologista; Pintor, Poeta; Historiador, Kardecista; Positivista; Maçon; Naturalista; Existencialista.

Faleceu a 23 de maio de 1984.

Posse do Escritor A. Seixas Netto na Academia Catarinense de Letras.

Miniatura do Diploma da Comissão Catarinense de Folclore, concedendo o "Título" de Membro-Honorário à professora Ana Maria Amaro, residente em Portugal, por ter sido considerada "Personalidade para o desenvolvimento Cultural e do Folclore".

FOCLORE

AS FESTAS PASCOAIS NA ILHA DE SANTA CATARINA

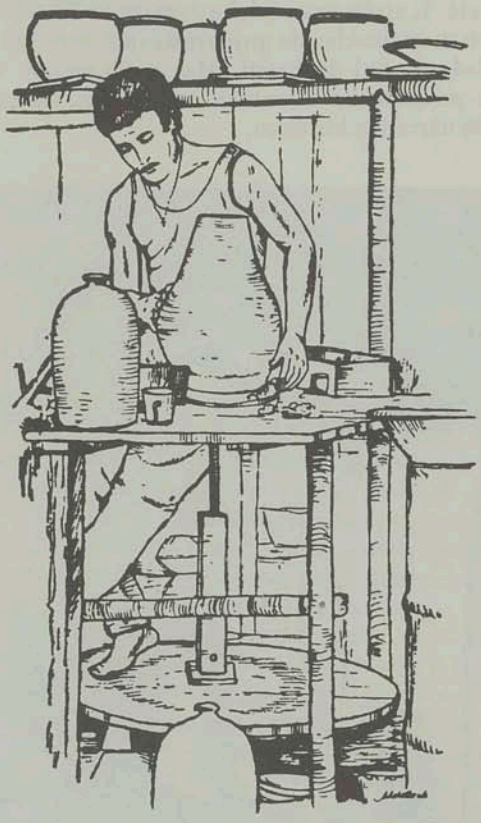
A. Seixas Netto. . .

Poderá ser estranho ao leitor o título de AS FESTAS PASCOAIS NA ILHA DE SANTA CATARINA. Mas, em verdade, há um verdadeiro repertório histórico nas Festas Pascoais do interior ilhéu. Os povoadores açoritas da Ilha de Santa Catarina para cá trouxeram usos e costumes lusos e mesmo criados no Arquipélago dos Açores; e o conservam com certa pureza até o começo do século vinte, como um lenitivo à nostalgia e à saudade da terra nativa distante perdida no oceano Atlântico ou mesmo, mais longe, as verdes terras do Algarve ao Minho, onde manava a saga do Viriato o lendário herói na nacionalidade portuguesa. Povo eminentemente católico, o lusitano fez no culto religioso o elo com a Pátria longínqua. Nossas vilas, povoações —, que os açoritas e lusos diziam póvoas —, e mesmo sítios e charnecas, tinham e conservam até hoje nos registros, o orago protetor. É ver nomes como Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa, Nossa Senhora da Santíssima Trindade, etc. Cada vila dedicava grandes festejos, cultos, usos e costumes aos seus oragos, e que originou festividades típicas locais e procuradas, como recepção aos habitantes de outras vilas. Havia até mesmo um calendário empírico de concordância desses festejos. Santo Antonio de Lisboa era notável pelas festas ao Taumaturgo de Lisboa e, por extensão, aos Santos Juninos; A Trindade dignificava a Santíssima Trindade e o Espírito Santo com festejos que ainda hoje se repetem, mas não com a grandiosidade e a devoção do passado. Mas vejamos os festejos pascoais ilhéus. A tradição do Carneiro Pascoal foi pelos lusitanos lá pelo ano 1.200, dada a falta de ovinos em Potugal e pela influência das touradas, renovada usando o boi. O bode expiatório, foi, em síntese, substituído pelo boi. E era ver nas vilas, às vésperas de Semana Santa, o rito e a festa, um tanto brutal, o Boi na Vara. O boi era solto e a multidão o perseguia, a unhas e dentes, a pedradas e paus, como se perseguisse o diabo pelas ruelas e trilhas das vilas, até que o animal esgotado era batido. Estava cumprida a função do Boi expiatório. Era folclórico mas os exageros e o perigo de bois soltos, desesperados, que faziam vítimas

defendendo-se, obrigou as autoridades a ir extinguindo aos poucos. Hoje não mais há. Depois, o ritual da malhação do Judas, no sábado da Aleluia. Um miserável boneco de pano e palha era puxado pelas ruelas das vilas recebendo pauladas a torto e a direito e depois cremado, numa rememoração ao ato de Judas que levou Cristo ao Crucifixo. E havia versos relativos, de misturada com gritaria: "O judas está no pau, está sim senhor" e por aí a fora. E as missas da Ressurreição, com alegrias, barraquinhas, brindes, jogos, etc. E assim era o folclore pascal na Ilha de Santa Catarina, hoje abatido sob a avalanche do progresso que uniu as vilas formando a mais bela cidade do Sul do Brasil. Mas, pelo menos, conservemos as informações do passado, na estrutura real: serve, inegavelmente, para embasamento da narrativa histórica.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa.

CERÂMICA POPULAR UTILITÁRIA E FIGURATIVA NO FOLCLORE BRASILEIRO



Doralécio Soares

As pesquisas atestam que a arte da cerâmica é de origem que se perde através dos tempos, e os registros dizem que os povos primitivos modelaram figuras e objetos de utilidades em barro que se asemelham em sistema, forma e característica à arte da cerâmica ainda hoje existente no Brasil.

É uma tradição que os artesãos portugueses que aqui chegaram encontraram os povos indígenas trabalhando o barro, fazendo na cerâmica os seus vasos utilitários muito rudimentares, bem como na cerâmica figurativa muito inexpressiva. Mas é na civilização marajoara que foram encontrados maiores valores e expressividade da arte ceramista indígena. Entretanto já os que habitavam os sambaquis praticavam a arte do barro, confeccionando seus vasos utilitários que ornavam com flores, frutos e animais reptis.

Segundo os historiadores, antropólogos e etnógrafos, as pesquisas atestam serem encontradas nas urnas funerárias dos indígenas marajós, as chamadas "igaçabas" (um tipo de jarra nordestina), figuras e os mais diversos adornos em relevo, representando formas de coisas extintas e simbolismos indecifráveis.

Entre os objetos de cerâmica utilitária, ressaltava o valor artístico das peças e objetos, cuja confecção estava a cargo das mulheres, visto que os homens se dedicavam à caça e à pesca.

Mas foram realmente os portugueses com os jesuítas que instalaram as primeiras olarias no Brasil, levados pela necessidade do fabrico de tijolos e telhas na construção de Colégios, casas, fazendas, etc.

Com a habilidade encontrada nas mãos destras dos aborígenes foi fácil aos jesuítas desenvolverem os processos rudimentares empregados pelos índios, que se tornaram hábeis oleiros. O processo foi-se desenvolvendo com introdução do torno oleiro, forno coberto, etc.

CERÂMICA POPULAR DO NORDESTE

Esta herança permanece até aos nossos dias. E como foi no nordeste ou, por outra, na Bahia, onde foram instaladas as primeiras olarias, permanecem no nordeste os verdadeiros mestres barristas da cerâmica no Brasil. Cabe à Bahia e Pernambuco os lugares de destaque, onde verdadeiros artistas, os "Barristas Bonequeiros do Brasil", reproduzem os mais variados aspectos dos motivos e costumes populares em figuras de barro, animais, pessoas, objetos de uso doméstico, figuras típicas, figuras da crença popular, danças populares, etc.

Em Pernambuco, na cidade de Caruaru, nasceu e viveu o mais afamado de todos os Barristas brasileiros, Vitalino. Vitalino reproduziu todos os motivos e costumes do nordeste, as peças de Cerâmica Popular de Vitalino encontram-se espalhadas pelo Brasil inteiro, em mãos de colecionadores bem como no exterior. Outros também o seguiram com a mesma habilidade, mas o nome de Vitalino torna a peça mais valiosa. Falecido há anos passados, os seus filhos continuam o seu trabalho. Muitas outras cidades como GOIANA, também têm os Barristas bonequeiros. Encontramos os seus trabalhos em quase todas as feiras desses Estados.

Destacam-se hoje como os mais afamados ceramistas do Brasil, em cerâmica utilitária, Zé Caboclo de Caruaru e José Antônio do Trucunhaem, em Pernambuco, sendo José Rodrigues, também de Caruaru, o ceramista popular de maior evidência dado o estilo empregado nos seus santos de barro vidrado, vasos e potes, de tal beleza, que não são encontrados em outra parte do Brasil.

SANTOS DE BARRO

E por falar em Santo de barro, foram esses tipos de imagens que mais destaque deram aos altares das igrejas no Brasil, sendo o seu início no século XVII. A história dos artistas santeiros do Brasil constitui um capítulo à parte. Entretanto a herança dos artistas ceramistas bonequeiros do Brasil deve-se aos mestres santeiros de barro.

CERÂMICA UTILITÁRIA DOMÉSTICA

Sobre a Cerâmica Utilitária, vamos encontrá-la nos seus mais variados aspectos pela maneira de sua utilidade. Ainda no norte e nordeste, onde a economia do povo é mais restrita, encontramos objetos de uso doméstico de todas as utilidades. PANELAS, CANECOS, VASOS SANITÁRIOS, MORINGAS ou BILHAS ou ainda QUARTINHA, que são pequenos depósitos de água para se tomar ou beber água, que se fabrica até em forma de aves e outros animais. TALHAS e JARRAS são depósitos grandes de água para uso doméstico com capacidade além de 50 litros, que é transportada da Cacimba (poço) em latas ou potes pequenos de barro.

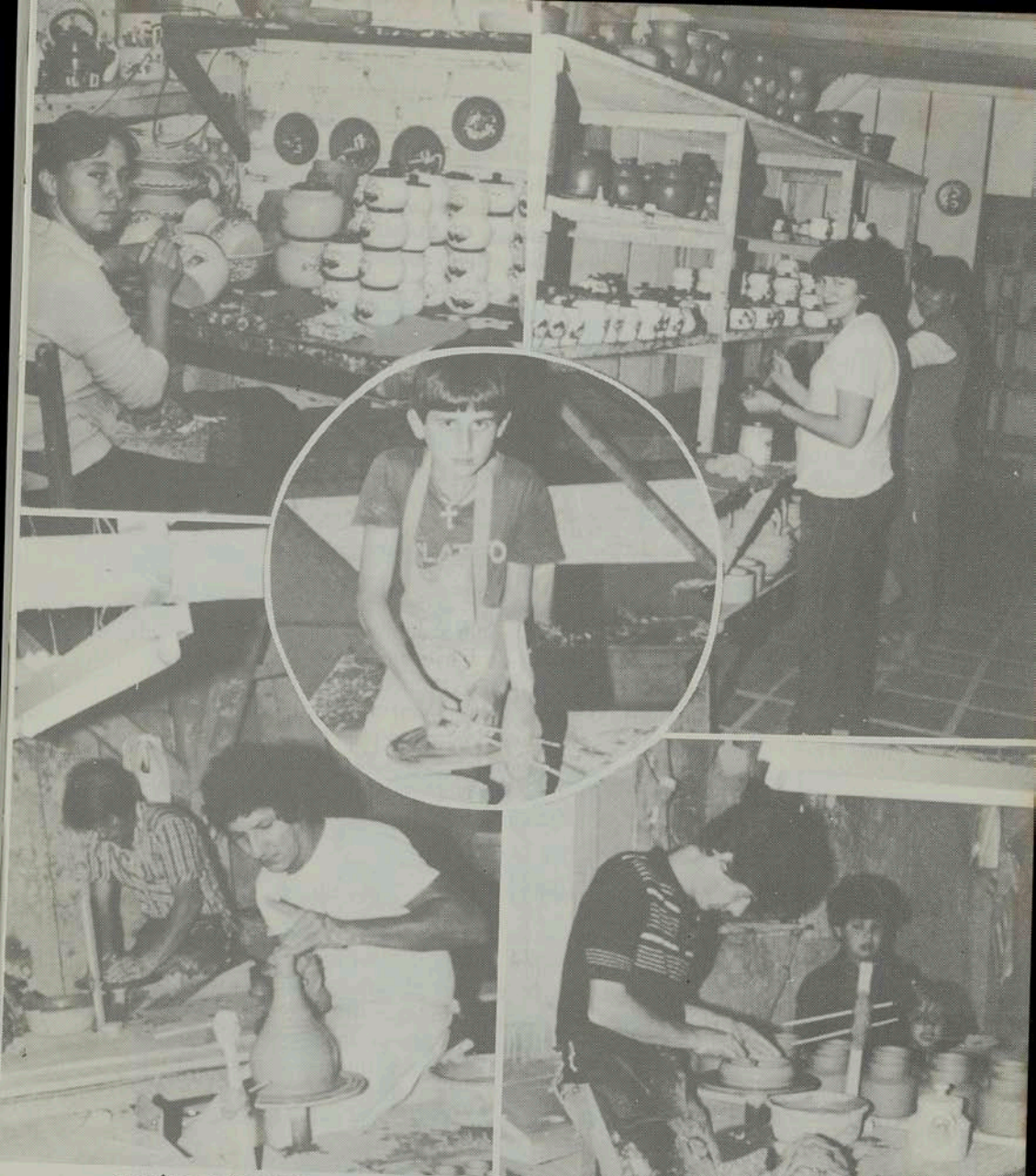
Em todos os Estados do norte ou nordeste ainda hoje se faz a cerâmica acima descrita e não só naqueles Estados como também no centro e sul do país, como vemos em nossa Capital, objetos não tão utilitários, dada a melhor economia do povo, mas que comumente se utiliza.

CERÂMICA DE SANTA CATARINA

Em Santa Catarina vamos encontrar a Cerâmica Utilitária e a popular, nos municípios da zona litorânea e no Vale do Itajaí.

O sistema de fabricação da cerâmica utilitária catarinense é o mesmo do norte e nordeste. A modelagem é executada no torno do oleiro, cuja habilidade na feitura das peças faz com que das mãos de artistas natos surjam, como por encanto, os mais belos e perfeitos objetos de barro.

Isso pode ser apreciado pelo Turista, ou pessoas interessadas em ver a habilidade dos nossos ceramistas, a poucos quilômetros da Capital, no município de São José.



CERÂMICA "CERU"
Aspectos internos. Fotos do autor.
Centro: Antenor Seib — 13 anos (Aprendiz) — Blumenau
ARTESÃOS: 2-3 — Ademar Kreutzfeld — Indaial
— José Ribamar Noronha de Oliveira. — Fortaleza
4: Enio Kraemer — Blumenau

Uma das nossas heranças está na cerâmica figurativa e utilitária doméstica. Apesar de o município de São José, que no passado reunia mais de uma dezena de olarias na produção da cerâmica utilitária, estar na época atual restringido a uma meia-dúzia, temos ali, o ceramista Onildo Ricardo dos Santos e sua família que desenvolvem um trabalho de figuras antropomórficas e zoomórficas com grupos de danças, bichos, santos, presépios e figura ligadas ao folguedo popular do nosso folclore, com Boi-de-mamão, Pau-de-fita, Orquestra de Sapos e outros. O ponto alto da produção dessa família de ceramistas está na criatividade de máscaras, as mais diversas, incluindo-se fachadas de casarios decorativamente pintadas, além de variada produção de peças de cerâmicas doméstica e decorativa, para ornamentação.

Na localidade que se denomina "Ponta de Baixo" temos também a artesã Anésia Silveira, dedicada a motivos do nosso Folclore, com figuras bem aprimoradas. Presépio, Boi-de-mamão, Pau-de-feita, Orquestra de Sapos, Dança dos 25 Bichos, etc., sendo a sua maior produção a de "frades", muito procurada pelos turistas.

As olarias existentes em outros municípios da orla litorânea desenvolvem trabalhos de cerâmica de utilidades domésticas e ornamentais, destacando-se as fábricas de artefatos de barro nos municípios de Pomerode, Brusque e Blumenau, algumas com os tornos oleiros, movimentados à força elétrica. Já as olarias do município de São José e outros municípios ainda conservam o sistema do torno movimentado pelo pé do oleiro.

Essas cerâmicas localizadas nos municípios do Vale do Itajaí são todas trabalhadas por ceramistas teuto-brasileiros, cujos conhecimentos naturalmente foram desenvolvidos por aculturação.

CERÂMICA DO VALE DO ITAJAÍ

Damos destaque à Cerâmica do Vale do Itajaí, visto que sendo a Cerâmica de origem indígena, vamos encontrá-la na zona de colonização alemã, obedecendo o mesmo estilo de modelamento, amassamento do barro, o mesmo torno oleiro, e disposição de forneamento, etc.

Notamos mais cuidados no acabamento, assemelhando-se à Cerâmica encontrada no norte e nordeste. Entretanto os ceramistas teutos dos municípios de Blumenau, Pomerode e Brusque aperfeiçoaram o seu produto utilizando um envernizamento único, que muito vem valorizar os artefatos de barro de suas fabricações.

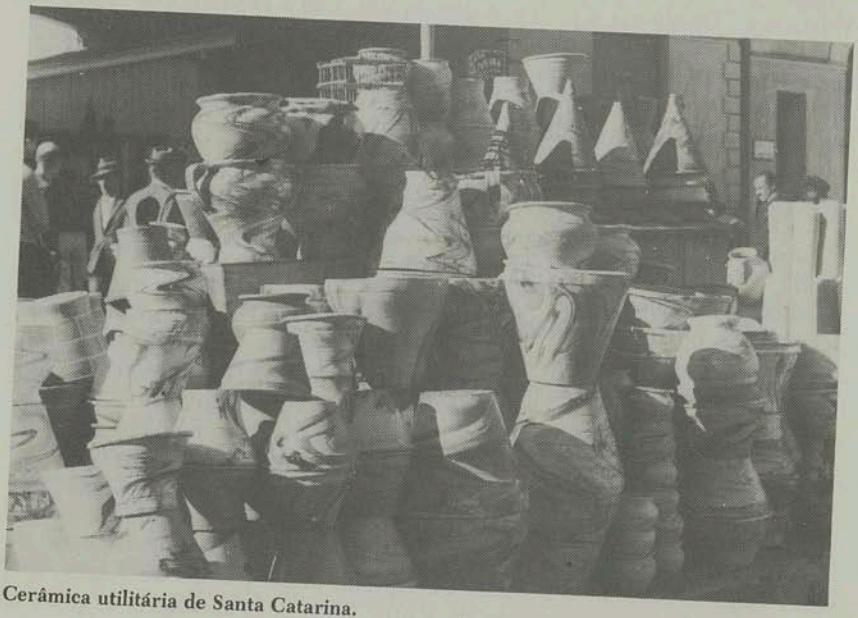
Esse envernizamento que obedece uma técnica especial, dá ao objeto uma cor de café preto, que constitui segredo profissional.

A variedade das louças de barro dessas cerâmicas são diversas, incluindo-se entre elas xícaras para cafezinho e média, vasos e vasilhames de vários tipos; e as pequenas panelas em que são servidas as feijoadas nos restaurantes de São Paulo e Rio procedem de Santa Catarina.

Observamos que essas fábricas de cerâmica da zona teuta são bem organizadas, sendo os seus produtos muitos procurados, principalmente os objetos utilizados pelos restaurantes de São Paulo e Rio.

Segundo dados colhidos, as cerâmicas de Blumenau e Pomerode já vão para a quarta geração, dentro do mesmo estilo e tradição.

CERÂMICA "Artefatos de Barro Pomerode"
Artesão Ewald Gramkow, natural de Ibirama, (SC).
Aspectos internos da fábrica. Fotos do autor.



Cerâmica utilitária de Santa Catarina.

A SANTA DO CANUDINHO DE LAGES

Victor Antônio Peluso Júnior

1 — "O culto da Natureza nasceu com a própria cultura humana", escreve Oswaldo Cabral (1979, 261). Através de longa evolução, em que os elementos naturais foram interpretados de formas diversas pelo povo, as populações que vivem isoladas ainda são atraídas por aspectos particulares que a natureza apresenta. As rochas, em particular, têm tido o poder de influenciar a imaginação dessas populações". Às pedras ligam-se lendas e superstições entre todos os povos — afirma Cabral — 'ela foi o fetiche de todos os povos na sua infância', como disse Renan. Há pedras fatídicas e pedras malditas, da mesma forma que há milagrosas e sagradas. Para certos grupos culturais, podem ser a petrificação de seres humanos determinada como castigo de culpa; para outros, podem ser dotadas de vida, capazes de se locomover e de apresentar sentimentos humanos (Cabral, ob. cit., 267). Euclides da Cunha lembra as cenas dolorosas de Pedra Bonita — bloco solitário na Serra Talhada, em Pernambuco, em 1837, em que um iluminado anunciava o próximo advento do reino do rei D. Sebastião. "Quebrada a pedra, a que subira, não a pancadas de marreta, mas pela ação miraculosa do sangue das crianças, esparzido sobre ela em holocausto, o grande rei irromperia envolto de sua guarda fulgurante, castigando, inexorável, a humanidade ingrata, mas cumulando de riquezas os que houvessem contribuído para o *desencanto*. . . Em torno da área monstruosa comprimiam-se as mães erguendo os filhos pequenos e lutavam, procurando-lhes a primazia no sacrifício (Cunha, 1979, 98).

O Estado de Santa Catarina possui, também, rochedo saliente que foi alvo, 1897, de culto caboclo para desencantar a SANTA nele transformada. É episódio da religião rústica do povo do planalto. Custou a vida a soldados e a caboclos, a uns por tentarem dissolver a aglomeração então formada, a outros por defenderem suas crenças. Foi no município de Lages, no lugar Entre Rios, distrito de Campo Belo, na parte atualmente pertencente ao município de Anita Garibaldi, dele desmembrado, que estes acontecimentos tiveram lugar. A história os conhece sob a denominação de "Canudinho de Lages", por ser, igualmente, mas em pequena dimensão, revolta cabocla que ocorria na mesma época do drama de Canudos, no sertão baiano. Em geral as obras sobre a guerra do Contestado a eles fazem referência, omitindo a parte da SANTA encantada nas rochas de Entre Rios, porque os conhece através da obra "Reminiscências" de Frei Rogério Neuhaus, piedoso franciscano então pároco de Lages, que resumidamente narra os fatos de Entre Rios, sem se referir às práticas

religiosas a respeito da SANTA. Sem tentar sua interpretação, faremos a exposição do episódio de Entre Rios, baseando-nos nas edições do jornal "Região Serrana", de agosto e setembro de 1897, e nas informações de Frei Rogério Neuhaus.

2 — O desertor do exército, dizendo-se irmão do monge João Maria, chegou a Entre Rios. A área é de derrame basáltico. Quando atacadas pela erosão, essas rochas formam paredões irregulares bastante elevados, dando, por vezes, a ilusão de encerrarem figuras humanas.

O desertor olhou o alto paredão rochoso ao fundo, parecendo-lhe perceber um vulto confuso. *Passou a afirmar ser aquilo uma SANTA encantada, transformada em pedra, que era necessário desencantar.* Entregando-se a essa missão, pareceu-lhe melhor apresentar-se como São Miguel, passando a ser chamado *São Miguelito.*

Entre Rios fica na confluência dos rios Canoas e Pelotas, cursos d'água que nascem a cerca de 1800 m acima do nível do mar, nos planaltos do Morro dos Padres e do Morro da Igreja, e descem à altitude de 500 m quando se unem para formar o rio Uruguai. Nessa parte o clima é quente, permitindo culturas tropicais, como a cana-de-açúcar. Os habitantes da região, lavradores da área florestal, viviam da pequena lavoura no meio da mata e da extração da erva-mate. Não havia estradas. A vida social era mantida por meio de contatos ocasionais com pessoas em viagem através de picadas na floresta, conversas nas pequenas casas comerciais à beira dos caminhos de cargueiros, visitas a amigos e reuniões com baile ou rezas. A população mantinha intensa religiosidade, cultivando catolicismo rústico sem a vigilância de sacerdotes.

Havia, em Entre Rios, um engenho de açúcar, onde se instalou São Miguelito; na casa próxima, ficou Francelino Subtil de Oliveira, comerciante na região, que se tornou o sacerdote da religião que nascia. Os crentes, chegando com suas famílias, construíam cabanas ao redor. Junto ao rocio do engenho foi levantada a igreja. Preces e ladainhas intermináveis eram cantadas por mais de trezentas pessoas ali reunidas.

As práticas religiosas eram simples. Além de rezas e cantos, os adeptos do culto confessavam-se a Francelino Subtil de Oliveira, que lhes impunha a penitência de andar, por certo tempo, com uma pedra na cabeça. O valor das rezas, porém, não era suficiente para desencatar a SANTA. Havia necessidade imperiosa de se entregar a São Miguelito doze virgens, que seriam, mais tarde, as santas mães de doze apóstolos.

Os caboclos estavam prontos a rezar e cantar, a cumprir as penitências, mas *dar a São Miguelito suas filhas para que as fizesse mães dos doze apóstolos era diferente.* Enquanto essa exigência não era cumprida, continuaram todos a rezar, cantar e confessar-se.

3 — A falta de comida fez sentir-se no acampamento. A solução mais fácil era arrebanhar o gado nos campos. Saíram os homens para essa tarefa, e aproveitaram a oportunidade para aumentar o número de

crentes, obrigando os agregados das fazendas a acompanhá-los no culto à SANTA.

O Coronel Henrique Rupp, fazendeiro no município de Campos Novos, na margem direita do rio Canoas, pediu providências ao Governador Hercílio Luz.

O Tenente Firmino Neto, comandante do destacamento policial de Lages, recebeu a ordem de dispersar os fanáticos. Chegado a Campos Novos, por onde o acesso era mais fácil, a coluna recebeu o reforço de civis dedicados aos Coronéis Henrique Rupp e L. Matos.

A reação dos devotos de Entre Rios foi surpreendente. Não houvera qualquer entendimento entre eles e as autoridades, e seria de esperar que a expedição os encontrasse desprevinidos. Mas isso não aconteceu. Entrincheirados atrás de taipa de pedras, armados de espingardas caçadeiras, receberam os soldados e seus aliados sob cerrado tiroteio, ao mesmo tempo que, recuando, iniciaram manobra envolvente para atacá-los pela retaguarda. O Tenente Firmino, percebendo o perigo, ordenou a retirada, porém não conseguiu evitar a emboscada que os fanáticos, atalhando pela floresta, lhe prepararam, e na qual perdeu dois homens.

O Governador Hercílio Luz pediu auxílio ao Estado do Rio Grande do Sul, pois os fanáticos, estando acampados na divisa dos dois Estados, poderiam fugir para o território vizinho.

Forte expedição militar foi organizada sob o comando do Tenente-Coronel Gastão Cotrim, enquanto no Rio Grande do Sul avançava a tropa sob o comando do Coronel Bento Porto. A chuva atrasou a marcha dos expedicionários catarinenses. O Coronel Bento Porto atacou o acampamento fanático, encontrando encarniçada resistência. À chegada das forças de Santa Catarina os caboclos, depois de breve luta, desanimaram e embrenharam-se na mata.

O acampamento — casa de moradia, igreja e cerca de oitenta ranchos — foram incendiados. Ao contrário do que se supõe, não houve massacre de caboclos. Quando os atacantes entraram no reduto, encontraram sete mortos e um ferido em estado grave. Os homens restantes fugiram, e as mulheres e crianças não foram molestadas.

O desertor — *que se dizia São Miguel* — fugiu antes do primeiro ataque. Frei Rogério Neuhaus narra o que lhe sucedeu. "Este último — São Miguelito — vendo que o negócio entrava na fase comprometedora escapuliu alegando a necessidade de ir a Roma, em visita ao Papa, era necessário, porém, dizia, que levasse uma menina. Pedro Subtil de Oliveira ofereceu-lhe sua filha, de 10 ou 12 anos. Com esta pobre vítima o homem fugiu para o Barracão. Entretanto neste lugar numa casa, a menina foi logo para cozinha, queixando-se à dona da casa e narrando sua desgraça. A Senhora chamou o marido, contando-lhe tudo. Avisaram o comissário de polícia, que prendeu o malfeitor, mandando-o para Porto Alegre".

O jornal Região Serrana, Nº 31, de 3 de outubro de 1897 noticiou

o fim do outro chefe dos fanáticos, o "sacerdote" daquele culto: "cartas de Campo Belo noticiaram que foi assassinado Francisco Subtil de Oliveira, ex-chefe da jagunçada de Entre Rios".

4 — A vida do "Canudinho de Lages" foi breve. O jornal Região Serrana, de 8 de agosto de 1897 deu a primeira notícia da aglomeração de Entre Rios, e sua edição de 19 de setembro do mesmo ano narrou sua destruição.

Os governos dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, temerosos de que o ajuntamento na confluência dos rios Canoas e Pelotas produzisse, no Sul, a mesma revolta camponesa dos fanáticos de Antonio Conselheiro em Canudos, agiram com energia pouco comum, exterminando-o.

O grupo de Entre Rios dissolveu-se, a paz voltou ao planalto catarinense, mas a religiosidade do povo continuou a mesma. Não houve qualquer mudança na maneira de vida daquela população, na sua estrutura social. E poucos anos depois, por volta de 1911, no município de Campos Novos, *outro monge surgiu, dizendo-se irmão de João Maria, e provocando a guerra do Contestado,* de que "Canudinho de Lages" foi o prólogo.

OBRAS CITADAS

1979 — Cabral, Oswaldo R. — *A Campanha do Contestado* — 2ª edição Editora Lunardelli — Florianópolis.

1979 — Cunha, Euclides — *Os Sertões* — 29ª edição — Livraria Francisco Alves S. A. — Rio de Janeiro.

1982 — Stultzer, Frei Aurelio — *A guerra dos fanáticos e a contribuição dos franciscanos* — Vozes — Petrópolis.

A FOLIA DE REIS

Claudir Silveira

"Cantemos Cantemos
Com saúde e alegria
Nossa Senhora das Graças
É a nossa companhia".

"A oferta que vos dá
Venha logo sem demora
Senhor dono da casa
Está na hora de ir embora".

"Agradeço esta oferta
Com fervor e alegria
Nossa Senhora das Graças
Seja vossa companhia".

Arranjamos um carro velho "Jovelin Javet" e fomos para o Passavinte cantar Terno de Reis. Juquinha na rabeca, Wilson no violão, Jairo no pandeiro, Luiz no Cavaquinho, eu e o Paulino na cantoria, com o livro do Doralécio Soares escondido para ler a letra das músicas que ninguém sabia direito.

Na primeira parada demos sorte. Venda do João. Além de pinga saiu até cerveja e batida de maracujá. Cantamos a segunda do livro.

"Porta aberta, luz acesa
É sinal de alegria
Mande entrar o vosso Terno
Queira a nossa companhia".

"Tais dormindo te acorda
Tais acordada levanta
Chega na porta e fala
Escuta quem tanto canta".

"Viemos de lá de longe
Passando areia de pé
Viemos lhe visitar
Você com sua mulher".

"Aqui estou em sua porta
Encostado em seu beirado
Mande nós entrar pra dentro
Filho de nobre criado".

Do Passavinte partimos pro Brejaru. Batemos na casa do Zé da Hrema. Abrimos com esta:

"Cantou o galo, nasceu Cristo
Não se avistou ninguém
Respondeu uma ovelha
Cristo nasceu em Belém".

Seu Zé tinha uma pinga da boa. Apareceu, beiju, cuscuz, cafezinho. A recepção foi boa, mandamos mais uma para o Odilo, Odilon, e Lígia.

"Bateu asa cantou o galo
Não me arrespondeu ninguém
Respondeu uma ovelha, aí
Cristo nasceu em Belém, ôi".

Do Brejaru fomos pra Fazenda, pra casa do seu Mané Silva, pai de três moças bonitas. Entramos com esta:

"Faz um mês e quinze dias
Primeira vez que meu braço te afagou
Ela jurou de me escrever um dia
E nem siquer uma carta mandou".

"Ela não sabe quanto sofri
Ela não sabe quanto padeço
Será que ela se esqueceu de mim
Será que ela perdeu o meu endereço".

"Quero mandar outra cartinha
Vou implorar em poucas linhas
Quero ver sua decisão
Eu quero que ela responda sim ou não"

Seu Mané não abriu a porta. Dentro de casa escutamos gente falando: "Pega ladrão!" Tivemos que sair correndo com os cachorros atrás de nós.

Fomos para a Cova Funda. Tava tudo fechado que já passava da meia-noite. Ficamos na frente da igreja de São Sebastião.

"Boa noite, boa noite meus senhores
Nós viemos, nós viemos aqui cantar
Que aqui era, aqui era a casa nobre
Tinha muito, tinha muito que nos dar".

Cantemos, cantemos
Assunto ao Divino
Por ter nascido
Jesus o Menino".

"As rezes, as rezes é suave
De longe, de longe foram trazidas
Pela virgem pela virgem Nossa Senhora
E a estrela que nos guia".

"Cantemos, cantemos
Assunto ao divino
Por ter nascido
O Jesus menino".

"A oferta, a oferta que nos destes
Lá no céu, lá no céu, haveis de achar
Uma cadeira de ouro pra vós
Para vós se assentar"

Abriram a janela de uma casa e apareceu uma garrafa de licor de amendoim, café e rosca de polvilho. Juquinha se excedeu no licor e se afastou para lançar. O homem só melhorou com café preto sem açúcar. Meio vexados, fomos saindo cantando:

"Ó que noite tão bonita, ai, ai. . .
Ó que céu tão estrelado, ai, ai. . .
Estava Nossa Senhora, ai, ai. . .
Com seu filhinho assentado, ai, ai. . ."

"Eu trago no coração, ai, ai. . .
Uma imagem arretratada, ai, ai. . .
É a imagem de Nossa Senhora, ai, ai. . .
Como sempre tenho do meu lado, ai, ai. . .

"Esta oferta que nos destes, ai, ai. . .
Lá no céu os anjos te ajuda
E a Virgem Nossa Senhora, ai, ai. . .
Te dê muita saúde, ai, ai. . .

"Tá ventando vento sul, ai, ai. . .
Eu agora estou cantando
Meu peito não está bom, ai, ai. . .
A minha voz está se acabando, ai, ai. . .

"Meu sinhô dono da casa
Abra a porta acende a luz
Anda vê a estrela Dalva
Aí com o seu menino Jesus".

O desgraçado do carro resolveu encrencar logo na Cova Funda. Não teve jeito de andar. Deixamos ele por lá mesmo. Depois de umas três paradas chegamos em Palhoça. Já estava raiando o dia. Paramos na praça, no bar do Dorinho que já estava aberto para servir café para o pessoal que vai cedo para Florianópolis. Encerramos com estas músicas:

"Té amanhã se Deus quiser ai, ai. . .
Eu agora estou cantando
Meu peito não está bom, ai, ai. . .
A minha voz está se acabando, ai, ai. . .

Ao nosso grupo de cantoria se juntaram o Cido do Pepé e o Tavinho que estavam no bar do Dorinho discutindo sobre não sei o que. Para acalmar os ânimos metemos mais uma.

"Papagaio da pena verde
Anda no ar voando
Anda de porta em porta
Na sua casa cantando".

"Esta oferta que vós nos dá
Lá no céu há de achar
Uma cadeira de rosas
Para vós se assentar".

"Senhor dono da casa
Queira nos desculpar
Que os dias são pequenos
Temos muito que andar".

Fomos encerrar o Terno de Reis cantando para a Inês e a Ortência.

"Dona Inês e Dona Ortência
São duas moças faceiras
Quem fala mal delas tem inveja
ou está falando besteira".

VOCABULÁRIO

Folia de Reis — Festa de origem açoriana para comemorar o nascimento de Jesus. Do Natal até 06 de janeiro (dia dos Reis Magos: Belchior, Gaspar e Baltazar) costuma-se organizar os Ternos de Reis que são grupos de pessoas (geralmente três pessoas mas a elas se juntam outras). Os Ternos percorrem as ruas da cidade anunciando o nascimento de Jesus e pedem ofertas em dinheiro ou bebidas. As músicas cantadas pelos Ternos são de fundo religioso ou folclórico.
Brejaru — Localidade ao norte do Município de Palhoça.
Fazenda — Localidade ao norte do Município de Palhoça, próxima ao morro da Pedra Branca.
Cuscuz — Alimento feito com massa da mandioca e temperado com cravo e erva doce.
Lançar — Vomitar.
Vexado — Envergonhado.
Cova Funda — Localidade ao oeste do Município de Palhoça. Seu nome atual é São Sebastião.
Inês e Ortência — Duas senhoras muito conhecidas dos jovens das décadas de 50 e 60.
Bibliografia — Versos do Terno de Reis extraídos do livro "Aspectos do Folclore Catarinense" do escritor Doralécio Soares.

** Claudir Silveira, membro da Associação Catarinense de Escritores, natural do Município de Palhoça, nascido em 02 de outubro de 1939, iniciou-se na arte de escrever com seu primeiro livro, uma monografia sobre sua terra, em que analisa os bens "culturais e patrimoniais" e administrativos do município.*

Agora lança "Balaios de Caranguejos", que além de ser uma obra de protesto contra a não-preservação dos bens patrimoniais ali existentes, focaliza o que existe de mais belo nas tradições palhocense. É uma obra que merece ser lida e comentada pela importância do conteúdo que se insere em suas páginas.

Do livro "Balaio de Caranguejos"

BALAIO — Cesto de palha, de talas de bambu com fundo de cipó, muito usado na região de Palhoça para carregar ou guardar objetos.

CARANGUEJO — Devido à abundância de caranguejos nos mangues de Palhoça, os palhocenses são apelidados de caranguejos. Nos sentido metafórico, "Balaio de Caranguejos" seria a reunião de palhocenses para vivenciar os valores da terra natal.

ITALIANOS E ALEMÃES INFLUÊNCIAS GAUCHESCAS

Doralécio Soares

Muito se tem escrito sobre os italianos e alemães que imigraram para o sul do Brasil, localizando-se em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Posteriormente, esses na sua maioria italianos bem como uma minoria de alemães e poloneses se transferiram para o Planalto Catarinense, vindos do Rio Grande do Sul.

De Fraiburgo, Videira, Pinheiro Preto, Treze Tílias, Joaçaba, Catanduvas, Concórdia até São Miguel do Oeste, toda essa região deve seu desenvolvimento decorrentes das transferências de italianos, alemães e poloneses, estes últimos em números reduzidos, vindos do Rio Grande do Sul, Estado esse que recebeu a maioria do maior contingente do milhão quatrocentos e poucos mil italianos, que imigraram para o Brasil entre os anos de 1875 a 1906.

Essa transferência foi se processando pouco a pouco para a região do norte do Estado. Foi realmente, elevado o número de italianos e suas famílias que optaram por Santa Catarina, o que atesta as inúmeras indústrias nessa região que ali se desenvolveram, principalmente de laticínios e agropecuária.

A permanência dos costumes e aculturação de outros

"Os italianos e seus descendentes têm conservado, até a época atual, os costumes e dialetos de suas raízes culturais. Eles foram adquirindo outros conhecimentos nos seus meios subsistentes, e se aculturando transmitidos pelos gaúchos que também se transferiram para o planalto do Oeste Catarinense, onde deram continuidade à cultura pecuária com grandes fazendas e estâncias de gado bovino. Com estes, foram surgindo os inúmeros CTGs, "Centros de Tradição Gaúcha", em toda a região do Planalto. Esta miscigenação de costumes fez com que os italianos, principalmente, se transformassem em "italianos gaúchos", adotando os costumes campeiros de trato ao gado, com o uso regionalista de suas vestimentas: "chiripá, botas, bombachas, camisas coloridas, o tradicional lenço no pescoço e chapéus de abas largas".

Entre esses, porém em reduzido número, vamos encontrar descendentes de alemães, muito ativos nas "invernadas artísticas" do CTGs, como ocorreu com o nosso registro de Hilson Hoffmann, num animado "fandango" como "posteiro" no CTG "Minuano Catarinense" de São Joaquim, em certa ocasião.

Os italianos que se transferiram para o planalto catarinense, desenvolveram uma grande luta pela independência econômica de suas famílias.

Alemães Italianos

Preservando os costumes, eles mantiveram os mesmos hábitos alimentares, a mesma culinária trazida da Itália, constante de muito milho, leite, queijo, fartas saladas de "radichi", tendo a polenta como o prato do dia-a-dia. A "fortáia", fritada de ovos com queijo, na mesa do italiano, seja da serra ou de onde for, é bem recebida. São comuns as galinhadas (galinhas em pedaços cozidos no arroz, e as sopas de massas e miúdos de galinha, substanciosas pelo abundante queijo e temperos verdes.

A criação de suínos deu sustentação básica para o progresso da região, em razão da qual surgiram os grandes *frigoríficos*. Do aproveitamento do porco "saboreiam as buchadas mergulhadas em caldo bem temperado". Consomem grande quantidade de salames que após meses de porão estão prontos para o consumo, acompanhados de bom vinho, sempre presente nas refeições do italiano.

Das festas

As festas que realizam, "quase sempre são ao redor das igrejinhas ou capelas não faltando às mesmas, muito vinho, a "graspa" — aguardente de bagaço de uva e muita comida".

É comum as famílias ligadas à igreja prepararem grande quantidade de comida para os que vierem de longe comerem à vontade. Nessas festas, quase sempre, cantam horas a fio, canções que trouxeram de suas raízes culturais. Assim são improvisados corais, onde se destacam as vozes de muitos contraltos, baixos, tenores e sopranos.

Das caçadas

Esses colonos que no Oeste se localizam, são inveterados caçadores. Diz, o escritor Dante Martorano, in Gaúchos Italianos" — "De carne de qualquer animal de pêlo ou de bico, são devoradores insaciáveis. . . desde o tico-tico ao lagarto. Do gambá às pombas.

Todos os sábados e domingos, carregam as espingardas e com os cachorros se dão ao hábito da caça. E o que aparecer, morre". "Se come todo o tipo de caça. Das gordas pacas aos magros periquitos". Diz ainda, que os Italianos do Planalto, nos seus procedimentos de negócios, nunca são muito honestos. Na compra e venda de cereais, por exemplo, o comerciante e o produtor, manobram um no peso, outro na qualidade, numa verdadeira guerra. Um procurando ludibriar o outro. O vendedor de suínos na véspera, faz os animais ingerirem sal e mandioca para exasperar a sede e aumentar-lhe o peso. O comprador por sua vez, vicia — "tacha" suas balanças".

Da reparação

"De tudo admitem a reparação pelo dinheiro. Exigem o pagamento de "honra" na difamação. Pretendem reparada monetariamente a *virgindade* de suas filhas". — Prosseguindo diz: "Tais traços, são comuns a todas as populações de agricultores em qualquer Estado do Brasil desde que sejam descendentes, de italianos, vindo para o Rio Grande do Sul, no século 19. "Gaúchos Italianos" que ocuparam por inteiro o Oeste Catarinense".

Das Heranças

Conforme registrei em entrevista com descendentes desses imigrantes é quase generalizado a distribuição de Heranças, pelos que procederam de várias regiões da Itália, havendo entretanto algumas discrepâncias entre esses costumes. Vejamos! "Muitos italianos conservando o costume de suas raízes, costumavam dividir o que possuíam somente entre os filhos homens. Até por vezes, somente o mais velho, obrigando os mais moços, a trabalharem em regime de tarefas para a propriedade. Muitos, entretanto, não concordando, preferiam trabalhar para estranhos. Quando assim não era, os bens geralmente representados por terras, eram divididos entre os filhos homens, cabendo ao mais velho o maior quinhão. Asssim, procediam, visto que com esse dote, estavam capacitados para casarem, constituindo nova família".

Quanto às filhas, essas recebiam apenas um pequeno enxoval, representado por utilidades domésticas, roupas, etc. Isto, entretanto, não era *generalizando,* visto que entrevistando *certa senhora,* filha de italiano imigrante, esta me disse que seu pai dividiu em partes iguais suas terras, cabendo aos dez filhos um décimo da propriedade. Assim constou de seu inventário. Isto, entretanto, ocorreu com italianos que imigraram para o Sul do Estado catarinense.

Assim sendo, registramos grande diferença entre os italianos que *imigraram* e se fixaram no Rio Grande do Sul e os que se fixaram em Santa Catarina.

"Os italianos que se fixaram no Rio Grande do Sul, e que se transferiram para Santa Catarina, provieram de uma região italiana onde perdurava o individualismo; eram menos românticos. Foram originários do Norte da Itália, não se ligando muito a questões familiares, nem tampouco às canções que marcam o romantismo italiano da região Sul, notadamente os napolitanos. Afirmam até que desconheciam todo requinte dos "tagliarini, spaghetti e raviolli". Eram tipos cuja postura se diferenciava dos italianos provindos do Sul da Itália".

Das Mudanças

As mudanças entretanto se processaram do decorrer deste século. Hoje, já na terceira geração, constituída de empresários, médicos, advogados, economistas, ativos industriais e comerciantes, etc. Mas os que estão

plantados, nas suas produtivas lavouras, estâncias, fazendas, vinhedos e outras modalidades de negócios e culturas, ainda conservam as suas raízes culturais, blasfemando, cantando, gesticulando, jogando o tresete — o truco a lamora, a la bócia.

Da Blasfêmia

Um dos costumes que muitos herdaram e não perderam é o gosto de "blasfemar". Vários têm sido os "registros" desse tipo de costume. Entre esses, contam: — Certa vez numa festa de igreja estava previsto a vinda de um bispo. — Espera daqui, espera dali, o bispo nada de aparecer. Os festejadores já estavam altos. . . , quando é anunciada a chegada do *senhor Bispo.* No meio de palmas e *foguetórios,* alguém grita, — Viva o bispo, "Porco mio". *Viva a "poca la madona do Bispo".* E assim por diante.

CTGs do Planalto

Confirmando aculturação de imigrantes italianos pelos costumes campeiros, registramos os nomes dos Patrões do CTG "Porteira Aberta" de São Miguel do Oeste, desde sua fundação em 1959.

1 — Alexandre Tiezerinni	— 1959 a 1969
2 — João Maria Brizola	— 1969 a 1970
3 — Marcial Trilha	— 1970 a 1971
4 — Ary Barrichello	— 1971 a 1973
5 — Sérgio Volpi	— 1973 a 1974
6 — Alexandre Tiezerinni	— 1974 a 1975
7 — Idilio Volpi	— 1975 a 1977
8 — Nilson Couto	— 1977 a 1979
9 — José Minosso	— 1979 a 1980
10 — Sérgio Volpi	— 1980 a 1981

Como se observa, todos são descendentes de italianos conforme o registro do sobrenome.

Alemães e Italianos

Damos, ainda, o nome de outros CTGs da maioria dos municípios serranos: "Sinuelo da Fronteira" — Dionísio Cerqueira. "Rodeio da Tradição" — Linha Índio, Guaraciaba. "Juca Ruivo" — Maravilha. "Sapê Tiaraju" — Romelândia. "Estância Velha" — Cunha Porã. "Candieiro do Oeste" — Descanso. "Laços da Fronteira" — Santa Helena, Descanso. "Flor Caúcha" (mirins) — São José dos Cedros. "Fronteira da Querência" — Mondaí. "Sentinela da Fronteira" — Campo Erê. "Índio-Condá" e "Riachão da Tradição" — Chapecó, Porteira Aberta — São Miguel do Oeste.

Registramos ainda na zona Serrana: "Minuano Catarinense" — São Joaquim. "Barbicacho Colorado e Planalto Serrano" — Lages. "Fronteira

Campobelense" — Campo Belo do Sul. "Campestre Catarinense" — Urubici. "Potreiro da Querência" — Bom Jardim da Serra. "Os Serranos" Catanduvas. Além de outros que não possuímos registros.

Muito embora não possuamos registro dos integrantes desses CTGs, acreditamos, que a se tomar por base os que integram o CTG "Porteira Aberta" os demais se constituam na sua maioria de descendentes de "Gaúchos Italianos".

Convém assinalar que não são somente os descendentes de italianos que assim se aculturaram. Descendentes também de imigrantes alemães, poloneses e russos vivem assim aculturados, como é o caso da Madrinha das Debutantes de 1980 do CTG "Porteira Aberta", de S. M. do Oeste, EMMA MARQUART MAFINSKI. Além de outros sobrenomes, como: Pacovska — Rampi — Uchôa — Parise — Rech — Simm — Oltramari — Ristoff — Bof — Pause — Hoffmann — Sassi e tantos outros.

O CTG "PORTEIRA ABERTA" NO 4º RODEIO CRIOULO INTERESTADUAL DE CHAPECÓ — 1985

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS "PORTEIRA ABERTA" DE SÃO MIGUEL DO OESTE

Myriam Conceição Beltrão Fernandes de Carvalho

A 12ª UCRE, com sede em São Miguel do Oeste, vem de realizar trabalho de pesquisa, sob a orientação da Professora Ivone Pelegrini, sobre o Centro de Tradições Gaúchas "Porteira Aberta", em funcionamento naquela cidade do oeste catarinense, desde 1959.

Pela ocorrência, na população do município, de um grande número de naturais do Rio Grande do Sul, em fins de 1958, por um grupo relativamente grande de cidadãos, ficou resolvida a criação de uma agremiação que tivesse a finalidade de manter vivas as tradições de seus "pagos". Após um ano de trabalhos desenvolvidos por uma comissão criada para esse fim, era fundado o Centro de Tradições Gaúchas "Porteira Aberta", denominação apresentada pelo Padre Aurélio Canzi, discordando com o inicialmente escolhido, de Anita Garibaldi e que acabou sendo aceita pela maioria.

Desde então, o Centro tem funcionado ininterruptamente, com a finalidade de manter o lema e as tradições da gente gaúcha.

Na época, foram escolhidos lema e bandeira e aprovados os estatutos, sendo eleita a primeira diretoria, sendo seu patrão o Senhor Alexandre Tiezerini.

O CTG Porteira Aberta foi reconhecido, como de utilidade pública, por lei municipal de 26 de agosto de 1962 e por lei estadual de 11 de novembro do mesmo ano.

O Centro conta hoje com um quadro social de mil e trezentos sócios uma sede social de alvenaria de 25 x 60 metros, além de churrasqueiras para mil pessoas, galpão de chão, cancha de bocha e um alojamento para sessenta visitantes.

O Centro participa, com seus integrantes, de programa ao vivo na Rádio Peperi, de São Miguel do Oeste e de todas as festas e atividades públicas do município. Já se apresentou em vários municípios catarinenses, sul-rio-grandenses e paranaenses e já fez exibições em países vizinhos, no caso, a República Argentina.

O Centro "Porteira Aberta" cumpre uma extensa programação cultural na qual se destacam o Baile da Saudade, em 11 de maio, o Baile do Minuano, em 14 de julho, o Baile do Soldado, em 25 de agosto, o Baile da Jovem Prenda, em 1º de novembro e o Baile de Aniversário, em 29 de dezembro.

Ponto alto de sua programação é a realização da Semana Farroupilha, que relembra os feitos dos revolucionários farrapos e que se desenrola de 16 a 22 de setembro, tendo como festa máxima o baile do dia 20, data máxima da revolução rio-grandense.

Além de toda uma resenha histórica sobre o Centro de Tradições Gaúchas "Porteira Aberta", o trabalho relaciona outros aspectos interessantes da vida do povo sulino, entre eles o das comidas típicas, e da maneira de fazê-las: churrasco, arroz carreteiro, roupa velha, charque com pirão, arroz com bucho, mocotó, canjica à moda da fronteira, entre outros.

Também apresenta descrição dos trajes típicos do gaúcho e de sua prenda, tanto de uso comum, como os de maior gala, para festividades e cerimônias importantes, casamentos, batizados, etc.

Pelo que relaciona o trabalho apresentado, pode-se aquilatar do esforço desenvolvido pelos componentes do Centro e suas diretorias, no sentido, não só de aprimorar suas atividades artísticas, como no de dotar a agremiação de sede condigna ao cumprimento de suas múltiplas responsabilidades, com ênfase no campo de atividades paralelas, como as desportivas.

A invernada artística do CTG "Porteira Aberta" conta hoje com nove pares de dançantes, que já se exibiram em outras localidades do estado, e mesmo em outros estados e países.

Grande também tem sido o apoio e a orientação que o Centro tem dado, com sua experiência, a outras organizações congêneres, fundadas em municípios próximos, como Dionísio Cerqueira, São Lourenço do Oeste, São José do Cedro, Pinhalzinho, Campo Erê, entre outros.

Além do Grupo de Dançantes, o Centro conta com um Grupo Musical,

1984 — SARAU DE PRENDAS DO CTG "PORTEIRA ABERTA"
de São Miguel do Oeste — SC

denominado Terra Nativa, que tem também cumprido extenso programa de apresentações, dentro e fora do município.

O trabalho apresenta ainda a descrição de uma Missa Criolla e finaliza com o "Juramento Criollo "que, por sua originalidade, transcreve-se a seguir:

"Meu Patrão da Eternidade:

Diante de minha consciência, prometo, pela minha honra de gaúcho, guardar sempre aceso em meu peito, o sagrado cadeeiro da fé.

Divino Tropeiro Jesus:

— assumo o compromisso de honrar em toda parte, o meu nome de cristão e a marca da cruz que recebi no bautismo.

Juro, pelas Sagradas Tradições de meu Pago:

— Defender sempre as leis do Evangelho, e me incorporar nas trincheiras da Igreja, para pelear até a morte contra toda maldade.

Pela minha Bandeira Farroupilha:

— Juro defender e honrar a Sagrada Cruz, em cuja sombra nasceu e cresceu a fibra gaúcha.

Quero guardar este meu Juramento:

— até o momento em que eu bolear a perna na estância do além; para isto, conto com a ajuda de São Pedro, sinuelo espiritual de nosssa querência e com o auxílio da Virgem Maria, Primeira Prenda do Céu, Amém."

O trabalho apresentado pela 12ª UCRE, sobre ser um bom resumo histórico e de orientação sobre as atividades de um Centro de Tradições Gaúchas, serve também como elemento de consulta para outros grupos de origem sul-rio-grandense e que desejem, em suas localidades, criar outras agremiações destinadas à preservação e à difusão das tradições de nossa pátria.

A BRIGA DA BICHARADA

Quando o Bode era dotô
E o Cachorro advogado
Andava tudo direito
O mundo bem governado
E a justiça muito reta
Ninguém vivia enganado

O Leão sempre foi Rei
Casado com a Leoa
Jacaré seu secretário
Onça era uma grande pessoa
Mestre Sapo professor
Na beira de uma lagoa

Coelho chefe do mato
Peru era viajante
O Galo por ser tenor
Regia um café cantante
Macaco bicho do rei
O urso rapaz amante

O Porco era vagabundo
Passava o dia a beber
Por isso dele ninguém
Amigo queria ser
De todas as festas que havia
O Porco queria saber

Um dia mestre Coelho
Fez uma festa no mato
Foi Cachorro e Jacaré
Bicho de mais aparato
Finalmente todos os bichos
Menos Porco e mestre Gato

Rato tocava na flauta
Periquito no rabecão
Cateto no contrabaixo
Urubu no violão
Maruim no clarinete
E Tatu no bombardão

O Carneiro ia com os pratos
E a Vaca com o tambor
Mosquito numa rebeca
Era quase professor
Mestre Sapo como chefe
Ia feito freguedor

Quando Porco soube disso
Ficou muito injuriado
Disse ao Gato, vamos lá
Que eu garanto por meu lado
Ou nós entramos na festa
Ou o baile está terminado

O Gato disse eu não vou
Porque acabo apanhando
O Porco lhe respondeu
É o bem que estás mostrando
Ser um Gato sem coragem
Pois fique que eu vô andando

O Porco chegou lá
Queria o baile invadir
Jacaré veio e falou:
Mandou o Porco sair
Como não obedeceu
Precisou a Onça intervir

O Urso logo zangou-se
Pela sua namorada
Que era uma Anta bonita
Que estava ali bem trajada
Por um Porco vagabundo
Ser assim desrespeitada

Botaram o Porco pra rua
Mas ele tornou a entrar
Aí já era demais
Impossível de se aturar
Coelho puxou o revólver
Para no Porco atirar

O Porco sacou a faca
Para matar ou morrer
Cotia teve um ataque
Paca queria morrer
Galinha caiu sem fala
Durinha sem se mexer

A Raposa quase que morre
Sabiá quebrou um braço
Lagartixa foi pisada
Quase ficou em pedaço
A Cobra apanhou de pau
Se não corre vira bagaço

Barata correu pro canto
Não quis a vida perder
Preguiça estava num pau
Disse: foi bom eu não descer
Canguru disse: Oh! Diacho!
Quem não trata de correr?

Girafa como era grande
Estava tudo apreciando
Quando olhou nas suas costas
Arara estava pousando
Ema disse eu vou embora
Coruja saiu voando

Borboleta a muito tempo
Já tinha se escapolido
Mosca fez sua viagem
Levou o Pium seu marido
Garça disse: briguem!
Mas não sujem meu vestido

A Aranha estava tremendo
e a Lesma morta de rir
Macaco olhou para um galho
Tratou logo de subir
Dizendo que Porco não sobe
Aqui nunca pode vir.

Marimbondo gritava muito
E gritava à luz da lua
Curreca ficou sem pena
Saracura quase nua
Minhocas não acertavam
Para que lado era a rua

Finalmente a muito custo
Botaram Porco pra fora
Já tinha dado e apanhado
Por isso disse: é agora
antes que chegue a polícia
Vou tratar de ir embora

Coelho aí contou tudo
O que tinha acontecido
Além disso como ruim
O Porco era conhecido
De formas que o Elefante
Deu tudo por resolvido

No outro dia o Gambá
Também foi lá se queixar
Mostrou o braço pro Rei
Que resolveu lhe vingar
Resolveram então ir todos
O tal Porco procurar

Foram na casa do Gato
Pois este era seu amigo
Gato disse: este sujeito
Tornou-se meu inimigo
Deu-me pancadas e roubou-me
Deixou-me como um mendigo

Realmente o Gato estava
Com o corpo todo marcado
Não tinha nem um vintém
O baú estava arrombado
E o Porco só lhe fez isto
Por não tê-lo acompanhado

Ganhava hum mil cruzeiro
Quem mestre Porco pegasse
Teria um ano de folga
O soldado que o encontrasse
Fosse vivo ou fosse morto
O certo é que ao rei levasse

Levaram o Gato doente
À presença do Leão
O Gato gemendo muito
Pediu também punição
Deste jeito o mestre Porco
Tava mal de informação

Andaram por mais de um mês
Sem saber do paradeiro
Até que um dia acharam
Bebendo num atoleiro
Querendo bater num Maruim
Por não ser seu companheiro

O Elefante e o Cavalo
Deram a ordem do Rei
O Porco lhe respondeu
Eu aqui de nada sei
Eu dentro da minha casa
Não sei que diabo é lei

O Elefante então disse:
Olha que eu sou delegado
Aquilo que eu digo: faça!
Tem que ser bem respeitado
E se você não for por bem
Eu mando levá-lo arrastado

Eu irei disse o Porco
Mas só se for carregado
Não pôde dizer mais nada
Já tinha sido amarrado
E para a casa do Rei
Sem demora foi levado

Quando chegou, estava o Leão
Sentado numa cadeira
Ao lado estava a Leoa
Sua fiel companheira
Vendo o Porco muito sujo
Falou-lhe desta maneira:

Porco imundo qual a causa
De tu seres valentão
Bem sabes que ser valente
Pertence ao teu rei Leão
Temos de ti muita queixa
Só de mal informação

Formou o Leão um júri
Para o Porco ser julgado
Foi quando este conheceu
Que o caldo estava entornado
A prova é, que em seu favor
Nem porcas tinham votado

Todos queriam que o Porco
Sofresse pena ruim
Depois de tudo apurado
A contenda teve fim
Lavrou-se logo a sentença
Que foi deste jeito assim:

Como justiça de Rei
Sua majestade o Leão
Manda fazer avisado
Que o Porco por valentão,
Foi preso e está condenado
A trinta anos de prisão

Cantador: Antônio Bernardes Rocha
Coletor: Isaque de Borba Corrêa
Orientador: Gelci José Coelho

Procedência: Camboriú

ASSOCIAÇÃO CORAL DE FLORIANÓPOLIS 1960 — 1985

Cléa Mendes Brito

Considerada um dos melhores conjuntos de Santa Catarina, a Associação Coral de Florianópolis tem por finalidade primordial a cultura e a prática da arte musical.

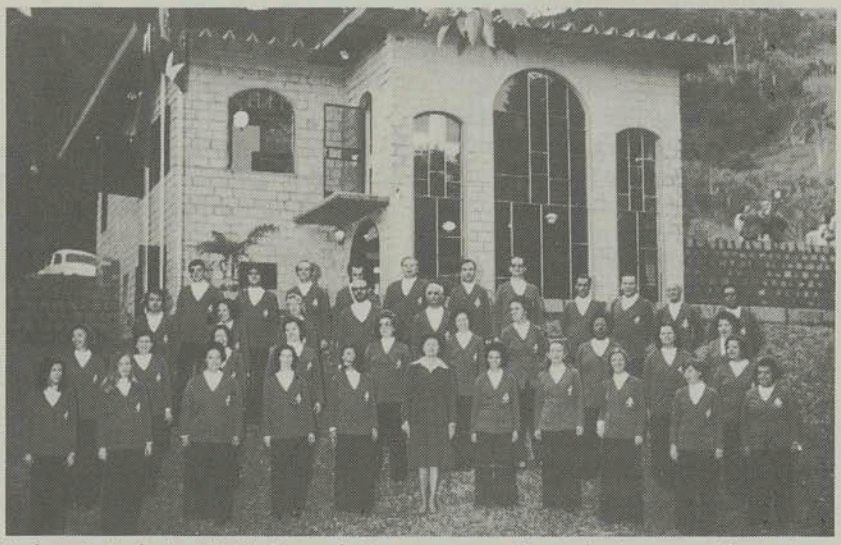
Seu repertório é constituído por músicas eruditas, populares e folclóricas.

Dois ensaios semanais, mutirões, técnica vocal e freqüência constante fazem parte da vida dos coralistas.

Mais de 300 cantores já participaram da Associação e, recentemente, reuniram-se num grande Coral, quando das comemorações do Jubileu de Prata, na 30ª Récita Oficial. É maravilhoso ver-se que através da música todos se sentem ainda ligados ao mesmo grupo.

Porém, não só de cantores é formada a Associação Coral. Dela fazem parte também os sócios: colaboradores, beneméritos e mantenedores.

Fundada em 1960, somente em 1975 foi adquirida sua sede própria,



Sede própria da Associação-Grupo de Cantores em uniforme de viagem, em frente da sede na localidade de Córrego Grande.

graças aos esforços dos sócios beneméritos e de uma subvenção do Governo.

Neste mesmo ano o Coral participou do Plano de Interiorização da Cultura, promovido pela Secretaria do Governo, levando até os extremos do território catarinense a sua arte, o seu canto.

Já percorreu também grande parte do Brasil, tendo se apresentado nos principais teatros e canais de televisão do país. Em 1977 fez sua primeira viagem internacional, participando do Festival de Coros de Montevidéu.

Possui três LPs gravados e dois compactos.

Podemos destacar como suas principais realizações: a gravação especial de um "tape" para a Rede Nacional de Televisão da Tchecoslováquia; gravação de dois "tapes" na TV Educativa de São Paulo (1970); Concerto para a Juventude, na TV Globo do Rio de Janeiro (1971); Concerto no Teatro Municipal de S. Paulo (1970) e Sala Cecília Meirelles do Rio de Janeiro (1971); participação com destaque no Festival Panamericano e 3º Festival de Coros, ambos em Porto Alegre (73/74); "tournée" realizada por Norte-Nordeste do País (1974), como parte do programa de Ação Cultural do MEC; Concerto com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (1974); Concerto com a Orquestra de Câmara de Florianópolis em homenagem a L. V. Beethoven (1977); participação no Concerto da Pró-Música de Florianópolis quando da execução da Nona Sinfonia de Beethoven (1979) juntamente com dois corais da cidade; participação da execução da Nona Sinfonia de Beethoven na cidade de Porto Alegre, com mais

Associação Coral de Florianópolis na Televisão

dois corais gaúchos (80/81/82); audição especial para o Presidente da República Ernesto Geisel, quando de sua visita a Santa Catarina; audição especial e privada para o Presidente da República do Paraguai, no Palácio da Agronômica; realização do I e II Encontros Estaduais de Regentes de Corais.

Promoção do I Encontro de Corais da Grande Florianópolis (1977); Concerto no Teatro Nacional de Brasília (1984).

A Associação Coral já cantou sob a regência dos maestros: Aldo Krieger (seu 1º Regente); Pablo Komlós e Roberto Schnorrenberg, já falecidos; Carlos Lucas Besen; Alfredo Huelsbeerg; Hélio Teixeira da Rosa; Cleofe Person de Matos; Cussy de Almeida, Rute Ferreira Gebler; Isaac Karabitschewski; Moacir Portes, Roberto Kel; Padre Ney Brasil Pereira; Osmildo Delvan, Nilo José Vale, David Machado; Arlindo Teixeira; Eleazar de Carvalho e Aurélia Hackenhaar (atual Regente).

O Coral é também altruísta, principalmente quando canta para os doentes, idosos, presidiários e povo em geral. Suas "Serenatas de Natal" já são tradicionais e é nesta época do ano que ele vai aos Hospitais, Asilos, Presídios, Igrejas e Praças Públicas levar a todos sua mensagem de Amor e Paz.

Local: Clube 12 de Agosto. Maestrina: Aurélia Hackenhaar

Esta é a ASSOCIAÇÃO CORAL DE FLORIANÓPOLIS, orgulho da cidade que no dia 10 de setembro de 1985 comemorou o seu JUBILEU DE PRATA.

SEMANA DE ESTUDOS AÇORIANOS FLORIANÓPOLIS — (SC) — 1984

. influências
. transformações
. adaptações

Universidade Federal de Santa Catarina
"Departamento de Assuntos Culturais"

A UFSC, através do Departamento de Assuntos Culturais, realizou a "Semana de Estudos Açorianos", com extenso programa, e a participação dos seguintes órgãos: UDESC — Universidade Para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, Fundação Catarinense de Cultura, Conselho Estadual de Cultura, Academia Catarinense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Comissão Catarinense de Folclore, Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização, Prefeitura Municipal de Florianópolis, Prefeitura de Laguna e Prefeitura Municipal de Itajaí.

Programa

DIA 19/03

20:00 horas — Abertura
Palestra: *"Contributo para a discussão de um conceito de literatura de significação açoriana"*
Palestrante: Prof. Antônio Machado Pires, Reitor da Universidade de Açores.

21:30 horas — Abertura da Exposição *"Artesanato de influência açoriana"*.

DIA 20/03

09:00 horas — *"Colonização açoriana no Brasil Meridional — aspectos histórico, econômico e social* — Mesa-Redonda
Coordenação da Academia Catarinense de Letras e do Departamento de História/UFSC.

14:00 horas — Mesa-Redonda
"Partituras e instrumentos musicais na colonização açoriana" — Maestro Jorge Preiss.
"Grupos musicais de raízes açorianas" — Prof. Doralécio Soares.

"Sobrevivência da temática musical açoriana no litoral catarinense" — Prof. Osvaldo Ferreira de Melo e Maestro José Acácio Santana.

* 20:00 horas — *Raízes açorianas:* apresentação de Grupos Folclóricos.

DIA 21/03

09:00 horas — *"Coleção Franklin Cascaes"* — Visita ao Museu Universitário.

14:00 horas — *Cultura Popular:* Sessão de Comunicações

20:00 horas — *"Política e preservação da cultura popular de influência açoriana"* — Mesa-Redonda.
Membros:
Prof. Nereu do Vale Pereira — Udesc/UFSC
Profª Anamaria Beck — UFSC
Representante da Funarte
Representante da Fundação Catarinense de Cultura
Representante da Fundação Catarinense do Trabalho
Representante do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis.

DIA 22/03

09:00 horas — *"Política de preservação da arquitetura de influência açoriana"* — Mesa-Rendonda.
Membros:
Arquiteto Júlio Curtis — Fundação Pró-Memória
Profª Sara Regina Silveira de Souza — UFSC
Representante do Instituto de Arquitetos do Brasil/SC
Representante da Fundação Catarinense de Cultura

10:30 horas — *Arquitetura:* Sessão de Comunicações

15:00 horas — *Visita à Casa de Açores,* em São Miguel
Exposição sobre a Festa do Divino
Debate:
Prof. Nereu do Vale Pereira
Prof. Doralécio Soares.

20:00 horas — *"Arquitetura nas áreas de colonização açoriana em Santa Catarina"* Mesa-Redonda
Membros:
Prof. Paulo Fernando de Araujo Lago — UFSC
Prof. Victor Antônio Peluso Júnior — INGSC/UFSC

---

* *Grupos folclóricos participantes:* Sociedade Folclórica Pau-de-Fita "Monte Verde". Terno-de-Reis, idem "Monte Verde — Fpolis". "Terno-de-Reis — Bandeira do Divino e Pau-de-Fita" de Laguna. Boi-de-Mamão "Sociedade Folclórica de Itacorubi, Florianópolis".

Arquiteta Betina Maria Adams — IPUF
Prof. Nelson de Campos Teixeira Neto — UFSC
Arquiteto Osmar M. Grubba — DAE
Arquiteto Dalmo Vieira Filho — Fundação Pró-Memória
Profª Sara Regina Silveira de Souza — UFSC
Representante da FCC.

DIA 23/03

09:00 horas — *"A questão da influência lingüística açoriana em Santa Catarina"* — Mesa-Redonda
Membros:
Profª Maria Carolina Gallotti Kehrin — UFSC
Prof. Oswaldo Furlan — UFSC

14:00 horas — *Literatura de influência açoriana*
Palestrante: Prof. Luis Antônio Assis Brasil

20:00 horas — *"A saga dos ilhéus em Rocamaranha e Arca Açoriana"*
Palestrante: Dr. Almiro Caldeira de Andrade

21:00 horas — *Lançamento de "Arca Açoriana"* — obra de Almiro Caldeira de Andrada

DIA 24/03

08:00 horas — *Visita à cidade histórica de Laguna*

20:30 horas — *Apresentação Musical*
1ª parte:
Músicas da autoria do Prof. Osvaldo Ferreira de Melo
— Dois temas da *"Ode ao Lavrador"*
— Dois temas da *"Ode ao Pescador"*
Participação do Coral da UFSC
— Temas das *Canções Praieiras"*
Participação: Quarteto instrumental e solista: Maestro Jorge Preiss
2ª parte:
"Rapsódia Açoriana"
Composição do Maestro José Acacio Santana
Participação: Coral e orquestra

DIA 25/03

09:00 horas — *Visita à Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim*

Transcrito do Jornal "O ESTADO"

MASSIFICAÇÃO E FALTA DE MEMÓRIA DESFIGURAM INFLUÊNCIA AÇORIANA

Não confundir o folclore do litoral catarinense em geral com as tendências da cultura açoriana. Esta foi a mensagem básica da mesa-redonda realizada anteontem na UFSC, dentro da Semana de Estudos Açorianos, promovida pelo Departamento de Assuntos Culturais. Dela participaram o maestro Jorge Preiss, professor da universidade desde 83 e que ao final de 83 montou o grupo instrumental da UFSC; o professor Doralécio Soares, presidente da Comissão Catarinense do Folclore e dono de um dos mais importantes acervos de rendas do Estado; o professor Osvaldo Ferreira de Melo, pesquisador e escritor, presidente do Conselho Estadual de Cultura; e o professor José Acácio Santana, há 20 anos responsável pelo Coral da UFSC e explorador da temática açoriana na Ilha.

Segundo os palestrantes, a influência cultural açoriana, que abrange o litoral catarinense de São Francisco a Laguna, está sendo diluída em função de sua propria singeleza e fragilidade. Além disso, apontam também como causa dessa diluição a carência de uma memória oficial, que juntamente com os meios de comunicação em massa acaba por promover a perda da criação regional. Uma tentativa de remediar a situação exige honestidade científica dos pesquisadores. Exige também a edição das cantigas e costumes para que a sabedoria açoriana possa ser enviada de volta à comunidade mais jovem, que já a está esquecendo. Uma das iniciativas da UFSC para este ano será tentar reativar o grupo folclórico "A Jardineira", de Laguna, um dos mais antigos e autênticos do Estado.

RENDAS E FOLGUEDOS

O professor Doralécio Soares falou sobre "Grupos Musicais e Raízes Açorianas", mostrando de início um filme feito há alguns anos por alunos da Faap de São Paulo sobre as rendeiras da Ilha. Mostrou também em exposição que continua no *hall* da Reitoria e em *slides,* seu acervo particular de rendas, com peças raríssimas que hoje já não são mais confeccionadas pelo trabalho que dão às artesãs, que já não conseguem obter por elas o preço merecido.

Diferenciando folguedos, que têm dramatização, das danças e cantorias, todos de origem açoriana, Doralécio Soares destacou as toadas, geralmente com grande versificação. Entre elas, as "cantigas de ratoeira", que falavam da saudade da terra sentida pelos primeiros açorianos que chegaram à então província. Estabelecida esta cultura na faixa litorânea, criou-se o hábito de apresentações nas ruas por grupos de encenação e cantoria.

Dezembro a fevereiro, por exemplo, são muitos os temas explorados: "Terno-de-Reis", "Pau-de-Fita", "Farra do Boi", "Boi-na-Vara" e outros.

Já a "Bandeira do Divino" é colocada pelo professor como o movimento de maior sensibilidade artística de Santa Catarina. Com violões, pandeiros, surdos e rebecas, as pessoas se reuniam em grupos que levavam a bandeira com a pomba do Espírito Santo na extremidade. Como destaques, além da bandeira, estavam a coroa, levada sempre por uma garota, e o casal de crianças vestidos como Imperador e Imperatriz. Rezando a ladainha, eles se dirigiam portanto velas acesas à casa do juiz da bandeira. Esta comemoração era realizada uma vez por ano, entre o Natal e o começo de janeiro.

A "Dança do Pau-de-Fita" também é remancescente da cultura açoriana e está associada aos "Arcos e Flores" e à "Jardineira", folclore campeiro da zona de trato ao gado. Daí o interesse da Universidade em reativar o grupo lagunense. Doralécio Soares cita ainda, encerrando, os grupos de "Boi-de-Mamão" e de "Cacumbi", este último de tendência da cultura afro-brasileira.

BANDAS

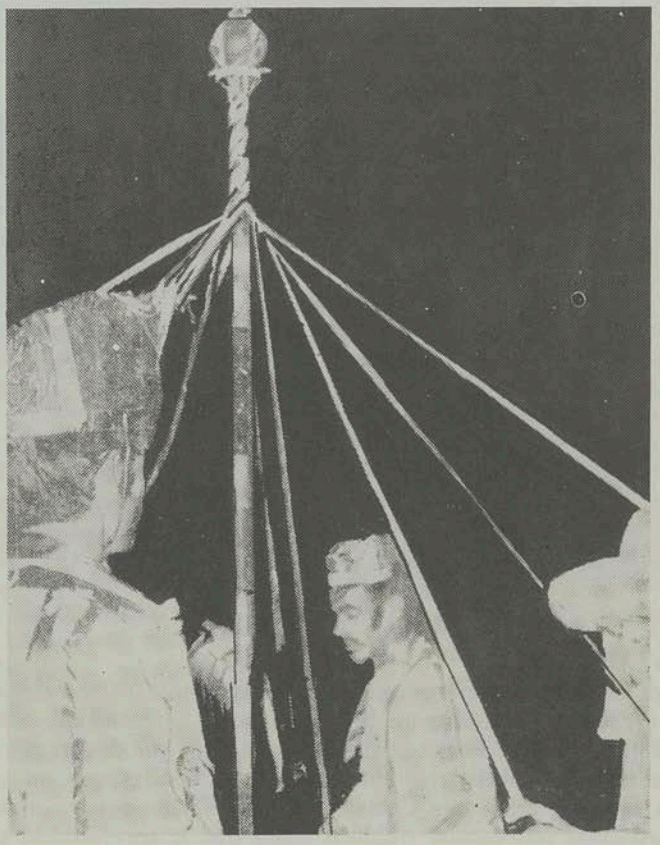
O maestro Jorge Preiss, falando de "Partituras e Instrumentos Musicais na Colonização Açoriana", citou as bandas ou sociedades musicais como uma das mais fortes expressões açorianas que resistem até o momento. No início da colonização, por volta de 1750, todo açoriano tinha sua "viola da terra", que passou a se chamar no Brasil de "viola de arame". Dependendo da região de onde era trazido o hábito, a viola tinha dois corações, como buracos para sair o som (no caso daqueles que vinham das ilhas Faial) ou apenas um grande orifício central (das provenientes da Ilha Terceira).

As bandas ou sociedades musicais, segundo o historiador Osvaldo Cabral, tiveram origem nas filarmônicas açorianas, criadas para acompanhar festas e procissões. Em Santa Catarina a primeira banda foi criada em 1858, e chamou-se "União Musical". Depois, até 1878, foram criadas ainda as sociedades musicais "União dos Artistas", em Laguna, "Paraíso Desterrense"; "Philarmônica Comercial", "Philarmônica Desterrense", "Lira Artística Catarinense" e a "Banda de Amor à Arte", criada em 1876 e que sobrevive até os dias de hoje em Florianópolis. Há ainda a banda "Recreio Josefense" que o maestro Preiss acredita ainda existir em São José, fundada em 1878.

Banda Philarmônica Comercial, fundada em 1874 — Florianópolis.

Nestes grupos musicais os instrumentos são os mesmos das antigas bandas açorianas: clarinetes, cornetas, trompetes e às vezes saxofones na melodia: e trompas, trombones e baixos na harmonia. Maiores detalhes sobre este costume foram registrados também por Francisco José Dias, no livro "Cantigas dos Povos dos Açores", editado em 1981 pela UFSC, e pelo professor Osvaldo Cabral em sua obra a história do Estado.

Jorge Preiss chama a atenção para a colonização flamenga e mourisca que também passou a influenciar a realidade dos Açores a partir de 1430. Esta influência se manteve quando a colonização açoriana chegou ao Brasil e um exemplo é o alaúde, trazido originalmente da Espanha e que se tornou a "viola da terra" nos açores. As cantigas mais choradas também têm influências estranhas, pois foram trazidas aos Açores pelos mouros, obrigados a deixar a Espanha com a queda do império mourisco.



Pau-de-Fita de influência mourística, outrora existente na localidade de Pilões no município de Santo Amaro da Imperatriz

SINGELEZA E FRAGILIDADE

"A pesquisa da cultura açoriana deve ser muito cuidadosa, pois nem toda manifestação do litoral catarinense tem esta tendência", frisa o professor Osvaldo Ferreira de Melo que, como o professor José Acácio Santana, falou sobre a "Sobrevivência da Temática Açoriana no Litoral Catarinense". Osvaldo Melo lembra que desde o século XVI chegaram ao noso litoral imigrantes de vários lugares e culturas, ainda que de 1748 em diante a cultura açoriana seja a mais marcante.

Os versos dos "Ternos de Reis", chamados de "charambas", por exemplo, demonstram já a influência mourisca nos Açores. Mas as "charritas" são canções com letras líricas que falam dos momentos dramáticos da partida ou saudade dos imigrantes açorianos. A "Dança do Pezinho" é proveniente daquelas ilhas, mas lá não é um jogo de crianças como hoje se manifesta no Brasil. Trata-se de um jogo amoroso que era realizado por grupos de casais, principalmente na Terceira Ilha.

Quadros semelhantes ocorriam nas cantigas dos "Bailes Furados" ou nas cantigas do "Ciclo da Lira" e Osvaldo Melo cita em verso um de seus mais belos achados, remanescentes dessa época: "assim como nascem as flores, a nossa lira nasceu. Assim como morrem as flores, a nossa lira morreu".

José Acácio Santana ressalta a fragilidade e singeleza dos versos açorianos, principais causas da influência estrangeira que vem modificando esta cultura. Ele acusa ainda como responsável a ausência de uma memória musical verdadeira, "diante da omissão de todos nós". Acácio Santana comentou o despreparo de muitos pesquisadores que não têm a devida paciência e perseverança para realmente constatar os fatos que registram.

O diretor do Coral da UFSC critica ainda a demasiada ênfase que se dá atualmente às encenações e danças, em prejuízo à temática musical pura do folclore, e acusa o gradativo desaparecimento de ações onde a essência é a música, como os acalantos e benzeduras cantadas. Além disso há a perda gradativa da dinâmica da criação, transmissão e assimilação da temática açoriana. "Os museus não podem ser estáticos, como geralmente os fazemos. Isso faz com que o povo já não crie mais nada, só assimile a cultura importada através da TV e dos meios de comunicação de massa".

RESGATAR

Para Santana a ação científica mais importante diante desses fatos é a de resgatar as raízes que ainda existem, com autenticidade e honestidade. "É preciso fazer a estocagem desse material, que deverá ser editado para que sejam devolvidas à comunidade as canções que marcaram a epopéia açoriana em Santa Catarina. Estas edições deveriam inclusive ser distribuídas nas escolas públicas, para que o aprendizado viesse a favorecer novas criações. Além disso o Estado deveria promover concursos públicos que motivassem a participação e criação popular regional"

Como pesquisador da temática açoriana em Florianópolis, o professor Acácio Santana já promoveu a gravação de um LP do folclore catarinense cantado pelo Coral de Meninos de Tubarão, que inclusive toca instrumentos próprios da cultura. Também o Coral da Universidade, sob sua regência, gravou algumas faixas em seus discos com temas açorianos. A Fundação Catarinense de Cultura participou da edição de dois álbuns com coleções de cantos, açorianos um de autoria de Santana e outro de Osvaldo Ferreira de Melo. O regente do Coral da UFSC compôs ainda durante estes 20 anos de atividade a "Rapsódia Açoriana", para orquestra, piano, coro e solo, que deverá ser montada no próximo ano.

Sociedade Musical "Nossa Senhora da Lapa", fundada em 1896 na localidade de Ribeirão da Ilha, Florianópolis. Foto: 1965

Transcrito O ESTADO — Fpolis, 19/08/84

IMIGRAÇÕES DERAM A S. CATARINA FOLCLORE MAIS RICO DO PAÍS

Bernardete Santoa

"Os componentes culturais do folclore catarinense tornam Santa Catarina o Estado com o folclore mais diversificado do Brasil". Esta afirmação é do folclorista Doralécio Soares, em seu livro "Folclore Brasileiro — Santa Catarina". Estudioso no assunto. Doralécio Soares afirma também, nesta obra, que "Na área cultural dos descendentes de germanos e de ítalos, convém a observação dos hábitos transplantados da Europa, que se não são, cientificamente, folclóricos, de certo modo assim entendidos. E este, em maioria, estão ligados ao Natal, à Páscoa e ao Espírito Santo. Isto se entenda no modo de venerar, cultuar e festejar".

Em Santa Catarina a presença do europeu marcou sua cultura. Primeiro eles vieram de Portugal para o litoral, no século XVI, "onde encontraram um povo de cultura recuada, mas possuidor de tradição e de hospitalidade", como diz Doralécio Soares. "No século XVII, deu-se a marca do início da sociedade catarinense, com a instalação em São Francisco, Desterro e Laguna de povoadores vicentistas. A eles juntaram-se no século XVII os açorianos e os madeirenses, no litoral, e paulistas, no planalto".

— O povoador açoriano foi o elemento básico da sociedade catarinense. A colonização açoriana, na realidade, venceu socialmente, mas sob o aspecto econômico, face às tendências econômicas da época, por falta de apoio do governo português fracassou.

Em 1828, chegaram a Santa Catarina os primeiros colonos alemães. Em 1860, aportaram aqui as grandes levas de alemães e italianos, embora no litoral central, a colonização italiana tivesse início em 1836 na bacia do rio Tijucas. Muitos colonos participaram da bacia do Itajaí, influindo de modo global na técnica e nos seus costumes, enfim, na cultura.

É devido às várias raças que colonizaram nosso Estado, e depois também, as próprias migrações internas, com a presença de paulistas e gaúchos, que Santa Catarina tem costumes tão diferentes. Segundo Doralécio Soares, "não é preciso aprofundamento para se ver a urdidura das conotações culturais interdependentes, na qual sobressaem diferenciações harmônicas entre si, porém variadas se avaliadas com as da faixa litorânea ou doutras fisiográficas nas dominâncias do Rio do Peixe e do Rio Uruguai. E acresce, para maior complexidade, que a criatura humana colonizou os vazios em grupos portadores de heranças culturais diversificadas. Assim, as manifestações folclóricas catarinenses enredam-se como não é comum em outras regiões brasileiras".

Biblioteca Pública do Estado
Santa Catarina

O FOLCLORE MESMO

Quando nas tardes de inverno, especialmente nos finais de semana, com o vento sul batendo às janelas e portas e a chuva fina caindo sem compaixão, resolvemos fazer "bolinhos de banana", estamos repetindo uma tradição tão antiga que nem tem data. Soltar pandorga, nestes dias de muito vento é outro costume bem nosso, assim como a pesca com espinhel de pandorga.

Ao lado destas referências encontram-se as rendas de bilro, a cerâmica as danças do Pau-de-Fita, do Boi-de-Mamão, o Pão-Por-Deus, a Festa do Divino, o caldo de peixe com bastante cominho, colorau, coentro, o cozido, a canjica, o mussi de banana. As gerações vão transferindo para o futuro grande parte destas informações, destes costumes, destas danças, destas comidas, sem saber que estão mantendo vivas as tradições, as crendices, superstições, enfim, o folclore.

O Pão-Por-Deus, por exemplo, foi trazido pelo açoriano, como expressão correspondente a um pedido, explica Doralécio Soares, mas com forma e objetivos diferentes. Ele sofreu modificações que se resumem não somente na época.

Imperador e Imperatriz, acompanhados das Damas e Pagens, da festa do Divino Espírito Santo, que anualmente se realiza na cidade de Santo Amaro da Imperatriz. É uma das festas do Divino mais ponposa de Santa Catarina.

— Nas ilhas açorianas e no arquipélago da Madeira, os pedidos são entre os dias 1º e dois de novembro, enquanto aqui é anterior a novembro; lá, são as crianças que pedem pão e guloseimas, etc. . , aqui, o costume foi modificado, passando aos mais diversos pedidos, até mesmo amor.

Aqui criaram-se os "corações" amorosos, em forma escrita em mensagem simbólica. Nos Açores não se conhecem os corações, existindo entretanto, o papel recortado, a tesoura ou a navalha, manifestação artística que vem do século XVII. Foi em São Francisco que o Pão-Por-Deus mais penetrou na vida do povo, existindo ali casas que se dedicam à feitura do Pão-Por-Deus nas suas mais variadas formas. Os preços variavam de acordo com a beleza e forma estatística.

Os folcloristas lamentam que estas tradições tão puras, portadoras de arte e romantismo poético, estejam desaparecendo pouco a pouco, perdendo o povo o espírito criativo. Mas Doralécio informa que essa tradição "não está de todo desaparecida, registrando-se nos últimos anos a circulação do Pão-Por-Deus no interior da Ilha de Santa Catarina.

"Deus pediu aos Anjos,
Anjos pediram a Deus
Eu mando pedir a Vós
Meu lindo Pão-Por-Deus"
"Aqui vai meu coração
Pedindo teu socorro
Se me deres Pão-Por-Deus
Desta vez meu bem não morro"
Bem sei que sou casada
Não mereço agrado seu
Como sou casada estimo
Que me mande Pão-Por-Deus".

Duas danças que ainda hoje podemos ver com freqüência na Ilha de Santa Catarina. A dança do Pau-de-Fita, no folclore catarinense é apresentada por vários grupos folclóricos, cuja formação étnica é responsável pela diversificação da nossa cultura popular. De origem portuguesa ela é vista associada à dança dos Arcos de Flores e à Jardineira. De origem alemã e hispânica, nos grupos folclóricos teutos e nas danças típicas do folclore campeiro.

É uma dança originária do meio rural, que aparece também em alguns países latino-americanos, na Espanha, na Inglaterra e noutras regiões da Europa. Alguns historiadores afirmaram que este tipo de dança existia na América antes de seu descobrimento e que os índios Maias ainda o incluem em seus costumes. No Brasil, encontra-se a dança do Pau-de-Fita também noutros estados. Em Santa Catarina, ela é registrada ainda hoje em Laguna, Imaruí, Tubarão, Itajaí, Navegantes, Biguaçu, Tijucas, Santo

Amaro, Brusque, Araquari, Blumenau, Joinville, Lages, Concórdia, Treze Tílias e como recreação infantil em muitas unidades da rede escolar catarinense.

A apresentação da dança é uma das mais bonitas do folclore catarinense, em grupos pares de oito a doze, por damas e cavalheiros. Em Florianópolis, o grupo folclórico de Ribeirão da Ilha apresenta, o Pau-de-Fita com a dança dos Arcos e Flores. Em Blumenau há o grupo folclórico Alpino Germânico; entre os seus números está o Pau-de-Fita. Em Joinville, o grupo folclórico "Silberfliss" é destaque com o seu número "As frutas e as flores". De Laguna registra-se um grupo folclórico com o Trançamento "A Feiticeira".

O folguedo do Boi-de-Mamão, no folclore catarinense é uma das brincadeiras de maior atração popular. Existe no folclore brasileiro com os nomes mais diversos: Bumba-meu-boi; Boi-bumbá, Boi-pintadinho; Boi-de-reis, Boizinho, Boi-de-cara-preta, Boi-calembra e entre nos Boi-de-pano e Boi-de-mamão.

Antigamente a brincadeira era conhecida como Bumba-meu-boi. Depois, Boi-de-panos, mas com a pressa de se fazer a cabeça foi usado um mamão verde, o que o levou a denominar-se Boi-de-mamão. Nome que é mantido até agora onde se vê boi com cabeças de todos os tipos, até mesmo de boi, menos de mamão. há quem contrarie esta versão, explica Doralécio Soares, no livro Folclore Brasileiro — Santa Catarina, dizendo vir o nome *Boi-Mamão* do Boi que mama.

As versões variam, mas o tema é o mesmo: morte e ressurreição do Boi. No Norte e Nordeste, a sua apresentação é mais dramática. No Sul, ou seja, em Santa Catarina, apresenta-se um Boi de criação mais gracioso, com danças mais alegres, passando a brincadeira a encantar principalmente as crianças, a despeito mesmo do seu temor pelas investidas do Boi e da fantasmagórica figura da Bernúncia, que as procuram para engoli-las.

— Folclore é manifestação de cultura popular, a sua maneira de "sentir, pensar e agir". Dentro deste princípio, se manifesta a dinâmica do folclore, com o espírito de criatividade do povo sempre em ação. Os costumes vão se transformando em face da evolução natural das coisas. As tradições são coisas do passado, objeto de estudos, que antropólogos, etnólogos e sociólogos continuarão a estudar, o passado no presente e o presente no futuro. Dentre desta dinâmica, novos fatos surgirão integrando-se à continuidade da vida.

Antes não havia no Boi-de-Mamão a Maricota, figura de mulher gigante, de semelhança ocidental, nem a Bernúncia, réplica do grande dragão Celeste Chinês.

Doralécio Soares afirma que "estas introduções não desmerecem o valor das apresentações, ao contrário, vem enriquecê-las, é a dinâmica do folclore dentro da criatividade popular. E assim encontram-se nas dezenas de Bois-de-Mamão de Santa Catarina figuras de Boi, de Cavalinho, Cabra, Mateus, Vaqueiro. É muito semelhante aos Bois do Nordeste, surgindo daí a suposição de ter vindo de lá para o Sul do Brasil.

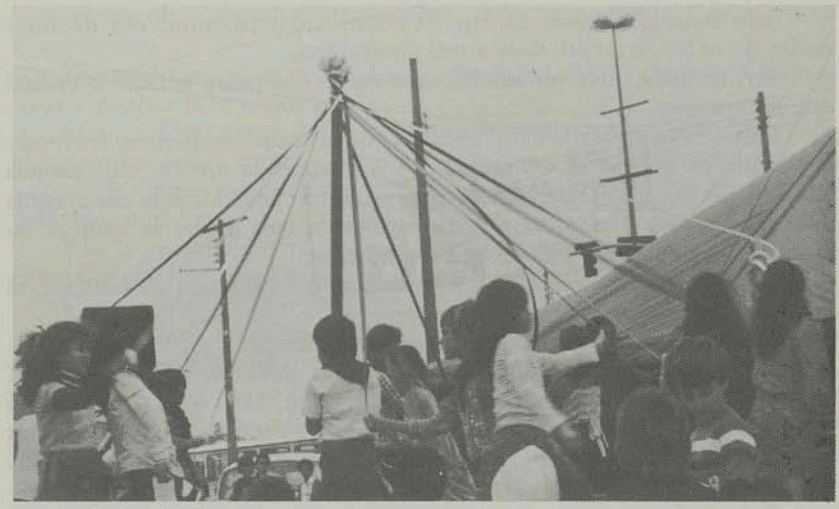
CRENDICES NA CULINÁRIA

Registram-se também o folclore e a tradição nos hábitos alimentares dos povos. Fala-se que "uma mulher ou moça estando menstruada não deve bater o bolo, pois o mesmo não cresce. Duas pessoas também não devem bater a mesma massa de bolo, ele não crescerá, acontecendo o mesmo com as claras. Se uma pessoa bater um bolo, deve mexer sempre na mesma direção, pois do contrário não crescerá. Lentilha sendo comida na ceia de 31 de dezembro dá sorte, o mesmo acontecendo com uvas. Se uma mulher grávida desejar saber o sexo do futuro bebê, deve abrir o coração de uma galinha e fritá-lo, se o mesmo se fechar será um menino, se continuar aberto será menina. O molho de maionese, se bater ao contrário, dessora, mas se se coloearem duas gotas de vinagre volta ao normal.

Benzer-se ao bater o bolo ou botá-lo no fogo é uma superstição que ainda é encontrada na ilha. Uma só pessoa deve bater o bolo".

O hábito alimentar varia de lugar para lugar, de região para região, detro dos próprios Estados. Santa Catarina não foge à regra. O folclorista Doralécio Soares diz que entrevistas nos municípios de Palhoça. Rodeio, Urubici, Pedras Grandes, Bom Retiro, Tubarão, São José, Porto União, Irineópolis, foram recolhidos costumes alimentares os mais diversos, onde se incluem as várias colonizações do Estado.

— Verificamos haver uma integração nos hábitos alimentares do catarinense com uma mistura de cozinha italiana, alemã, um dos entrevistados de Doralécio Soares que residiu em municípios de culturas diferentes diz o seguinte: De todos adquiri um pouco dos seus hábitos. Tomo o aparado após me levantar e faço o desjejum às 9 horas de café com mistura. Não faço almoço especial, este é de todos os dias, com pratos variados. Arroz carreteiro, cozido com "osso de boi" e verduras, dobradinhas de bucho, "quimia", canja de galinha com vinho tinto, feijoada, pirão d'água com peixe frito, salada de verduras e legumes, polenta com queijo frito salada, ou polenta com banana frita e couve picadinha com galinha ensopada. O jantar é geralmente sopa ou prato com leite cozido com farinha de mandioca, ou papinha de milho e "rimiola" com leite. Na Semana Santa faz-se o jejum propriamente dito com paçoca de amendoim, canjica e peixe do rio ou do mar".



Dança do Pau-de-Fita

VALENTIA

Tito Carvalho

Nasceu em Orleans, 1896, e faleceu em Florianópolis, 1965. Considerado o introdutor do regionalismo na literatura catarinense, dedicou-se ao jornalismo, onde percorreu longa e brilhante carreira. Foi um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras. Obras publicadas: o romance *Vida Salobra* (1963) e o livro de contos *Bulha d'Arroio* (1939), reeditado em 1979, pela UFSC, numa edição crítica da Professora Danila da Luz Varela, de onde transcrevemos o presente texto.

O xiru marujo falou: — "A tal de Maria-Chica foi bichinha bilontra até umas horas!

Quem a visse hoje, enxaguando os trens, batendo a tachada de soquetes pro sabão, ou de cocras, espremendo o teto das vacas, não diria que aqueles olhinhos de piáco-piáco, aquela carinha de pesco, nos pixuruns ou nos espalhapés, armavam baderna que — Deus nos acuda! — a negrada 'garrava o vassoural a jeito de boiada em estouro! Também uma bicota daqueles beicinhos, minha gente, devia de ter gosto de apojo!

Vou-lhes contar o caso dum baile nas Bracatingas, — querência do timbedo do Cedro. . .

Saiu uma mixornada tal, que chegou a dar piscuim, em décimas muito de se ler, e rir até doer a raiz do embigo. . .

Mal contada, mas verdadeira, que eu cá não passo adiante o emboá que me pregam.

Pois. . . Naquela noite, o vento e a chuva eram parelheiros, correndo a galopito na cancha da escuridião. . . A guapecada uivava, que parecia farejar alma penada. Já de tarde, o pessoal tinha chegado, pela riconvência feita. Os rapazes vieram depois, os cavalos de cola atada, as bombas do peitoral espelhando os relâmpagos nas brochas.

Dançou-se, brincou-se toda a vida. Corria a canguara da venda dum lambote.

Pela noite afora, chuva que Deus mandava. . .

Ora, o Zé-Chapada andava dando umas piscadas roubadas com a noiva do Terêncio, diante do qual ele, nessa noite, meio trancucho, sentou namorar. Daí, passou as unhas na mocha e, pra fazer cuca, tocou modinhas chorosas, chegando a debulhar uma tristeza na sala, tanta era a gemição. . .

O outro pegou a coçar-se, com micuim da ciumada, mais doído que pau-de-bugre.

Vai senão quando, a gaita velha entrou na toada — cué-ré-qué-can, can-can — e o negrinho safado abriu o dizedor, provocando:

Ó gente cá deste sítio
Me decifre esta charada:
— Qual dos dois terá mais galho,
Si o chibarro ou a veada?

Êpôta-lê Maria-Chica! Ficou chucra, desembestou que nem novilha de anca queimada da marca!

Naquele momento, a amizade que tinha no tiozinho, meio bandeando-se em cambicho, virou ódio. Deu-lhe a brabeza. E já lhes contei!

Sem poder sofrenar a raiva, pinchou-se no pulguedo do meio da sala e brotou pra riba do tocador com esta resposta:

Qual dos dois terá mais galho,
Já te digo, Zé Chapada:
É a mãe de um negro porco,
Guampas cheias de queimada!

Pinguancha destorcida! Avançou pro cantador e fincou-lhe a pracata pelos queixos. Nossa! Foi um tedéum!

Mais de meia dúzia de moças caíram pro chão coiceando com a macacorra.

Zé-Chapada escumava, velhaqueando, preso por dois parceiros. Parecia ruim-do-juízo. Do outro lado, Terêncio, seguro pelos companheiros, berrava:

Larguem esse sabugo! Quebro-lhe uma aspa e deixo a outra balanceando!

Me larguem, eu sou homem! — gritava o pracatado.

"Compadre" daqui, "amigo-velho" dali, "me atenda", de lá, tudo se acomodou.

Reacenderam-se as lamparinas, a cordeona voltou a gemer e a rapaziada a maxixar no rodeio da sala. . .

Mas. . . Meter-se a gente na vida alheia é o diabo! Pra mim, todo homem que masca demais o freio do diz-que, merece serrilha de aço, que as de dente de porco — préqt! — partem logo. Pra mim e pro Terêncio, ora. . .

Vão lá se mirando no que aqui conto, em frases macetas, os que nasceram pra fazer esteira de cangalha e vivem arrotando valentia. . .

É rapaziada! Hi vem vindo a barra do dia!

Maria-Chica encostou-se à janela. Para o lado da costa, no rumo de Bom-Sucesso, da meio-escuridão surgia, crescendo, uma mancha cor de ovaia, sobre o fundo de leite novo de céu. Era como se Deus Nosso Senhor, raspando uma nuvem no lombo da montanha, estivesse acendendo com relâmpagos, muito embaixo, na raiz da serra, a tocha do dia. . .

Pouco a pouco a claridade foi lustrando o esmalte azul do céu. Os campos e os matos pegaram a despertar num verde alegre, lavado pelo temporal da noite, com espaçados bocejos de neblina.

Quem quiser pousar, já se sabe, é ir reunindo os pelegos! — gritava,

novamente, o pai da farra.

À moça, os últimos tinidos d'espora na valsa da despedida não alheiaram a atenção.

Na fraqueza da noite em claro, uma palidez de quem velou defunto, ficara a sentir, arvoadamente, a relgiosa grandeza daquela terra, que saía do mistério, abrindo o seio à fecundidade.

Já agora, a paisagem diante ganhava traços firmes, acentuando-se-lhe as tintas, sofrendo retoques, doirados a poder de luz.

Maria-Chica ia correndo os olhos, demorando-os nos capões, donde as reses vinham saindo, quietas, o passo cadenciado. As mamotas, dando largas à rabicheza, espirravam do mato em velhaqueios, banhando-se na luz acariciante da manhã. Buscavam todas o verde fresco da pastagem ou batiam pro rodeio, a dar umas lambidelas ao sal. . .

A atenção da moça mudou de rumo, ao notar a água barrenta dum arroio, seguindo-o até a porteira, onde, num curtefúgio, levava sumiço.

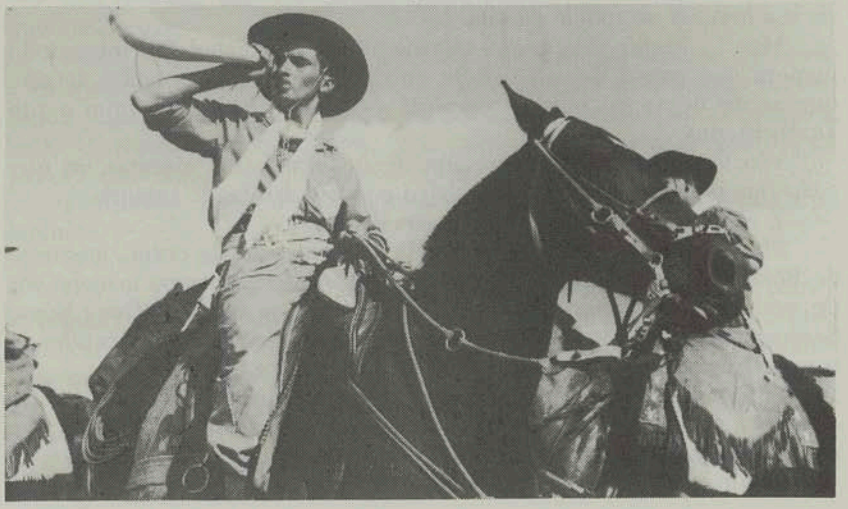
Súbito, deu um grito, nem que tivesse sido mordida de vespa. Todos acudiram. E viram, então pela janela, ao longe, contra as tronqueiras, dois homens em aloite. Desceram a apartá-los.

Pareciam dois loucos-da-cabeça. Um deles descascava, sem dó, o camboim por riba do outro, abrindo-lhe brechas e vergões que logo se tornavam inchumes.

O pobre Zé-Chapada foi carregado aos ombros. Tinha de seguir pra vila bangüê.

E o Terêncio, com os braços da Tibéria, toda orgulhosa, em armadilha de laço, enroscados ao pescoço, com a cara retamada de lama e sangue, boleva ainda o porrete, berrando a subir o tope:

— Comigo é ali: — no pau da goalhaveira!



de caráter monoteísta. Olorum ou Olundunaré é o ser supremo dessa religião. Muitos desses escravos, procedentes das regiões mais setrionais, são mulçumanos, adeptos de Alá e de Maomé, seu único profeta.

No Brasil, graças à indiferença de seus senhores e à complacência da Igreja, podem e conseguem fundir as divindades de sua religião com os santos proeminentes do Catolicismo.

Um mascaramento hábil que assegura a sobrevivência dos cultos africanos à sombra da religião de seus novos senhores, sem que sejam feridas suscetibilidades e garantida a bênção de bispos e padres, que viam crescer e engrandecer-se as confrarias e irmandades exclusivas das gentes de cor.

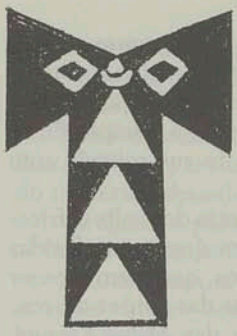
Nas áreas de mineração, sobretudo no Planalto das Minas Gerais, vingaram as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, com suas ermidas próprias e destinadas às populações de origem africana e aos que, dentro da classificação social da época, não podiam ser classificados como gente de bem ou de cabedais, os integrantes da aristocracia colonial que se exibia nas cerimônias religiosas que tinham lugar nas majestosas e riquíssimas igrejas das irmandades brancas. Igrejas belíssimas erguidas, pelo dedo irônico do destino, graças à genialidade de um mestre mestiço e enfermo, que a história vai conhecer pela alcunha de "Aleijadinho". . .

Na massa multiforme de escravos trazidos da África, os Hauçás ou Malês, agressivos e senhoriais, submissos à palavra de Alá e do Corão, o livro santo, acabaram pulverizados após várias revoltas e motins, desaparecendo como força organizada, muitos deles conseguindo, não se sabe bem como, regressar às pátrias de origem. . .

Os demais, capitaneados pelos Yorubas ou Nagôs, conseguem sobreviver na sociedade colonial e, mais que isso, manter quase incólumes, as suas conquistas espirituais.

Com o passar dos tempos, realizam a façanha quase inacreditável de influenciar, poderosamente, sobre a estrutura do catolicismo brasileiro.

É uma análise dessa influência e, além disso, a descrição prática desses procedimentos religiosos hoje firmemente enraizados no seio da sociedade brasileira o que nos mostra o excelente trabalho do professor Fernandes Portugal. Sua leitura é indispensável para aqueles que desejem ter um conhecimento mais aprofundado dos rituais do candomblé, em particular o chamado jeje-nagô.



CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE CULTURA YORUBA BRASIL — ÁFRICA

Osvaldo Ferraro de Carvalho

O Centro de Estudos e Pesquisas de Cultura Yorubana Brasil — África, com sede no Rio de Janeiro, vem de realizar um Curso de Cultura Religiosa Afro-Brasileira.

Seu diretor, o professor e sociólogo Fernandes Portugal, proferiu palestra intitulada "Introdução à Cultura Afro-brasileira", buscando analisar, sobretudo, a formação e a evolução da teologia afro-brasileira.

Trata-se de um trabalho sério, bem estruturado, onde se faz a análise da vida religiosa dos povos africanos transplantados para o Brasil, através da instituição desumana da escravidão.

Como é bem sabido, o contingente escravo que forneceu a mão-de-obra para cultura da cana-de-açúcar e do café e, principalmente, para os serviços de lavra e mineração do ciclo do ouro e dos diamantes, procedeu de três pólos distintos do continente negro — Angola, Moçambique ou Contra-Costa e da Costa da Mina, assim chamado o grande arco de círculo formador do golfo da Guiné.

A princípio, quando a destinação era a lavoura canavieira, a escravaria foi buscada, em sua quase totalidade, nas feitorias de Angola onde pervagavam negros bantos ou bantus, denominação que abrangia toda uma gama variada de tribos e nações (Benguelas, Congos, Muxicongos, Boximanos, Monjolos, Caçanjes, Cabindas, até Hotentotes ou Pigmeus). Enfim, toda uma mescla variegada de povos caçadores e coletores, de cultura singela e religiões animistas ou fetichistas.

Mais tarde, quando surgem as zonas de mineração, a escravaria passa a ser buscada entre os povos africanos de cultura superior, gente que sabe trabalhar o ferro, o bronze, o ouro e é capaz de realizar excelentes trabalhos de metalurgia e ourivessaria.

O grande centro do comércio de escravos passa a ser o Golfo da Guiné, com feitorias diversas, espalhadas desde Abidjan até Biafra e Porto-Príncipe. Os escravos que chegam ao Brasil são Yorubas, Daomeianos, Jejes, Fantis, Ashantis, Hauçás ou Malês, Ibos, Cabindas.

Procedem, em sua grande maioria, de sociedades tribais bem organizadas, com economia diversificada e fortes laços sociais e espirituais. Trazem para o Brasil toda uma hierarquia religiosa, formada numa crença

PEDRO RAIMUNDO, o Introdutor da música Regional nas Rádios do Rio Grande do Sul

Neste número reverenciamos a memória do cantor e compositor catarinense Pedro Raimundo. Nasceu em Imaruí, em 29 de junho de 1906.

Foi pescador, chaveiro da Estrada de Ferro Tereza Cristina, balconista em Laguna (SC), e funcionário do Arquivo Público de Porto Alegre (RS).

Era casado com dona Luiza Nunes Raimundo, de quem teve dois filhos: Gessi Edi Raimundo e Haroldo Hélio Raimundo.

Pedro, desde menino, gostava de tocar acordeon, o que o levava sempre a alegrar quando as noitadas de amigos que o cercavam para vê-lo tocar com certa desenvoltura. Transferindo-se para Porto alegre (RS), a procura de um centro maior onde pudesse desenvolver os seus dotes musicais, formou um conjunto denominado "Los Touros", que obteve grande sucesso. Ainda em Porto Alegre, deu início em uma das Rádios, dizem ter sido na Farroupilha, o programa de músicas regionais, que teve grande aceitação pública, especialmente do povo do interior, que lhe deu muita popularidade.

Como o centro musical do Brasil era o Rio de Janeiro, para lá se transferiu, onde aumentou a sua popularidade, gravando nas gravadoras, Chantecler e Continental.

Em sua vida foi agraciado com vários prêmios e títulos, dentre os quais, os de: Cidadão Carioca, Cidadão Lagunense, Cidadão de Lauro Müller.

Várias de suas músicas, foram sucesso nacional, dentre elas: "Mariana" (que ainda continua na Parada de Sucesso, cantada por Sérgio Reis) "Saudades de Laguna", "Gaúcho Largado" "Sanfoninha Velha amiga" "Casa do Zebedeu" dentre outras.

Pedro Raimundo, faleceu a 9/7/1973.

"Gaúcho Largado"

("IN MEMORIAM" PEDRO RAYMUNDO)

Israel Lopes (Santa Maria)

Quando aparecia no palco,
O gaúcho bem pilchado,
De bombacha larga
E um lenço colorado;
O povo logo gritava:
"ETA, GAÚCHO LARGADO!"

Refrão: Abria a sua cordeona
E cantava este refrão:
"SOU DE SANTA CATARINA,
MAS GAÚCHO DE CORAÇÃO!"

Cantava "Prenda Minha"
E a "Polca-de-relação".
"Boi Barroso" do folclore
E as danças de projeção.
Dançava e sapateava,
O gaúcho folgazão.

Onde chegava pra cantar
Formava logo um galpão.
Cantava "causos" do pago
Com denodo e imaginação
E o povo ficava conhecendo,
As histórias do rincão.

(Bis) Abria a sua cordeona
.....
Dos "programas de auditórios"
Era o astro principal.
Cantava pra todo o Brasil

Pela RÁDIO NACIONAL,
Mostrando o gaúcho,
Desta terra bem "BAGUAL".

Num acidente de trem
Ainda lá no seu estado,
Quebrou o polegar direito,
Ficou quase aleijado,
Por isso, criou o SISTEMA
De QUADRINHOS, no teclado.

(Bis) Abria a sua cordeona
.....
O seu estilo "jocoso"
Agradou a todo mundo.
Davam corda na "vitrola"
E ele cantava fundo.
Até Getúlio Vargas
Escutou, Pedro Raymundo.

O Seu "estilo LARGADO"
Reaparece a toda hora.
Até pare o ÍNDIO GENEROSO,
Nos bailes lá de fora,
Quando ele sai cantando:
"ADEUS, MARIANA", que'u já vou m'imbora!"

GLOSSÁRIO

CORDEONA — O gaúcho diz "cordeona" e não "sanfona". Tem-se batalhado para que os compositores usem só o termo "cordeona" em suas letras. O gaúcho não diz "sanfona"; diz "cordeona" (para a sua gaita); não diz acordeona, diz cordeona; não diz acordeonista, diz "cordionista". Também diz gaiteiro, evidente que, em razão de dizer gaita.

BAGUAL — É o cavalo que não se amansa, que não deixa botar os arreios. Hoje, a partir da propagação de nossa música regionalista, é comum encontrarmos, nas músicas de maior sucesso, o termo. O "GAÚCHO DA FRONTEIRA", na sua composição, em parceria com o FRANCISCO VARGAS, "Gaita Companheira" (título do seu recente LP), fala:". . . Um dia me despedi/Daquela indiada BAGUAL/ E vim pra Capital/Eu, a prenda e os guri". O "LEOPOLDO RASSIER", um dos mais festejados intérpretes dos festivais de músicas nativistas do RS, canta uma música do Silva Rillo, "COURO CRU", que diz: ". . . me apontam o dedo:/Me chamam "BAGUAL"! "O gaúcho autêntico se compara com o "BAGUAL."

BOI BARROSO — Canção-gaúcha recolhida do folclore, que junto com "Prenda Minha" formam o "hinário gaúcho". PEDRO RAYMUNDO gravou-a, em 1951. SIMÕES LOPES NETO e AUGUSTO MAYER (em seus "CANCIONEIROS GUASCA E GAÚCHO") recolheram várias quadrinhas sobre o "Boi Barroso". Em 1914, foi gravada pelo gaiteiro MOISÉS MONDADORI, em discos "Gaúcho", em Porto Alegre, para a Casa A Elétrica, de Savério Leonetti. LUIZ HEITOR e ÊNIO pesquisaram-na. PAIXÃO CÔRTES gravou-a.

ESTILO LARGADO — Os folcloristas Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, no livro "Danças e Andanças da Tradição Gaúcha" (1975) dividiram a música do RS, em três grandes linhas e, uma delas, justamente, o "ESTILO TEIXEIRINHA", que se iniciou, de certa forma, com Pedro Raymundo, na década de 40, e seu jeito "LARGADO" de gritar as tradições gaúchas.

ÍNDIO GENEROSO — (ANGÜERA) — Figura folclórica lá da região missioneira. Segundo a lenda, depois de morto, voltava aos ranchos, nos dias de bailes (fandangos). Estalava as madeiras do galpão, etc. Gostava muito das danças indígenas (dos bailes campeiros). O poeta VARGAS NETO, sobrinho do Presidente Vargas, recolheu a estrofe, e o "GRUPO DE ARTES NATIVAS OS ANGÜERAS" (de São Borja), que tem a direção do fabuloso poeta, escritor e folclorista Aparício Silva Rillo, pegou-a como seu "slogan":

"EU ME CHAMO GENEROSO,
MORADOR DO PIRAPÓ.
DANÇO COM AS MOÇAS BONITAS,
NOS BAILES DE PALITÓ!"

POLCA-DE-RELAÇÃO — Polca, também conhecida por "MEIA-CANHA" pelos gaúchos e castelhanos. Nela, o gaúcho canta a primeira quadrinha, enquanto que, na "Polca-de-damas", é a prenda quem canta o primeiro verso. PEDRO RAYMUNDO incluiu uma "MEIA-CANHA", em seus discos, em 1957. Paixão Côrtes e Barbosa Lessa recolheram uma "MEIA-CANHA SERRANA" ou "polca-de-relação", que foi gravada em 1955, pela folclorista INEZITA BARROSO, no disco "DANÇAS GAÚCHAS!"

PRENDA MINHA — Canção-gaúcha recolhida de folclore e gravada por PEDRO RAYMUNDO, em 1949. É de origem açoriana e seus versos foram registrados por KOSERITZ e cuja música foi transmitida por MIGUEL TOSTES ao musicólogo paulista MÁRIO DE ANDRADE, em 1928, que registrou em seu livro "Ensaio Sobre a Música Brasileira", e tornou-se conhecida dos gaúchos residentes no Rio de Janeiro, a partir da Revolução de 30. Os folcloristas ÊNIO DE FREITAS e CASTRO e LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO pesquisaram-na em 1945, no interior do RS. Os folcloristas Paixão Côrtes e Ely Camargo gravaram-na.

PROGRAMAS DE AUDITÓRIOS — Aqueles da RÁDIO NACIONAL do Rio de Janeiro, tão comuns, nas décadas de 40 e 50. Eram os PROGRAMAS DE ALMIRANTE, RENATO MURCE, CÉSAR LADEIRA, MANOEL BARCELLOS, PAULO GRACINDO, ADHE-

MAR CASÉ e outros. E não só na Nacional, como também nas demais emissoras cariocas. Despontavam, nesses programas, artistas como EMILINHA BORBA, MARLENE, ÂNGELA MARIA, IRMÃS BATISTA, ORLANDO SILVA, VICENTE CELESTINO e outros.

SISTEMA DE QUADRINHOS NO TECLADO — São aqueles quadrinhos que deixam xadrez o teclado da cordeona. Confeccionada com a finalidade de substituir as teclas. PEDRO RAYMUNDO tinha uma porção dessas gaitas. Mais tarde, os seguidores do artista foram adquirindo-as. Conheco 4: uma, hoje, de propriedade do Pesquisador-gaiteiro, Sr. WALDIR RODRIGUES (de Viamão); outra, do Sr. PAULO RAYMUNDO (Patrão do CTG ÍNDIO CONDÁ, de Chapecó-SC). O saudoso artista possuía em seu poder, duas, segundo me informou o seu filho, Sr. JECY HEDY RAYMUNDO (residente no Rio de Janeiro). Sendo que, uma ele doou ao MUSEU ANITA GARIBALDI (de LAGUNA); e a outra, ele pretende doar ao Governo do Estado do RS. Oxalá, que se concretize essa idéia. O Sr. Waldir me informou que são várias dessas gaitas, e se espalharam por vários gaiteiros, seguidores de Pedro Raymundo. Relacionou-me, o nome de todos eles e que registramos em nossas pesquisas.

VITROLA — Foi muito usada, quando não havia as modernas eletrolas, etc. Davam corda e tocavam os discos de 78 RPM. GETÚLIO VARGAS e JOÃO GUIMARÃES ROSA tinham "vitrolas" e escutavam gente como PEDRO RAYMUNDO, TONICO e TINOCO, LUIZ GONZAGA, DORIVAL CAYMMI, entre outros. O Sr. Waldir Rodrigues tem uma dessas "vitrolas" que é uma raridade.

NOTA — O autor destes textos escreveu, em parceria com o AIRTON ORTIZ, a biografia de "PEDRO RAYMUNDO", que deverá sair em breve pela Editora TCHÊ!/RBS, de Porto Alegre, na coleção "ESSES GAÚCHOS", em comemoração ao "SESQUICENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA". São 40 biografias — dos gaúchos mais ilustres que projetaram o RIO GRANDE nacionalmente.

Pedro Raymundo nasceu no dia 29 de junho de 1906, na Praia da Casa Grande, em IMARUÍ— SC. Residiu em LAGUNA, no final da década de 20, como bem informa o Sr. Agenor dos Santos Bessa (daquela cidade), e que juntamente com ele e mais outros "seresteiros", participaram do conjunto "CHORO CHORADO" (que só tocavam músicas de serestas). Em 1929 transferiu-se para Porto Alegre, e passou a divulgar, num trabalho pioneiro, a música regionalista dos pampas, nas rádios da Capital; transferindo-se, definitivamente, em 1943, para o Rio de Janeiro, passando a atuar na Rádio Nacional, nos programas de auditórios, sob a produção do seu amigo e incentivador, o compositor ALMIRANTE.

Já quase no fim da vida, recebeu o "Título de Cidadão Lagunense", por iniciativa do então Prefeito, Sr. Francisco de Assis Soares, como sendo uma justa homenagem àquele que tão bem soube decantá-la, através de sua valsa antológica "SAUDADES DE LAGUNA".

Pedro Raymundo faleceu no dia 9 de julho de 1973, no Rio de Janeiro, vitimado por um câncer.

1984 — Noticiário de Santa Catarina

PROMOÇÃO DO FOLCLORE NA ESCOLA

Doralécio Soares

Entusiasma-se a Comissão Catarinense de Folclore com os resultados obtidos concernentes à promoção do Folclore na Escola.

Muito embora a maioria das UCREs não venham cumprindo a recomendação da Secretaria de Educação, para o envio à Comissão Catarinense de Folclore do relatório das promoções realizadas no mês de Agosto, referentes às festas promovidas pela passagem do Dia do Folclore, a 22 de Agosto.

Este ano de 84 queremos destacar Florianópolis e Joinville.

A 5ª UCRE/DIFID de Joinville, sob a responsabilidade dos professores Mediel Grangeiro de Carvalho e Aristides Manuel Gonçalves, coadjuvados pelas professoras que compõem as Escolas participantes, realizou no Ginásio Dep. Ivan Rodrigues, um dos mais lindos festivais de promoção do "Folclore na Escola".

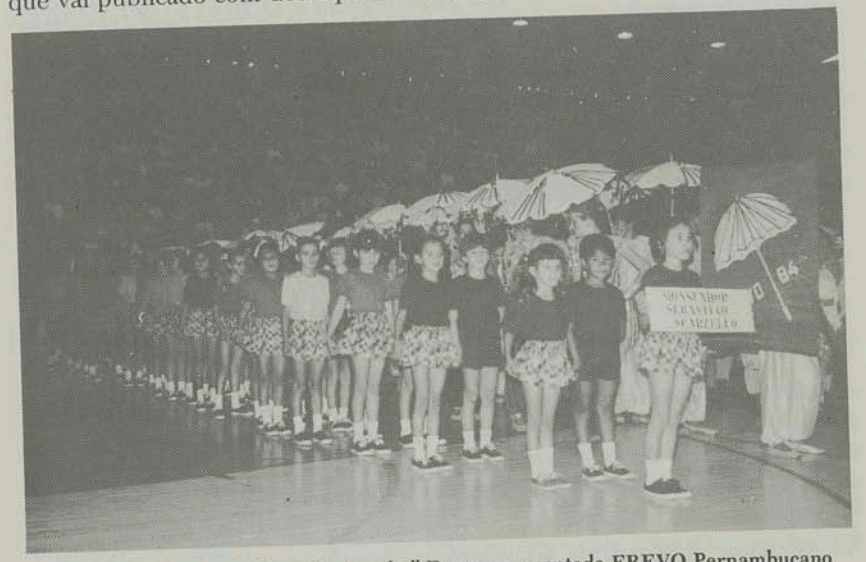
O mesmo ocorreu com a 1ª UCRE de Florianópolis, cujo noticiário inserido nas páginas deste Boletim, diz bem da grandeza do espetáculo da promoção de Florianópolis. O Festival a "céu aberto", com desfile dos grupos de folclore dos vários estabelecimentos das Unidades Escolares da 1ª UCRE, reuniu na Praça 15 de Novembro expressiva assistência. Após se concentraram em frente ao palco, especialmente armado no espaço entre o Monumento a Fernando Machado e as barracas montadas para exposição e venda de produtos artesanais e comidas típicas da região da grande Florianópolis, foram apresentados "cortejo da Festa do Divino, destacando o Imperador e a Imperatriz, com todo seu séquio de lindas princesas e pajens", destacando-se as "bandeiras encimadas com a pombinha branca do Divino". Grupos de danças do "pau-de-fita, boi-de-mamão, capoeiristas, danças portuguesas, frevo, e tantas outras. Foi realmente um espetáculo dos mais elevados nos últimos tempos, relacionado à "Promoção do Folclore da Escola".

Joinville por sua vez exuberou-se na organização de seus grupos, dando especial destaque ao folclore brasileiro. Digno de nota foi o grupo de dança nordestina de origem pernambucana, denominado "Xaxado", cujas vestimentas deu uma conotação de beleza com as figurantes portando os seus fuzis, cujo esmero na preparação dos mesmos, diz do carinho com que foram confeccionados. O grupo do "frevo" foi outro destaque especial na sua exibição. O tradicional Boi-de-Mamão, sempre despertando o interesse e encanto principalmente das crianças ali presentes.

Os demais grupos apresentados muito contribuíram para o coroamento

do Festival, promovido pela 5ª UCRE em Joinville.

Já o Festival promovido pelas Unidades Escolares de São Francisco do Sul no Ginásio "A Comunidade Participa", teve a cobertura da professora Sônia Maria Copp da Costa, integrante desta Comissão de Folclore, que vai publicado com destaque nesta edição.



JOINVILLE — Colégio "Osvaldo Aranha" Dança apresentada FREVO Pernambucano Escola. Básica Prof. J. Martins Veras

BOI-DE-MAMÃO — Escola Básica Profª Léa Maria Aguiar Lepper

Transcrito de O ESTADO — Fpolis 22/08/84

40 Escolas, no Centro, abrem Festival do Folclore

Em Homenagem a DORALÉCIO SOARES

Pela manhã as escolas iniciaram desfile em frente à Catedral
A tarde começaram as apresentações, com som e bom público

Visivelmente emocionado, o folclorista florianopolitano Doralécio Soares custava a acreditar no que via e ouvia à sua frente, ontem de manhã, pelas ruas centrais de Florianópolis. E lembrava, saudoso, que se seu colega Franklin Cascaes estivesse vivo, sentiria a mesma emoção e, quem sabe, até choraria de alegria. Afinal, não era para menos. Cerca de 40 escolas e instituições da Capital e municípios vizinhos, mais a animada banda da Polícia Militar, deram um colorido todo especial à abertura do II Festival do Folclore, que vai até o dia 24 próximo, e ao Dia do Folclore, que pela primeira vez se faz na rua, para deleite de milhares de pessoas deslumbradas com a redescoberta do Boi-de-Mamão e suas outras figuras, com as acrobacias da capoeira e o luxo das vestimentas características da Festa do Divino, entre outras manifestações.

O II Festival do Folclore é promovido pela 1ª Ucre (Unidade de Coordenação Regional de Educação) da Secretaria da Educação, e visa preservar e valorizar a cultura popular. O II Festival (no ano passado, no 1º, ele foi realizado a nível de comunidade, em bairros e escolas) está homenageando Doralécio Soares, em reconhecimento ao seu dedicado trabalho em favor da cultura popular catarinense. O evento conta com apoio da UFSC, Mobral/SC, MEC e Prefeitura de Florianópolis, e termina dia 24, na Praça XV e imediações.

Durante este período serão realizadas mostras de arte e artesanato popular, apresentações sobre culinária típica, literatura oral, medicina caseira, festas populares, crendices e superstições, música e danças folclóricas, jogos, brincadeiras e folguedos populares. Todos os dias, na Praça Fernando Machado, será realizada uma apresentação de conjuntos folclóricos, sempre às 15 horas. Na grande barraca de lona da Cidasc, em frente à Praça Fernando Machado, haverá barracas típicas e outras atrações durante todo o dia, até dia 24.

O DESFILE

Não acostumados a este tipo de apresentação, milhares de populares tomaram conhecimento ontem de manhã, pela primeira vez, com algumas manifestações folclóricas típicas da Ilha ou do Estado, como o Boi-de-

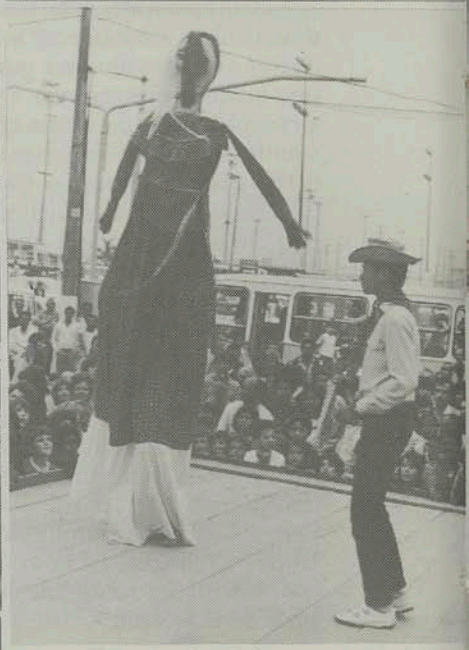
Mamão e suas figuras (urubu, cavalinha, cabra, bernúncia, jaraguá, maricota, anão, urso e macaco, além do boi) dirigido pelo estudante João Nilson, do Colégio Estadual Presidente Roosevelt, de Coqueiros, que também trouxe um grupo de capoeira, formado por meninos e meninas menores de 12 anos, com berimbau e vestindo abadãs e cordéis característicos. O luxo ficou para o Colégio Governador Ivo Silveira, de Palhoça, que levou à rua um cortejo comum nas festas do Divino Espírito Santo, com o imperador, imperatriz, as damas de honra e os pajens. Este grupo abriu o desfile e o toque um tanto formal do ato foi dado pela Banda da PM, que executou diversas vezes "A Festa do Divino", de Iva Lins que, à base de instrumentos de sopro ou metais, ganhou um caráter solene. A mesma banda executou depois, ao longo do percurso do desfile (Praça XV, Felipe Schmidt, Deodoro e Francisco Tolentino, até chegar a Praça Fernando Machado) algumas composições de Altamiro Guimarães.

SIMPLES, MAS EMOTIVO

Acompanhado pela filha, o folclorista e professor Doralécio Soares acompanhou atentamente todo o desfile e ficou emocionado com o "show" que os escolares deram e que, para ele, dá um novo alento a todos aqueles que lutam para preservar o folclore catarinense, o mais rico do país dada a complexidade de etnias que formam a população do Estado, onde há manifestações até de origem russa. Segundo Doralécio, este tem sido o trabalho da Comissão Catarinense de Folclore, que já tem pedido à Comissão Nacional a inclusão do folclore como disciplina específica nos currículos escolares, já que ele contém essencialmente história, "e um povo sem história, é um povo sem cultura".

Nessa linha de trabalho, Doralécio está preparando mais dois trabalhos para divulgação, tratando o jogo de bocha e da mora, típicos de italianos radicados em várias regiões do Estado.

Orientadora de Educação Artística da 1ª Ucre e coordenadora do II Festival do Folclore, e professora Vanira Wolff disse que seu trabalho ultimamente tem sido de incentivar ao máximo a organização de manifestações que contenham aspectos do nosso folclore, embora ache que criar uma disciplina nos currículos demandaria muito tempo e estudos de razoável profundidade porque, a exemplo do que também pensa o Professor Doralécio Soares, há bem poucos professores nessa área de ensino. Por isso, instruções sobre folclore entram no conteúdo de aprendizagem das aulas de Educação Artística e Educação Física.



Festival Escolar de Folclore, promovido pela 1ª UCRE — Florianópolis.
Alunos das diversas Unidades Escolares, desfilam na Praça 15 de Novembro, comemorando o Dia Nacional do Folclore.

Festival Escolar de Folclore, promovido pela 1ª UCRE — Florianópolis.
Alunos das diversas Unidades Escolares, desfilam na Praça 15 de Novembro, comemorando o Dia Nacional do Folclore.

II FESTIVAL DO FOLCLORE — 21 A 24 DE AGOSTO DE 1984

Nelcy Bernadete da Silva Buôgo

JOGRAL: Apresentado pela Professora Nelcy e alunas da 8ª série do Colégio Estadual "Presidente Roosevelt", na abertura do II Festival de Folclore de Florianópolis.

Comentarista: O Festival de Folclore de 1984, promovido pelas escolas da 1ª UCRE, é dedicado em *"louvar e agradecer"* ao nosso grande folclorista Professor Doralécio Soares.

01 — Ao Doralécio que nasceu pernambucano, mas que, por voltas que o mundo dá, veio fazer-se grande na terra Barriga-Verde.

02 — Ao Doralécio, folclorista ativo e interessado, que além de cobrar interesse dos intelectuais, incentiva que se deseperte o valor da cultura popular, no coração dos pequeninos.

03 — Ao Doralécio que valoriza o sentir, o pensar e o agir de cada comunidade, por menor e mais pobre que seja, buscando em cada pedacinho deste chão catarina a alma do seu povo.

04 — Ao Doralécio, pioneiro na incessante busca das raízes da cultura catarinense, cujo nome já se encontra há 35 anos entre os daqueles dedicados pesquisadores de nosso folclore.

Comentarista: Ao Doralécio que permanece fiel ao desafio que recebeu ao participar da Subcomissão Catarinense de Folclore, já nos idos de 1949.

1 — fiel e entusiasta;
2 — incentivador dinâmico;
1 — pesquisador pertinaz;
2 — folclorista envolvente;

Comentarista: Força de apoio para crianças, jovens adultos e velhos que querem preservar a beleza e a autenticidade das manifestações populares.

3 — Ao Doralécio, ser humano sensível, que deixou explodir essa sensibilidade na convivência com as pessoas simples.

4 — a dona de casa alemã que lhe ensinou a fazer "GOULACH",

1 — a Vovozinha que benzia o quebranto das criancinhas,

2 — ao pescador que tecia a sua rede,

3 — a moça rendeira que preparava o seu enxoval,

4 — as crianças que brincavam de roda,

3 — os italianos que cantavam a "La Virginella" depois do churrasco ou do vinho,

2 — o grupo de idosas que lhe remetia "Pão-por-Deus",
1 — o artesão que moldava o barro,
2 — os meninos que armavam arapucas para pegar os coleirinhos.
Comentarista: E toda aquela gente que ficou encantada em contar ao Doralécio, aquilo que sabiam, que conheciam ou que faziam.
Todos: Ao Doralécio que "na vivência contínua do povo que nasce / que chora / que canta / que ri / que dança / que joga / que brinca / que caça / que pesca / que bebe / que come / que diz-que-diz / que adoece / que sofre e que morre"
3 — recolhe, recolhe, recolhe!
4 — recolhe orações,
3 — benzeduras misteriosas e cheias de fé
2 — anedotas engraçadas
1 — palavras pitorescas
2 — contos fantásticos
3 — ou
3 — curiosas advinhações:
"O que é o que é: sou filho de corso raso, corro pouco, logo paro. Da terra faço amparo". (tatuíra)
4 — Doralécio que coleciona românticas quadrinhas:
"Tens olhos azuis
cor do mar quando tá manso
o dia que não te vejo
meu coração dá balanço"
"Como o vento é para o fogo
É a ausência para o amor;
Se é pequeno apaga-o logo,
Se é grande torna-o maior". . .
3 — sábios provérbios:
"Mais puxa um fio de bondade, do que cem juntas de boi".
2 — divertidos lemas de pára-choque de caminhão:
"Mulher e parafuso, deixa que eu mesmo aperto".
Comentarista: A este Doralécio, que tem um mundo interior tão grande e tão rico.
Todos: A este Doralécio, a quem nós (jovens) devemos, devemos tanto.
Comentarista: A este Doralécio, que tanto e tão bem fez, para que o nosso folclore vivesse, fosse conhecido e amado por nossa geração.
Todos: Nós queremos dizer: Obrigado!
1 e 2 — Obrigado, pelo trabalho realizado;
3 e 4 — Obrigado, pelo trabalho que vem prosseguindo, superando obstáculos, eliminando dificuldades, lutando para dar ao folclore um lugar de destaque na cultura catarinense;

1 e 2 — Obrigado, pelo trabalho assumido, dedicado e responsável;
3 e 4 — Obrigado, pela coragem e persistência demonstrada na luta pela preservação e divulgação do nosso folclore;
1 e 2 — Obrigado, pelo seu grande amor ao povo catarinense, a sua origem, história e tradição!
3 — A você, Doralécio,
4 — por tudo o que fez,
3 — por tudo o que é,
3 e 4 — nossa singela homenagem.
1 — Seu exemplo nos estimula,
2 — seu trabalho nos cativa.
Todos: Sua vida, sua obra, estão para sempre na história da nossa gente!
1 e 2 — Que Deus o abençoe!

"Professor Doralécio:
Obrigado pela semente folclórica que propagas.
Semeias hoje, para que exista o amanhã."

Escola Básica de Demonstração "Ibauro Müller"

Agosto - 1984

XIV FESTIVAL ESTUDANTIL DO FOLCLORE JOINVILLE — SC.

"VIVER NO PRESENTE AS TRADIÇÕES DO PASSADO"

No Ginásio de Esportes "Deputado Ivan Rodrigues", a 5ª UCRE através da DIFID realizou no "DIA NACIONAL DO FOLCLORE" o seu XIV FESTIVAL ESTUDANTIL, com Desfile de Abertura às 14:00, e reapresentação às 19:30 horas, perante um notável público, que não se intimidou diante das chuvas que caíam sobre a Manchester Catarinense.

Os professores de Educação Física realizaram um trabalho mais intenso de pesquisa, tendo em vista os Grupos Folclóricos apresentarem danças do nosso Folclore Brasileiro.

Foram muitas as atrações: Exposição de trabalhos manuais infantis, Feira de Arte e Artesanato, Comidas e Bebidas típicas, Exposição de trabalhos em Painéis e Barraquinhas.

Apresentaram-se as seguintes escolas:

— CE "Osvaldo Aranha": FREVO — PERNAMBUCANA
— EB "Conselheiro Mafra": BAILE ALEGRE — RUSSA
— CE "Dr. Jorge Lacerda": PAIXÃO CIGANA — CIGANA
— EB "Prof. João Martins Veras": FREVO — PERNAMBUCANA
— EB "Profª Léa Maria Aguiar Lepper": BOI-DE-MAMÃO — AÇORIANA
— EB "Monsenhor Sebastião Scarzello": CANTIGAS DE RODA — BRASILEIRA
— EB "Prof. Rodolfo Meyer": MAÇANICO — GAÚCHA
— CE "Dr. João Colin": XAXADO — PERNAMBUCANA
— CE "Dr. Tufi Dippe": PESCADORES — BRASILEIRA

XAXADO — Colégio Estadual Dep. "João Colin"

NOTICIÁRIO DO FESTIVAL DE JOINVILLE

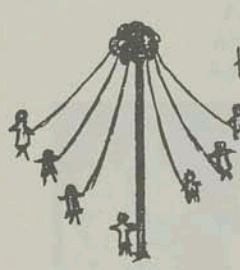
CONVITE

A 5ª Unidade de Coordenação Regional, através da Divisão de Educação Física e Desportos, sente-se honrada em convidar Vossa Senhoria e Familiares, para prestigiarem o "XVI Festival Estudantil do Folclore".

PROGRAMAÇÃO

DIA : 22/08/84 — 4ª Feira
LOCAL : Ginásio de Esportes "Dep. Ivan Rodrigues"
14 h : Abertura do "XIV Festival Estudantil do Folclore". Apresentação de Números Folclóricos, Exposição de Trabalhos, Feira de Artes e Artesanato, Comidas e Bebidas Típicas, Exposição de Trabalhos em painéis.

19:30 h: Apresentação de Números Folclóricos, Exposição de Trabalhos, Feira de Arte e Artesanato, Comidas e Bebidas Típicas. Exposição de Trabalhos em Painéis.



Convite

A Direção da E/B Profª Claurinice Vieira Caldeira tem o prazer de convidar os Senhores Pais para prestigiar as Apresentações Folclóricas de nossos alunos a realizar-se neste sábado, 24 de Agosto, no Campo do Atlético a partir das 15 horas. Contamos com a presença de todos para aplaudir e incentivar seus filhos.

Em se tratando de diferentes culturas, não se pode julgar qual foi a melhor apresentação. Porém, como fator de melhor pesquisas e autenticidade, eu destacaria o BAILE ALEGRE, apresentado pela EB "Conselheiro Mafra". É importante registrar que este FESTIVAL foi exuberante em seus trajes típicos, bem como notável pelas apresentações que buscaram valorizar as nossas tradições.

— "TARANTELLA": De origem italiana, esta dança foi revivida pelos alunos da EB Felipe Schmidt. Um grupo de alunos, realizaram a entrada portando: cesta com uvas, garrafão de vinho e bolo de fubá. Em seguida, em seus lindos trajes típicos, dezessete pares de alunos deram início à dança que arrancou muitos aplausos do público presente, pela perfeição de seus movimentos.
— "MEU LIMÃO": Sendo o Brasil um país essencialmente agrícola, a dancinha foi idealizada para homenagear o meio rural. Seis pares de alunos da 3ª e 4ª série da EB Profª Claurinice Vieira Caldeira, apreciando o Folclore Nacional, deram sentido ao "limão" tão empregado entre nós como utilidade culinária e terapêutica. As crianças acharam que o "limão" merecia ser lembrado de maneira diferente e acrescentaram: "Se o povo já o consagrou cantando, façamo-lo agora, dançando."
— "DANÇA CIGANA": Apesar de não termos registros de influência no Folclore Brasileiro, a apresentação de uma Dança Cigana proporcionada pela EB. Carlos da Costa Pereira foi o número de maior destaque das apresentações na "TARDE DE FOLCLORE". Antes da apresentação da dança, os alunos deram entrada com uma típica carroça e todos os utensílios fabricados pelos ciganos, não faltando a cartomante e o belo cigano apaixonado. Uma tenda com lanterna acesa lembrou um autêntico cenário de um acampamento cigano. A música cigana, com seus ritmos selvagens, suas canções ardentes, foi demonstrada numa dança exótica começando lenta, moderada e apaixonadamente, terminando em louca agitação.
A apresentação foi verdadeiramente fascinante.

* Todas as escolas souberam aproveitar o fato folclórico cultural que brota da criatividade popular sempre ligada às nossas tradições, bem como a criatividade e espontaneidade das crianças cooperando assim para a cultura e a educação das novas gerações.
O sucesso da "TARDE DO FOLCLORE" em SÃO FRANCISCO DO SUL deve-se também ao apoio dos pais e todos aqueles que de uma forma ou de outra colaboraram com o evento.
Com um excelente público e muitas autoridades presentes, a "TARDE DO FOLCLORE", elaborada pela Srª EDITE TEREZA CORRÊA, Supervisora Local de Educação, alcançou os objetivos previstos, sendo a promoção coroada de pleno êxito.

SÃO FRANCISCO DO SUL — SC
XIV FESTIVAL ESTUDANTIL DO FOLCLORE

Sônia Maria Copp da Costa

A Supervisão Local de Educação, 05.06, promoveu no dia 24 de agosto, a "TARDE DO FOLCLORE" no Ginásio de Esportes "A Comunidade Participa", contando com o apoio da Direção dos Estabelecimentos de Ensino e dos Professores de Educação Física.

Na cerimônia de abertura, todos os Grupos Folclóricos desfilaram. Após o Hino Nacional, o Prefeito Municipal Sr. José Schmidt pronunciou sua mensagem de incentivo, valorizando o trabalho de pesquisa dos Professores de Educação Física, despertando em nossas crianças o interesse pelos costumes e tradições populares.

A 5ª UCRE se fez presente, através de representantes da DIFID e do seu Diretor Sr. Aristides Manoel Gonçalves que, após realizar sua Mensagem de Abertura, foi iniciada a apresentação dos Grupos Folclóricos.

Se apresentaram os seguintes Grupos Folclóricos:

— "SCHOTTISCH" (CHOTIS): Os alunos da EBI Victor Konder abriram o Festival com esta dança muito divulgada no Rio Grande do Sul. Aos pares, as crianças se apresentaram numa demonstração segura e muito bem ensaiada. O xote, como a valsa, a mazurca, a polca, a quadrilha são danças de salão, estrangeiras, adotadas por nós.

— "EXALTAÇÃO A IEMANJÁ": Foi o número apresentado pela EB Profª Nicola Baptista (Enseada). Duas alas de jovens alunas em seus longos vestidos brancos, realizaram movimentos coreográficos em homenagem à Rainha do Mar. A maioria dos Estados Brasileiros homenageia Iemanjá a 31 de dezembro. Os devotos organizam cerimônias litúrgicas na orla marítima, atirando nas águas inúmeros presentes principalmente flores. Seu culto é o maior e o mais espetacular de quantos existem na tradição Afro-Brasileira.

— "O FREVO": Derivado da Capoeira e tradicional no Carnaval de Pernambuco, a dança do FREVO foi apresentada por vinte e seis alunas e um aluno do CE Santa Catarina. Os trajes em cetim, coloridos, combinando com o da sombrinha, deram um visual de exuberante alegria. O FREVO é uma dança de alucinação coletiva, por isso as crianças se apresentaram com muito entusiasmo e vigor.

ESCOLA BÁSICA "PROFª CLAURINICE VIEIRA CALDEIRA"
LOCALIDADE: ROCIO GRANDE
MUNICÍPIO: SÃO FRANCISCO DO SUL (SC)

"SEMANA DO FOLCLORE" DE 22 a 29 DE AGOSTO DE 1985

O FOLCLORE NA EDUCAÇÃO É UMA NECESSIDADE SOCIAL, UNINDO-SE À CULTURA TRADICIONAL, LEVANDO ATÉ AOS LARES A TRADIÇÃO, FAZENDO SURGIR O INTERESSE PELOS NOSSOS COSTUMES.

É IMPORTANTE PARA A EDUCAÇÃO ESTABELECER O FOLCLORE NA ESCOLA COMO FORÇA NACIONALIZANTE E ELEMENTO DE VITALIZAÇÃO DAS LEGÍTIMAS TRADIÇÕES DE NOSSO POVO, ATRAVÉS DA MÚSICA, DANÇA, ETC.

A ESCOLA BÁSICA "PROFª CLAURINICE VIEIRA CALDEIRA" OFERECE ESTAS APRESENTAÇÕES FOLCLÓRICAS EM HOMENAGEM PÓSTUMA À PROFESSORA **EDMÉA BEZERRA**, QUE MUITO SE DEDICOU ÀS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR.

GRUPOS FOLCLÓRICOS

1 — DANÇA DA QUADRILHA NORDESTINA
2 — DANÇA DO XOTE
3 — BRINQUEDOS FOLCLÓRICOS
4 — EXALTAÇÃO AO CANGUEIRO
5 — DANÇA DO PAU-DE-FITAS
6 — CANTIGAS FOLCLÓRICAS DE ALGUNS ESTADOS BRASILEIROS
7 — DANÇA DO VILÃO

"VIVER NO PRESENTE AS TRADIÇÕES DO PASSADO"

SÃO FRANCISCO DO SUL, 24 DE AGOSTO DE 1985.

Impossibilitados de publicarmos todos os textos constantes da programação da Escola Básica "Profª Claurinice Vieira Caldeira" destacamos "Exaltação ao Cangueiro" e "Brinquedos Folclóricos".

FOLCLORE: EXALTAÇÃO AO CANGUEIRO
COMPONENTES: 8 pares de alunos da 3ª Série A
ALUNOS RESPONSÁVEIS: JAÍLSON — GEISA E IVANA

HISTÓRICO

O que pretendemos mostrar não é uma dança folclórica, mas uma atividade folclórica já extinta em São Francisco do Sul. Homens, mulheres e crianças no tempo da pataca, tostão, vintém ou mil-réis realizavam esta atividade, muitos deles para a sobrevivência da própria família.
A canga era feita de pitaguará, coquinho, araçá ou ipê. Latas de querosene serviam como vasilhames para recolher a água das cariocas: Velha, da Cidade, da Pedreira, da Estação, do Otávio Aleluia, da Inhá Nica (Felipe Schmidt), da Carioquinha (Subida Hospital Caridade) e da famosa Carioca da Marcílio Dias.
Recolhemos outras informações através de pesquisa com Dona Maria Cândida Machado — 92 anos, Leonídia Pereira — 90 anos e o Senhor Baderna, a quem agradecemos muito.
Os alunos da 3ª **A**, com a simplicidade das crianças, prestam uma homenagem a todos vocês que foram **Cangueiros** e que, hoje, devido ao progresso, deixaram de lado suas **Cangas**. Para vocês nossa sincera homenagem.

FOLCLORE: BRINQUEDOS FOLCLÓRICOS

COLABORADORES: PROFESSORAS DO PRÉ-ESCOLAR, 1ªs e 2ªs Séries.
COMPONENTES: GRUPO DE ALUNOS DO PRÉ-ESCOLAR, 1ªs e 2ªs SÉRIES

HISTÓRICO

Com esta coletânea, tivemos apenas o desejo de popularizar mais ainda os jogos, as rodas e as brincadeiras tradicionais das crianças brasileiras.
Estas diversões infantis encontram-se ainda hoje com toda a sua pureza, tal como as crianças cantam e brincam na realidade cotidiana.
Registramos com carinho alguns brinquedos folclóricos que são apresentados por grupos de alunos do Pré-Escolar, das 1ªs e 2ªs Séries.
Relembramos a pandorga, peca, peteca, corda, amarelinha, pião de madeira, catavento, carrinho de madeiras e boneca de pano.
Tudo isto é folclore.
Folclore infantil que não pode ser esquecido.
Nesta apresentação contamos com a colaboração dos pais, aos quais agradecemos com nossos aplausos.

SEMANA DO FOLCLORE

FESTA DA CULTURA
de 11 a 15 de outubro de 1984
SÃO MIGUEL DO OESTE

Dia 11/10 — Quinta-Feira ABERTURA DA FESTA DA CULTURA

20:30 — Abertura das Feiras e Exposições — Salão Paroquial
— 1ª Feira Regional do Livro
— Feira Regional de IPT e Ed. Artística — Org. DIADE/12ª UCRE
— Exposição Estadual de Pintura
— Feira Regional de Artesanato
— Feira de Produtos Caseiros

21:00 — Apresentação de Corais e Grupos Folclóricos, Salão Paroquial
— Associação Coral São Miguel
— Os Rouxinóis — São José do Cedro
— Coral Santa Cecília — Itapiranga
— Grupo de Danças Folclóricas de Itapiranga

Dia 12/10 — Sexta-Feira — Praça Walnir Bottaro Daniel

09:00 — Manhã da Pintura Infantil — Org. Rotary Clube

11:00 — Apresentação do Grupo Folclórico Boi-de-Mamão — Descanso
— Apres. do Grupo de Danças Mirim do CTG Porteira Aberta

13:30 — Filme: "As Aventuras da Turma da Mônica" — Cine Cacique

16:00 — Filme: "As Aventuras da Turma da Mônica" — Cine Cacique
— Café Colonial — Org. Clube 4-S de Bandeirante — Salão Paroquial

19:00 — Desfile de Reconstituição da Guerra do Contestado
Participação de 1.000 figurantes — Praça Walnir B. Daniel Organização: Moto Clube São Miguel — Associação SAPEMA — Colégio São José — Colégio Peperi — Colégio São Miguel — Escola Básica Hélio Wasum, Bandeirante — Madeireira Basso — Erva-Mate Escoteiro — Escola de Ginástica e Estética — Escola Básica São Gotardo — Escola Básica São Sebastião — Escola Básica Alberico Azevedo — Jardim de Infância Chapéuzinho Vermelho — Polícia Militar — 1º/21º RCMec — CTG Porteira Alberta.

23:00 — Baile no CTG Porteira Aberta, com a apresentação do cantor nativista Pedro Ortaça

DIA 13/19 — Sábado — Praça Walnir Bottaro Daniel

13:30 — Filme: "As Aventuras da Turma da Mônica" — Cine Cacique

16:00 — Cultura Popular: Apresentação de músicos e cantores
Org. CTG Porteira Aberta

20:00 — Janta Típico Italiano
Org. Associação das Donas de Casa — Salão Paroquial

21:00 — Apresentação do Coral "Canarinhos de São Luiz"
Prom. Rádio Peperi

22:00 — Apresentação do Cantor Nativista Pedro Ortaça

23:00 — BAILE PÚBLICO NA PRAÇA com o Grupo Fantástico

Dia 14/10 — Domingo — Praça Walnir Bottaro Daniel

09:00 às 17:00 — Rua do Lazer — Diversas atrações esportivas abertas à participação do público — Org. CME

Observação: As Feiras e Exposições permanecerão abertas de 11 a 15 de outubro, sempre das 09 da manhã às 22 horas.

LETRA E MÚSICA DE

JOSÉ ACÁCIO SANTANA

GOVERNO DO ESTADO
CUMPRINDO A CARTA
DOS CATARINENSES

O HOMEM DO CONTESTADO

ESPERIDIÃO AMIN

O processo de ocupação e de colonização do Estado de Santa Catarina propiciou a formação de um mosaico rico sob os enfoques cultural, étnico, econômico, resultado da integração ainda não efetivada da nossa Terra e da nossa Gente. Aliás, esta diversidade deve ser considerada um patrimônio nosso.

Mas, do ponto de vista cultural, quem é catarinense?

– Será o homem litorâneo, de cultura marcadamente européia?

– Será o "serrano" de traços gauchescos?

– Ou será o "oestino", mescla européia - gaúcha, que moldou um tipo humano absolutamente "sui generis"?

A riqueza cultural de Santa Catarina é tão vasta e tão marcante que impediu ao longo do tempo a formação de um "tipo" do qual se possa dizer: Este é o "homem típico" catarinense.

Estou convencido que este "homem típico" já existiu. Existiu e foi destruído, tanto física quanto culturalmente. E deixou muitas marcas culturais, apesar dos poucos registros escritos, porque a perversidade da história não registra a "história" dos vencidos. À história "passam" somente os vencedores, independentemente de suas virtudes.

Este vencido, que a história registra apenas como um "jagunço fanático", foi, para mim, o mais típico dos catarinenses. Vejo a sua luta de 70 anos atrás, como a luta de inúmeros "catarinenses" de hoje, e, mais, luta de milhões de pequenos em todo o mundo.

O que o homem do Contestado fez?

– Fez uma luta nacionalista que consolidou em definitivo as nossas fronteiras.

– Fez uma luta ecológica contra a devastação dos nossos recursos naturais, patrocinada então pelo capital estrangeiro.

Fez uma luta social contra a injusta propriedade da terra, perseguida pelos latifundiários da época.

– Fez uma luta trabalhista contra o capital internacional que não admitia o trabalho de "nativos".

– Fez uma luta contra a opressão, porque não admitia que alguém o fizesse escravo daquilo que já era dele.

E de luta em luta fez uma guerra. Uma guerra que envolveu uma parte considerável do exército brasileiro de então. Que pela primeira vez na América Latina usou aviões de guerra. Que provocou a morte de mais de 12 mil pessoas.

Mas, o nosso homem do Contestado, infeliz nas suas lutas, foi infeliz também na história da sua guerra. O episódio do Contestado foi muito mais "rico" em todos os sentidos que o episódio de Canudos. Faltou-nos apenas um Euclides da Cunha para descrevê-lo. E a "nossa guerra", desdobrando-se no mesmo período da primeira guerra mundial, não chamou a atenção da sociedade brasileira para os aspectos políticos, econômicos, sociais e militares envolvidos no conflito.

Penso que a sociedade catarinense desfruta ainda hoje de uma série de valores que o Homem do Contestado "fez" (viabilizou) numa guerra para defendê-los.

Alinho alguns:

1º – o regime fundiário da pequena propriedade produtiva e viável do ponto de vista econômico, foi consolidado em definitivo pelo homem do Contestado;

2º – o arraigado sentimento catarinense de defesa do seu patrimônio natural e ecológico teve para o homem do Contestado um dos motivos da guerra;

3º – o espírito comunitário, o trabalho em parceria comunitária, que tão bem caracteriza a Santa Catarina de hoje, não é fruto somente da cultura européia. O exemplo mais vivo disto foi dado pelo homem do Contestado;

4º – e, finalmente, o repúdio à opressão e o sentido de liberdade que habita a alma do catarinense, teve no homem do Contestado a sua mais espontânea e radical manifestação.

São estes sentimentos de justiça por quem foi injustiçado pela história e de reconhecimento por quem não teve a oportunidade de fazer-se ouvir que me motivam a reconhecer no Homem do Contestado o mais legítimo dos catarinenses. Penso que todos nós lhe somos devedores. Penso que é importante, necessário e urgente resgatar-lhe a memória, o folclore e a contribuição social.

LIBRETO

ABERTURA

Coro
Não conteste o que foi contestado,
sem saber a causa e a razão!
Sertanejo viu-se despojado
dos seus bens e sua plantação.

Ocupada foi a sua terra
e a revolta se alastrou na serra.

As famílias eram perseguidas:
pais e filhos a perder o lar.
Ia, aos poucos, sendo destruída
tanta vida, sem justificar.

Não conteste o que foi contestado,
sem saber a causa e a razão!

A mão do historiador
deixou de registrar
a ação do explorador,
que veio exterminar,
injusta e sem razão,
a vida no sertão,
em luta desleal,
com apoio oficial.

PAISAGEM SOCIAL

Sertanejo
O povo só tem a terra
e as bênçãos que vêm de Deus;
jamais desejou a guerra,
só pensa nos filhos seus.

A estrada de ferro bruta,
sugando todo o suor,
com ódio alimenta a luta
do grande contra o menor.

Coro
Desprotegidos, sentindo pavor,
somente resta pedir ao Senhor
que Ele nos valha, nos dias da dor.

Mas, de repente vem
a vontade de lutar
para defender o lar,
defender o pão.

Nossas armas são fracas e poucas,
mas é grande a união no lutar.
Nossas vozes humildes e roucas
por justiça haverão de clamar.

ZÉ MARIA

Zé Maria
Eu venho de muito longe daqui
e trago conforto e paz a vocês.
De Deus um chamado que receb
seu guia e missionário me fez.

Coro
A bênção, Zé Maria, e chegai,
os filhos da dor confortai.
Trazei mensagem boa do Pai.
de força e confiança falai.

Estamos mergulhados em dor
por causa do estranho opressor.
Os trilhos dessa estrada feroz
são lanças apontadas pra nós.

Zé Maria
A forma do progresso que vem
não traz, nem justiça, nem paz.
Não é matando o que já se tem
que o desenvolvimento se faz.

Rezai e unidos permanecei,
guardai este pedaço de chão!
Lutai para que cumpram a lei
que dá direito ao homem ter pão!

Coro
De dia a batalha cruel,
de noite o amargo sofrer,
na sede bebemos o fel
e nossa fome é lutar e vencer.

Lutar por um pedaço
deste chão que desbravamos,
deste pão que aqui plantamos,
do sertão que nós amamos,
deste céu, de onde vem a nossa luz
e a forma desta cruz

igual a de Jesus.

Da terra bruta
Já se levanta
a mão que luta,
que o solo planta.
Se chora ou canta,
ninguém escuta:
desprotegidos nós vivemos no sertão!

Mão estrangeira
tirando a terra,
família inteira
morrendo em guerra,
de sangue a esteira
cobrindo a serra:
injustiçados nós morremos no sertão!

Zé Maria
Não temais, pois eu estou com vocês!
Foi o Mestre que falou, certa vez.
Tende fé e então vereis
que na luta cada um valerá por três!

Disse Ele certa vez:
Estou sempre com vocês!
Vosso sangue, como o Dele,
clamará justiça e paz!

Coro
Com Cristo lutando ao lado,
não temos nenhum temor:
foi Ele o melhor soldado,
morreu e ressuscitou!

Quem pelos irmãos se doa,
um dia vai ressurgir.
É como semente boa,
mais tarde vai produzir

Justiça! Direito! Verdade!

A bênção divina
nos ilumina
a mente e o coração.

Tanto sertão deserto.
e a gente sem ter um chão . . .
Não é leal, nem certo,
curvarmos a exploração!

Dispostos a lutar,
não vamos recuar,
nem vamos entregar
o chão, o pão
e a nossa plantação,
pois nosso é o sertão!
Não vamos recuar!
Lutar! Lutar!

MARIA ROSA

Maria Rosa
Nos raios do sol, na luz do luar,
um anjo do céu chegou pra lutar.

É vida que nasce na vida do povo.
é Cristo que volta, vivendo de novo.

Se Cristo morreu, também ressurgiu,
na terra tal força assim ninguém viu.

Coro
Maria Rosa, Maria,
tão pura como uma flor,
a tua face irradia
a paz, que é fruto do amor.

É Deus que à terra te envia
pra guerra santa que vem,
és nossa luz, nosso guia
e nos envias também.

GUERRA

Coro
Já se nota ao longe
a presença dos soldados;
querem que sejamos
daqui desalojados.
Eles nos esperam

e estão a nossa escuta,
pouco lhes importa
a razão da nossa luta.

Vamos em frente, dispostos a lutar,
nem mesmo a guerra consegue recuar
nosso desejo da terra preservar!

Saiam da terra,
a guerra não compensa!

Pena que eles servem
à causa tão injusta;
deixar tudo e ir
não compreendem quanto custa.
Cada fim de mês
eles têm seu pagamento;
nós, porém, tiramos
do chão nosso alimento.

Saiam da terra,
a guerra não compensa!

Maria Rosa
Querem a terra!

Coro
Não ! Não ! Não !

Maria Rosa
Querem a guerra!

Coro
Pois terão !

Mas nessa luta
do facão contra o fuzil,
do mini contra o latifúndio,
do menor contra o maior,
somente o tempo mostrará o vencedor.

A mão de Deus, que nos guarda,
faz nossa força crescer.
Povo explorado jamais se acovarda,
é preferível lutar pra viver !

Vamos em frente,
pois a hora é de lutar !
Lutar para vencer
e a terra defender!

Pode a guerra nos matar,
mas o gesto ficará
e a história guardará
nosso amor, nossa dor
no sertão, pelo pão
e um pedaço deste chão!

RESULTANTES

Sertanejo
Os frutos do Contestado,
que a história quis ocultar,
agora são colocados
na mesa pra meditar.

Coro
Por causa de um grão plantado,
podemos comer o pão;
por causa do Contestado,
pudemos ter este chão.

Sertanejo
Embora morrendo em guerra,
os homens deste sertão
deixaram também na terra
sementes, germinação.

Coro
Videira que bem se planta,
dá vinho pra se beber;
por causa da guerra santa,
pudemos sobreviver.

Sertanejo
Do pinheiro bem plantado
a pinha caiu no chão;
foi pinhão pra todo lado,
destruiu-se a união.

Coro
Foi pinhão pra todo lado,
destruiu-se a união.

Sertanejo
Da raiz do Contestado
o povo caiu também;
se espalhou por todo lado,
não restou quase ninguém.

Coro
Se espalhou por todo lado,
não restou quase ninguém.

Sertanejo
Quando a pinha se partiu,
deixou na terra a semente;
mata nova que surgiu
foi por causa do acidente.

Coro
Mata nova que surgiu
foi por causa do acidente.

Sertanejo
Os peões do Contestado,
iguais à pinha a morrer;
o seu sangue aqui plantado
Já começa a renascer.

Coro
O seu sangue aqui plantado
já começa a renascer.

Sertanejo
Do mais fundo desta terra
renasça o sonho almejado;
venha em paz, pois tanta guerra
não compensa o Contestado!

Coro
Venha em paz, pois tanta guerra
não compensa o Contestado!

Sertanejo

Eu venho de muito longe,
das margens do Iguaçú;
outrora falou um monge,
mas hoje quem fala és tu.

Coro
Me conta da tua vida,
me fala da tua cruz;
me diz que essa guerra havida
deu frutos de paz e luz.

Sertanejo
Seguindo teu santo nome,
o povo lutou de pé;
chegou a morrer de fome,
mas nunca perdeu a fé.

Coro
Na fome que o povo passa
não falta somente o pão;
pior é não ter a graça
do amor e da compreensão.

Sertanejo
Gerou o conflito santo
aquele desejo louco
de poucos querendo tanto,
de tantos sem ter um pouco.

Coro
Gerou o conflito santo
aquele desejo louco
de poucos querendo tanto
de tantos sem ter um pouco.

Coro
SENHOR, NÃO CONTESTA O CONTESTADO!

Sabemos que vieste trazer paz:
o amor foi tua herança para nós.
Porém, essa revolta entenderás,
se o povo não tem vez e não tem voz.

SENHOR, NÃO CONTESTA O CONTESTADO!

Pedimos que, por teu imenso amor,
compreendas os excessos de Irani;
os erros foram feitos pela dor
de um povo perseguido igual a ti.

SENHOR, NÃO CONTESTA O CONTESTADO!

A guerra que manchou de sangue o chão
ajude todos nós a compreender
que nessa história triste do sertão
a causa foi maior do que morrer.

SENHOR, NÃO CONTESTA O CONTESTADO!

Coro
O NOSSO BRADO SEJA OUVIDO POR TI,
PELA CRUZ DO CONTESTADO,
QUE FICOU PLANTADA AQUI.

Teu povo um dia
caminhou pelo sertão
e lutou com valentia
contra o mal da exploração

O NOSSO BRADO . . .

Foi a batalha
do fuzil contra o facão,
do maior contra o menor
e do banquete contra o pão.

O NOSSO BRADO . . .

Perdeu o fraco
em aparência, igual a ti,
mas da morte ressuscita
na memória de Irani.

O NOSSO BRADO . . .

Que todo sangue
derramado neste chão
brote em forma de justiça
e de amor a cada irmão.

O NOSSO BRADO . . .

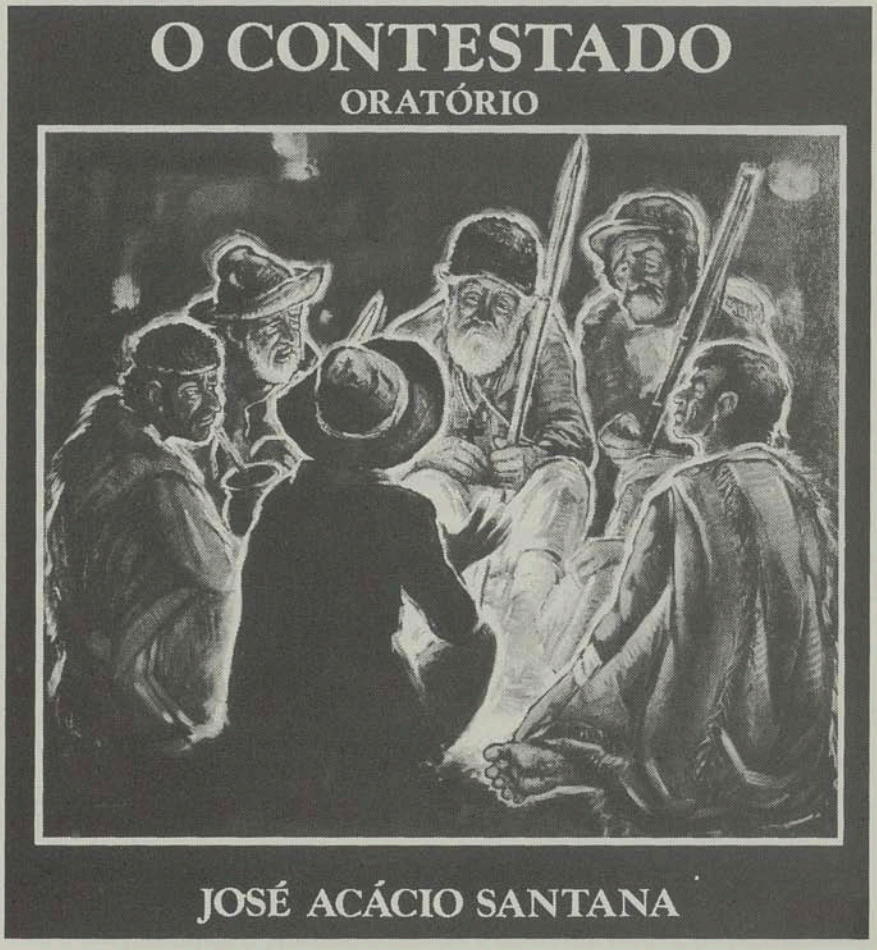
CORO FINAL

Defendendo a sua terra
gente humilde pôs-se em pé;
enfrentou a fome, a guerra,
mas jamais perdeu a fé!

Tanto sangue derramado,
ó Senhor, não seja em vão;
que ele inspire ao nosso Estado
a justiça e união.

Não conteste o Contestado
sem saber sua razão.
Da riqueza deste Estado
justa seja a divisão.

NÃO CONTESTE O CONTESTADO
SEM SABER SUA RAZÃO!



GENTE DE FORA — SP

NOTA DO EDITOR

"Folclore na Escola"

Transcrevemos o artigo da Professora Augusta Clarice Sarmento pela importância que o mesmo representa, para a ação promocional do "folclore na escola".

Esta tem sido a tônica do movimento que a Comisão Catarinense de Folclore, desenvolve junto às UCREs do Estado, no sentido de os diretores dessas Unidades de Ensino despertarem os professores das escolas, que compõem as suas Unidades, a desenvolverem essa "promoção". Não como uma obrigação curricular mas, sim, como um sistema educacional sério e recreativo, que pela sua importância e disciplina, instrui o aluno *ensinando-o a valorizar* as nossas tradições culturais.

O artigo da Professora Augusta Clarice Sarmento, que transcrevemos vem ao encontro do que foi instituído por Lei em Santa Catarina, "promoção de palestras, exposições e atos elucidativos sobre o folclore", isto dando destaque ao Dia do Folclore no Estado.

A abrangência desenvolvida pela autora transforma-se numa "aula" de grande importância para as nossas professoras que ministram o ensino do 1º e 2º grau. Não se trata de um trabalho para ficar restrito tão-somente às mestras que atuam nas áreas de "educação artística e educação física", não. O seu conteúdo transmite ensinamentos a professores que *participam* de todas as áreas do ensino.

Ao transcrevê-lo o fazemos *certo* da importância que o mesmo representará na áreas cultural do ensino do folclore na escola, como ciência que é, tão mal-estudado e compreendido por quem deve fazê-lo.

Folclore é cultura importante para todos, é cultura séria.

FOLCLORE NA ESCOLA

Augusta Clarice Sarmento

Integrante das ciências antropológicas e culturais, ciência autônoma em meio às ciências que estudam o homem e seu conjunto social, o folclore, desde a antigüidade, vem tendo sua importância realçada.

Entretanto, ainda hoje, para muita gente, o estudo do folclore é o resultado de um interesse plebeu, regionalista ou saudosista.

Acham ridículo o interesse por uma panela de barro ou pelos catopês e usam um termo pejorativo para designar um tipo popular, sujo e excêntrico que vaga pelas ruas da cidade "Galinheiro" é folclórico.

Torna-se assim importantíssima a conscientização, principalmente na escola, da importância do folclore na psicologia, nas idéias, sentimentos e inconsciente dos povos, além do seu valor como fator didático para o ensino.

Mesmo em 30 anos de magistério, um professor não terá, provavelmente, tempo de exaurir a fonte inesgotável de oportunidades de pesquisa e aproveitamento na educação, oferecida pelo folclore. Oportunidades essas à disposição do professor, não só de Educação Artística mas de todas as matérias.

Para aproveitá-las torna-se necessário antes de tudo visão global, mesmo incompleta, das manifestações folclóricas nas diversas regiões do País, onde elas adquirem características próprias que as diferenciam daquelas que lhe deram origem.

Seu universo de conhecimento não deverá se limitar à sua localidade, sua região. A consciência do que se passa em outros lugares favorecerá à comparação, à valorização e, conseqüentemente à preservação dos seus valores regionais.

Entretanto, o fato folclórico não pode ser visto como uma manifestação própria de determinada região, mas sim como se apresenta neste ou naquele lugar. Sua origem pode ser rastreada às vezes. Em outras, perdeu-se irremediavelmente no tempo. Pode-se apresentar com inúmeras variantes que continuarão a se multiplicar, a menos que desapareçam pela desagregação de suas partes (que se anexarão a outras da mesma espécie ou simplesmente cairão no esquecimento).

É importante pesquisar, incentivar, despertar o interesse e organizar. Localizar informantes ou informações que possibilitem sua localização. Realizar pesquisas entre os alunos e preceder a pesquisa de certa organiação. O aluno deverá procurar na memória não só o que foi sugerido ou solicitado mas outras lembranças que enriquecerão as informações, empregar esses conhecimentos para:

— Incentivar o processo criativo e o desenvolvimento do pensamento e da personalidde do aluno.

— Favorecer a comunicação com o meio e o relacionamento social.

— Despertar o interesse do aluno pela sua gente, estimulando o senso-crítico que levará a uma observação mais atenta do ambiente, em que vive.

— Aumentar a percepção afetiva, auditiva, sensorial e visual através das diversas áreas com as quais o folclore se relaciona.

— Estórias tradicionais conservadas na memória popular, já serviram de ponto de partida para investigações que levaram a esclarecimentos senão históricos, pelo menos da visão e reação populares em face a um acontecimento histórico.

— O Estudo das regiões brasileiras com suas estórias, sua alimentação típica, seus costumes, seus rios e matas, seus mitos e lendas, enriquecerão as aulas de geografia.

— Na literatura, o teatro auxilia na caracterização de personagens, inspira temas, descreve usos e costumes, os mitos e lendas, estórias e causas que despertam a imaginação, estimulam a fantasia. Os brinquedos e jogos divertem e estimulam a competição. As adivinhas favorecem o exercício mental, as poesias e trava — línguas ajudam o desenvolvimento da linguagem oral. As expressões e legendas dão sabor regional. Os provérbios, com sua carga expressiva e sua sabedoria, educam e exemplificam através de advertências críticas, comparações e conselhos. Resumindo uma situação, às vezes o estudo e emprego de uma fábula inteira, na educação é ilimitado.

Através do desenho, da pintura, da colagem ou montagem, os temas podem ser ilustrados. Mitos, lendas, provérbios, tipos, costumes, festas, danças, indumentárias, enfeites e instrumentos.

Do cancioneiro infantil perpetuado pela tradição oral através das gerações, são tiradas canções usadas pelas crianças em suas brincadeiras ou pelos adultos a fim de distraí-las, instruí-las ou adormecê-las. Estórias cantadas — (Miguelzinho — João e Maria), com cantos entremeados — (Anita), com noções de aritmética — (a galinha pintadinha), para ensinar os meses do ano — (30 dias tem novembro), para ensinar as horas e filosofar sobre a vida — (a uma hora nasci), sobre os dias da semana — (Segunda-Feira da Semana Santa), com contagem regressiva — (Velha que tinha nove filhas).

Em todas as rodas: simples, assentadas, concêntricas, imitativas, com danças, com marchas, com saltitos, com partes dramatizados. Rodas lentas, moderadas ou vivas.

Brinquedos de grupos opostos, de pegador, de esconder, de cabra cega com suas parlendas de escolha para saber quem fica ou quem sai (Pão, Pão, pão. . .).

Cantos para a coroação, tão usados ainda no interior. . . cantos para jogar versos, desafios, cantos dialogados (Eu como florista, cantados com movimentos, acompanhados com palmas em ritmos diversos em 02 grupos, 03 ou mais).

Dão oportunidade a jogos de atenção e ritmo tais como contagem mental em alguns trechos ou substituição de alguns compassos cantados por palmas. Podem ser acompanhados por instrumentos, que são tocados em grupo alternados de timbres ou simultaneamente com ritmos variados.

Ilustram peças teatrais, com os alunos ou com fantoches, alternam-se com poesias.

Do artesanato, com técnicas próprias da região, ressaltam-se sua importância na relação homem-meio, a habilidade associada à imaginação e usar oferendas, técnicas que desenvolvem o controle motor, a criatividade e o senso estético. Trançados e tecidos com fibras diversas, esculturas e montagem devem ser transformadas em um centro de interesse, um objeto de observação e valorização como arte e também como fonte de renda para a região.

Enfim, a consciência como arte e também como folclore vivo em nossa vida, em nossos gestos, atitudes, em nosso agir e pensar, querer e sentir, revelará sua importância na formação cultural dos povos. Evocando o tradicional, desnudando a alma do País através da vida material e espiritual de sua gente é que chegaremos ao verdadeiro espírito nacional.

Augusta Clarice Sarmento
Professora de Folclore do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez.
Montes Claros, MG.

Transcrito do "Suplemento de Cultura, editado no mês de agosto pela Secretaria de Cultura do Governo do Estado de Minas Gerais.

O BRANCO COLONIZADOR NO NORDESTE

Maria Tereza Marques Pereira

O descobrimento do Brasil resultou do sonho português de navegação, descoberta e conquista.

Foi com esse objetivo que o Infante D. Henrique fundou a Escola de Sagres, reunindo nela sábios, astrônomos, matemáticos, nautas, cosmógrafos, que não eram apenas portugueses. Concebeu, assim, o ideal de expansão territorial, visando à posse de terras descobertas e à catequese de povos exóticos.

Luís de Camões, *n'Os Lusíadas,* conta essa epopéia nacional das grandes navegações e dos grandes descobrimentos, que "deram novos mundos ao mundo".

Desde o instante da descoberta do Brasil, verificara se relações de raça e de cultura, quando se deu o encontro da raça branca com a indígena, que recebeu surpresa a chegada dos descobridores brancos e assistiu, atônita, à celebração da primeira missa por Frei Henrique de Coimbra.

A primeira página desse encontro racial é a carta de Pero Vaz de Caminha, que descreve as belezas da terra. Terra que consta do mapa de Pero Vaz Bissagudo. Isso prova a intencionalidade do descobrimento, quando a armada portuguesa de Pedro Álvares Cabral foi enviada para dar prosseguimento às conquistas, conforme tese apresentada pelo historiador Luiz da Câmara Cascudo ao concurso de História do Brasil, no Ateneu—Norte—Rio Grandense.

A epopéia do descobrimento envolve a complexidade dos temas de etnia e de cultura, que se apresentam diversos na terra descoberta, em virtude da sua extensão e também da variedade de climas. Embora o português tenha revelado a aptidão de adaptação ao novo meio e a experiência de contactos com outras populações tropicais, facilitando assim a sua acomodação ao meio brasileiro.

Com a vinda dos negros, como escravos, para o Brasil, originários principalmente da Angola e Moçambique, ampliou-se o painel racial, dando lugar à miscigenação étnica, social e cultural, que compreende toda a vida brasileira, desde o século XVI até hoje.

Miscigenação que continuou em proporções as mais diversas — que, no seu sentido antropológico-cultural, foi estudada por Gilberto Freyre no seu livro *Casa Grande e Senzala*, 1933. Essa foi a primeira visão metaracial de interpretação da nossa realidade sócio-cultural. Não se tratava apenas de um problema de assimilação, como pareceu ao sociólogo Oliveira

Viana, tratava-se de uma interpenetração de raças e culturas, que, de certo momento em diante, passaram a constituir a nossa própria nacionalidade, a alma brasileira.

Os primeiros cronistas, jesuítas ou viajantes estangeiros, ocuparam-se desse problema, mas, sob o ponto de vista quase exclusivo do colonizador branco, que era o lado mais forte e representava o governo português e a sistematização oficial da colonização implantada.

Descoberto ou reconhecido o Brasil por parte de Portugal, vieram as expedições de caráter apenas explorador, de contactos rápidos e fugidios. A única riqueza descoberta foi o pau-brasil.

Embora tenha havido cruzamento de brancos com índias, no começo não há ainda propriamente colonização.

Arthur Ramos no seu livro *Introdução à Antropologia Brasileira,* 4º volume, sobre as culturas européias e europeizadas, divide o europeu que chegou ao Novo Mundo em duas categorias: o europeu histórico, isto é, o colonizador dos primeiros tempos e o imigrante, aqui entrado após os movimentos de independência.

A partir de 1534, iniciou-se em condições mais sistemáticas, a colonização do Brasil.

A presença do colonizador português, se por um lado, se afirmou como opressiva das liberdades individuais, sob a influência e as determinações das Ordenações do Reino, por outro lado trouxe a cultura ocidental, cristã, muito ligada ao episódio dos descobrimentos marítimos.

Com o regime das capitanias hereditárias, tentativa diferente do regime das feitorias, verificava-se um verdadeiro ensaio de povoamento. A Capitania de Pernambuco, graças às qualidades de administrador e colonizador de Duarte Coelho Pereira, teve logo grande desenvolvimento social e econômico, com fundamento na cultura da cana-de-açúcar.

Duarte Coelho mandou buscar muitos colonos, não só da metrópole, como das Canárias e da Galiza, favorecendo assim o povoamento e aumentando a população com o cruzamento em larga escala de portugueses, espanhóis e índios.

Essa prosperidade que se estendeu também às Capitanias vizinhas, aguçou a cobiça e o interesse de franceses, ingleses e holandeses, que procuravam aliança com os índios para penetrar nas terras onde a cultura da cana-de-açúcar e o pau-brasil ofereciam melhor mercado e maior riqueza.

Verificou-se, portanto, que as lutas, até bem pouco entre portugueses e índios, passaram a ser entre portugueses e invasores.

Amplia-se, assim, o panorama racial em conflitos armados e lutas de conquista.

Considera-se que o verdadeiro povoamento do Brasil pelos colonizadores portugueses só começa realmente com a instalação do Governo Geral, em 1549.

O elemento português que veio para o Brasil constituía um grupo étnico que vinha se formando desde longos séculos. De diferentes províncias portuguesas vieram elementos humanos para a formação do povo brasileiro, inclusive de Lisboa.

As duas principais levas de portugueses são povenientes do Reino e das Ilhas, tanto dos Açores como da Madeira.

O grande contingente foi de Viana e depois da Ilha da Madeira, que maior contribuição ofereceu para a formação da família pernambucana.

Os franceses desde cedo mantiveram contactos com índios brasileiros, comerciando pau-brasil. Principalmente na área entre Paraíba e sul da Bahia, mais tarde procuraram se estabelecer no Maranhão, onde fundaram a cidade de São Luís, em homenagem a Rei de França.

Os piratas franceses, em 1526 na Bahia e em 1531, em Pernambuco, a sua presença se fazia sentir nas costas brasileiras.

Os ingleses faziam o corso dos mares, rondaram as nossas costas sem terem conseguido ocupar partes do território ou construir feitorias, como aconteceu com os franceses no Maranhão e no Rio de Janeiro. Eles penetraram na Amazônia e iniciaram as atividades de comércio.

A maior das invasões foi a dos holandeses que em 1630 ameaçaram a Bahia e chegaram a Pernambuco e daqui só se retiraram em 1654, passando assim 24 anos. Do ponto de vista da formação cívica, cultural, social, não somente de Pernambuco, como das capitanias vizinhas, a invasão holandesa contribuiu para nos dar a consciência de povo e até mesmo de Nação.

Nunca viveram em harmonia portugueses e holandeses, embora estes tenham reconhecido a participação tão valiosa dos portugueses na cultura da cana-de-açúcar.

Não há o menor exagero em dizer que a Restauração Pernambucana do domínio holandês, após as grandes vitórias dos Guararapes e das Tabocas, constituem uma página do nosso perfil histórico. E ali se escreveu o endereço certo do Brasil, como disse Gilberto Freyre.

Na totalidade do grupo holandês figuram elementos de diversas nacionalidades, franceses, escoceses, irlandeses, alemães e, sobre tudo, o judeu.

Ainda vieram para o nordeste no período de imigração: italianos, poloneses, russos, libaneses, chineses, japoneses, etc.

A influência do branco se estendeu a todas as formas da vida nordestina, constituindo uma elite dominadora.

Mas seria injusto esquecer que o seu trabalho não teria sido realizado sem a participação do índio e do negro que influíram na língua portuguesa falada no Brasil e mesmo em usos e costumes.

O homem branco nordestino, isto é, o colonizador português, associado a índios e negros, marcou o ponto decisivo do caldeamento racial como expressão de uma alma nacional em formação.

O homem do nordeste, que descende de três raças, o branco, o

índio e o negro, se afirma numa unidade étnica admirável.

Somos três raças que constituem uma unidade na diversidade social da nossa História.

As famílias nordestinas, em particular, e as brasileiras em geral, têm sobrenomes que demonstram a ascendência das diversas raças, sendo que predominam, naturalmente os portugueses, havendo também a registrar a ancestralidade holandesa, francesa, inglesa, judaica, italiana, espanhola, estas duas últimas em menores proporções.

O branco colonizador português, ajudado por índios e negros, sob um regime mais ou menos áspero de escravidão, fez da indústria do açúcar e do comércio do pau-brasil um sistema econômico que, praticamente, dominou durante todo o Segundo Reinado.

Assinala Arthur Ramos, no seu livro *Introdução à Antropologia Brasileira,* III volume, que, com as grandes descobertas, iniciadas no século XV, começa a europeização do mundo, atingindo os contingentes africanos, asiáticos e americanos.

O colonizador português não chegou a europeizar o homem do nordeste, porque a mistura de raças quebrou de certo modo a força preponderante do ramo lusitano.

Eis porque o homem do nordeste, reunindo os três elementos étnicos, tem a sua criatividade própria.

A presença do branco ou melhor, dos brancos — trouxe-nos a civilização, a cultura, o progresso industrial, a catequese missionária, tudo isso numa sociedade em conflito, porque, como já ficou dito, as nossas riquezas suscitavam a ganância de europeus, principalmente holandeses, que fundaram a "Companhia das Índias Ocidentais para invadir o Norte do Brasil."

Pernambuco liderou no nordeste, a resistência heróica, característica essencial do homem do nordeste.

Homens que representam simbolicamente a união das raças que formam o Brasil, numa aliança prenunciadora da Paz Étnica, glorioso apanágio de nossa Pátria.

(Ilustração da pág. 26 da "História do Brasil em Quadrinhos") Editora Brasil-América.

PRESENTES E LENDAS NA ALEGRIA DO NATAL

Maria Brígido
(Da Comissão Paraense de Folclore)

A troca de presentes é uma das mais antigas manifestações da tendência gregária do homem, induzindo-o à constituição das modestas clãs primitivãs ou incrementando o relacionamento social das sociedades complexas.

Decorrentes do instinto de sobrevivência que leva os componentes de uma comunidade embrionária a unirem-se na defesa contra inimigos em potencial, ou resultantes da satisfação moral que tais gestos geram nos indivíduos a quem o cultivo do espírito extremou a sensibilidade, as dádivas são uma tradição, resistindo mesmo às profundas transformações políticas e econômicas a que tem sido submetidas as nações, na atualidade.

A propósito dessa prática do término e alvorecer do ano vale lembrar as dádivas dos povos pagãos, tais como os egípcios, em cujos túmulos reais arqueólogos encontraram ânforas de perfumes acompanhadas de inscrições com mensagens de Ano Bom, ou os romanos que, comemorando Janus, o deus bifronte, patrono do primeiro mês, presenteavam-se com tâmaras, cidras, mel, perfumes ou, ainda, lâmpadas, e manjares e saudavam-se com augúrios de um ano feliz, traduzidos na saudação consagrada "Annum Novum faestone, feliciem".

Os Evangelistas narram que os Magos vindos do Oriente, guiados pela estrela, ao encontrarem Jesus no presépio, a seus pés deixaram ouro, incenso e mirra e a tradição afirma que os pastores, avisados do nascimento, pelo anjo, ofereceram ao Deus Menino suas dádivas constantes de ovelhas, leite e agasalhos. É esta, pois, a primeira notícia sobre presentes ligados ao culto do Salvador.

Nos primeiros anos do cristianismo, as dádivas dos adultos às crianças tinham, ao que parece, uma inspiração fetichista, constante de amuletos preservadores de doenças ou infelicidade. Ainda hoje, em algumas regiões do Brasil, é costume oferecer aos recém-nascidos objetos de idênticos significados, avultando entre eles as figas de onix, coral, azeviche, guiné e, na Amazônia, pau d'angola, imunizadoras do mau olhado.

No quarto século de nossa era, surgiu nas comemorações do Natal o personagem dominante do reino infantil — S. Nicolau, o meigo e piedoso Bispo, distribuidor de brinquedos.

Durante séculos, os presentes às crianças eram doados nos dias 05 a 24 de dezembro, sendo, a primeira dessas datas em recordação daquele santo. Mais tarde, a data de véspera do Natal absorveu a de S. Nicolau,

sem que, no entanto, este deixasse de ser representado em suas periódicas viagens benfazejas, montando cavalo branco, ou guiando seu trenó atrelado às renas.

Na Europa, diversas práticas acham-se ligadas à vista do bom Bispo de Myra. Entre elas a de as famílias estenderem toalha branca sobre a mesa, para que o santo a replete de doces; a colocação, pelas crianças, de meias ou tamancos de madeira junto às lareiras, em locais onde o Natal coincide com o rigor do frio, ou sapatos nas janelas e ainda embaixo da cama, a fim de receberem as dádivas, geralmente brinquedos ou objetos de utilidade para o presenteado.

No Oeste da Europa, homens, trajados a S. Nicolau, vão de casa em casa, inteirando-se do comportamento das crianças, fazendo-se acompanhar de um auxiliar munido de um bastão com que afasta dos seus caminhos os malcriados. À noite eles voltam, deixando, de acordo com as suas observações, brinquedos para os bons e chicotes para os maus.

Na Holanda, onde o santo é mais querido, chama-se Sint Niklaans, na Alemanha, Sinterklass. Svaty Nikulas é patrono das crianças na Chescolovaquia. A maioria dos países europeus conserva as vestes do Bispo, em suas alegorias ou representações.

A Dinamarca apresenta um moleque travesso, tipo anão, chamado Jule-Nissen. Todos os anos, um rapazola, usando barbas de ponta, veste-se de vermelho, com um gorro ponteagudo a cabeça, com, pelo menos, as cores cardinalícias do Bispo e surge, à meia noite, cavalgando um bode, fazendo barulho para anunciar sua visita; passa em volta das casas e se retira silenciosamente.

Em algumas regiões da Itália, é figura lendária e La Befama, mulher andrajosa que traz consigo uma vassoura e um cesto com brinquedos. Costuma deixar cinza nos sapatos dos maus meninos e presentes nos dos bons. Também a chamam La Vecchia ou La Zia.

Em Milão, acreditam que os presentes são distribuídos pelo Menino Jesus. A propósito, os Charameleiros cantam ironicamente: "O Menino traz os presentes mas é a mamãe que paga a conta"; estribilho que as crianças repetem, geralmente, sem lhe entender o sentido.

Nos EE.UU., a figura histórico-lendária, S. Nicolau, foi recriada, surgindo, então, a atual que, ali, se vê viajando num trenó puxado a renas e é chamada Saint Clauss.

Na França, S. Nicolau, depois de haver perdido, nos EE. UU., suas características originais, transformando-se no bom velho rubicundo, tomou os nomes de Petit Nöel e Bonhome Nöel.

No Brasil, Papai Noel, como é conhecido, não sofreu transformações, nem alegoricamente, nem ao nome francês, ao qual acrescentaram apenas o termo afetivo "Papai", apesar da tentativa de pseudonacionalismo em substituí-lo pelo "Vovô Índio".

A RAIZ DA ALMA

Custódio Ribeiro de Carvalho
Médico Olimpinense — SP

Às vezes o espírito intranqüilo e angustiado volta-se para milhões de anos atrás e começa a distinguir uma nebulosa confusa onde acredita ter-se formado a vida: foi à beira-mar, num atol, em algum lugar do mundo que as águas ainda aquecidas e borbulhantes de gases estagnados entre pedras de coral deram origem a uma pequena célula que cresceu, engordou e se dividiu em duas. Partiram-se sempre e se ajuntaram depois, formando um ser vivo maior, que os milhões de anos posteriores deram origem ao homem.

Vendo o sol e a lua, os raios e os trovões, a vida e a morte, o homem sentiu dentro de si o nascer de um sentimento de medo e de alegria que traduziu em cantos e danças que aplacavam seu temor e excitavam seu prazer.

Esse transbordar de sensações mais interiores e originais criou em cada povo o seu modo de ser e de viver que devemos respeitar e continuar sem modificar: é sua alma ancestral.

Uma vez, em Portugal, na inauguração da maravilhosa ponte da Arrábida que sobre a foz do rio d'Ouro liga a cidade do Porto à Vila Nova de Gaia, eu assisti ao desfile de todas as regiões do País, em grupos coloridos, que dançavam e cantavam suas lindas danças e canções regionais: eram as folias de reis, os bumba-meu-boi, os pauliteiros, as cavalhadas entre mouros e cristãos, paus-de-fitas, canas-verdes, tudo que a tradição antiga criou e que a vida moderna continua com respeito e amor.

Naquele momento de emoção e beleza com fogos de artifício incomparáveis surgindo das embarcações do rio, eu me recordava também das lendas antigas do meu longínquo *Brasil* e num desvario da alma ficava ouvindo e vendo as danças e cantos dos nossos índios e nossos negros, simples e pobres, mas também altivos, fazendo estrondar pelos ares o rufar dos seus tambores de paz ou de guerra nas congadas, moçambiques, jongos,caiapós, carimbós, tambor de índio e candomblés com que a alma pura, bela e primitiva do nosso povo conservou dos seus antepassados, através dos séculos, todo o encanto que em tempo algum haverá de esquecer.

Extraído do Folheto de Programação do 18º Festival de Folclore de Olímpia — SP — 1982.

ARTESANATO E ARTE POPULAR DE CAMPINA GRANDE

Maria da Conceição Soares Leite

O Folclore nordestino deriva-se das três fontes étnicas que compõem o nosso povo; cujas culturas foram miscigenadas de europeus, ou seja de indígenas, os primeiros habitantes da terra, brancos europeus representados pelos portugueses e africanos transplantados pelo tráfico da escravatura.

Em Campina Grande (PB) a grande variedade dessas manifestações culturais, vem através do folclore, destacando-se o artesanato manual, atividade essa exercida principalmente por mulheres da camada mais pobre da sociedade. O mesmo aqui encontrado, se manifesta na capacidade criadora e expressão sentimental do nosso povo.

O trabalho artesanal exprime valores intrínsecos que o caracteriza dentro da arte popular, representando o senso estético e o belo, onde o amistíssimo do artesão destaca-se através da multiplicidade de valores na apreciação do artesanato, mágico, religioso, lúdico, sentimental, utilitário e principalmente o comercial.

O artesanato de Campina Grande (PB), tem como característica básica a matéria-prima usada na sua produção que além de ser natural é semi-elaborada de sobras de produtos em geral a saber: sucata, zinco, flande, argila, etc.

No processo de produção o artesão participa diretamente de todas ou quase todas etapas na elaboração da peça ou peças que produz.

Quanto as condições de trabalho, a atividade artesanal se desenvolve no ambiente doméstico. São pequenas oficinas, postos de trabalho e centros associativos de produção.

O artesão apesar de criativo e habilidoso, não tem ainda na sua grande maioria consciência do valor que representa o seu trabalho.

O artesanato campinense, apresenta trabalhos de natureza religiosa, belo, lúdico e principalmente regional. São imagens de santos, paisagens, figuras típicas da região. No lúdico vamos encontrar carrinhos de madeira, bonecas de pano, as tradicionais bruxas, tão apreciadas pelos turistas e visitantes do sul do Brasil.

Com relação a comercialização, observa-se que nos últimos anos, tem sido razoável a sua abertura. Além da Casa do Artesão e outras instituições de apoio à classe, a participação do produtor tem sido marcante nos eventos culturais do município, com uma vendagem muito significativa, principalmente por turistas e pessoas que nos visitam.

Do licor de frutas típicas aos artigos de confecção caseira, Campina Grande (PB) se destaca com certa representatividade na área do artesanato.

A Casa do Artesão conta hoje, com elevado número de associados deste e municípios circunvizinhos, cujos trabalhos contribuem em muito para o crescimento da renda doméstica das famílias campinenses.

Quadro Demonstrativo do Artesanato predominante no Município	
Matéria-prima	**Tipos de peças**
ARGILA	Cerâmica: panelas e jarros, utilitários e decorativos.
Cipó, taboca, bambu, palha de coqueiro, palmeira, fileira, palitos.	Cestaria e trançados (cestos em geral, gaiolas) utilitários e decorativos.
Couro e tintas.	Sapatos, bolsas, cintos, estandartes.
Latas, folhas de flandes, arame, barras de ferro.	Metalurgia: bacias, latas utilitárias, copos, canecas, fogões, peneiras, candeeiros, pás, marmitas, facas, canivetes c/estoques, etc.
Pólvora, cordas, tabocas e papel.	Pirotécnicos: foguetes, balões, bombas de parede e fogos pirotécnicos.
Troncos de madeira, tábuas, tabletes, etc.	Madeira: cadeira, mesa, cama, armários, brinquedos, prateleiras, carrinhos de brinquedo, porta-copos, móveis e utensílios diversos.
Madeira e folhas de flandes.	Violões, violas, instrumentos diversos, rabecas, flautas.
Fios de lã, linha, tecido, fileira, corda e cordão.	Bordado a mão e a máquina, tapeçarias, macramê, crochê, tricô, peças, colchas, tapetes, vestidos.
Tecido, papel, plástico, tintas.	Flores ornamentais.
Madeira.	Esculturas e peças decorativas.
Tecidos, trapos, algodão, arame, linha, fios de lã.	Bonecas de pano (bruxas).
Tecidos, tintas, jarros, panelas, espuma e vidro.	Pinturas, tecidos, cerâmicas, espuma, madeira, vidro, colchas, toalhas, vestidos, jarros, quadros, quebra-luz.

MOVIMENTO CULTURAL CATARINENSE — ANO 84

Santa Catarina — Florianópolis

O movimento cultural de Santa Catarina no ano de 1984 foi muito proveitoso, não somente na área relacionada ao setor teatral, mas, principalmente, no lançamento de obras de autores catarinenses.

Vários órgãos públicos foram os promotores do evento. Pela Assembléia Legislativa e editora da UFSC, tivemos o lançamento da 2ª Edição do Livro "Ilha de Santa Catarina" — relato de Viajantes Estrangeiros dos Séculos XVIII e XIX. A solenidade foi realizada no Palácio Barriga-Verde.

Noutra promoção conjunta na Assembléia, a Fundação Catarinense de Cultura, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Editora Lunardelli, Museu da Região do Contestado (FEARPE) Caçador e Associação Catarinense de Escritores, promoveram o lançamento dos livros "Trem de Ferro" — A Ferrovia do Contestado, edição Lunardelli, do pesquisador caçadorense. Prof. Nilson Thomé, e CHICO XX", do escritor Célio de Morais, da Editora Executiva de Curitiba.

Ainda numa promoção conjunta da Assembléia Legislativa e da Reitoria da UFSC, foi lançada a obra "Um Estado Entre Duas Repúblicas", da autoria do Prof. Carlos Humberto Correa.

Já a Fundação Catarinense do Trabalho, Livraria Lunardelli e a Assembléia, promoveram o lançamento do romance "A Cachoeira dos Pilões", da autoria do escritor Pedro Antônio Corrêa.

No dia de Santa Catarina, 25 de novembro, solenemente o Palácio Barriga-Verde recepcionou as autoridades e convidados, para a entrega do Prêmio Jerônimo Coelho, aos vencedores do Concurso de reportagem sobre os 150 anos do Poder Legislativo, procedendo na ocasião a entrega do Troféu Imprensa aos Deputados que mais se destacaram em 1984.

Florianópolis-SC

Escritor Bento Silvério — Numa solenidade de 02 de março de 84, promovida pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, através da Fundação Catarinense de Cultura, o escritor Bento Silvério foi homenageado pelo Doutor Alfredo Givré, Presidente da Fundaccion Givré de Buenos Aires, por ter obtido o 1º lugar na categoria "Contos", no ano de 1981, do Concurso Literário Latino-Americano promovido por aquela Fundação.

Brusque-SC — 10 ARTISTAS NA CAIXA

A Associação Artístico-Cultural de BRUSQUE (ASSAC), Conselho Municipal de Cultura, o Departamento de Educação e Cultura do Município de Brusque, os artistas plásticos: Raynério Krieger, Jorge Grimm, Frieda Germer, Kiko Cervi, Luiz Grimm, Claudia Bia, Luiz de Brusque, Clóvis P. Stocker, Maria Cristina Pires Vieira, Denise Dubiella, e a escritora Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, com um coquetel, procederam a abertura da exposição "10 Artistas na Caixa" com o lançamento do livro "A Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro". A ocorrência deu-se nas dependências da Caixa Econômica Federal de Brusque. Na ocasião se apresentou o Coral "São Luiz", sob a regência de Sérgio Westrupp.

Florianópolis-SC

"Cultura e Arte no Candomblé em Santa Catarina". Promoção da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e Fundação Catarinense de Cultura, numa Exposição realizada a 3 de maio de 1984, no Museu de Arte de Santa Catarina.

Jaraguá-SC

Na Associação Comercial e Industrial de Jaraguá do Sul foi lançado, no dia 8 de novembro de 84, o livro Anotações do "Front" Itálico, do escritor Ferdinando Piske. O lançamento contou com o apoio da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e da Fundação Catarinense de Cultura.

Florianópolis-SC

A Exposição de Pinturas de Otávio Roth e Ciclo de Filmes Sobre Direitos Humanos, em comemoração do 35º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos, que contou com a participação do Governo do Estado, através dos seus órgãos de Cultura e do Centro de Informações das Nações Unidas.

A solenidade que teve lugar no mês de maio, realizou-se no Centro Integrado de Cultura "Prof. Henrique da Silva Fontes".

Florianópolis-SC

A Fundação Catarinense de Cultura e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, no dia 23 de novembro de 84, promoveram o lançamento do livro José Arthur Boiteux, do escritor Dante Martorano.

Florianópolis-SC

UFSC—Noite de Autógrafos

Saindo dos seus hábitos costumeiros promocionais, a UFSC, fez realizar no Restaurante "Tritão", em Coqueiros, Florianópolis, às 20 horas

do dia 14 de outubro, com um coquetel, o lançamento das obras dos seguintes autores: MENSAGEIROS DAS FÚRIAS — (ensaios) de Janer Cristaldo, SAGRAÇÃO DA MATÉRIA, (poemas) de José Gomes Neto, "PORTUGUÊS, Prática de Redação" de Maria de Lourdes Ramos Krieger Locks e Sidneya G. Oliveira, e DAS LETRAS LATINAS às Luso-Brasileiras (ensaio) de Osvaldo A. Furlan.

Florianópolis-SC

A Fundação Catarinense de Desenvolvimento de Comunidade FUCADESC, e a UFSC, promoveram o lançamento do livro "MEU MUNDO IMAGINÁRIO" (contos infantis) do escritor e teatrólogo Nilson Mello. Obra ilustrada pelo artista plástico Prof. Domingos Fossari, no dia 3 de maio de 1984 no Centro Social Urbano em Saco dos Limões, em Florianópolis.

Florianópolis-SC

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO de Santa Catarina, fundado a 07 de setembro de 1896, fez a entrega em sessão especial no dia 23 de novembro de 1984 dos títulos de sócios EMÉRITOS, EFETIVOS, e CORRESPONDENTES, admitidos em 1984. A solenidade teve lugar no Auditório do Centro Integrado de Cultura, "Prof. Henrique da Silva Fontes".

Florianópolis-SC

CENTRO FOLCLÓRICO ITACORUBI — Com a presença do Sr.

Foto do Grupo Boi-de-Mamão, da Sociedade Folclórica de Itacorubi, cuja sede foi inaugurada em 1984, conforme o constante deste noticiário.

Governador Esperidião Amin Helou Filho, Prefeito Municipal, Cláudio Ávila da Silva, do Secretário de Cultura, Esporte e Turismo, Professor Doralécio Soares, — Presidente da Comissão Cat. de Folclore, Presidente e Tesoureiro, da Sociedade Folclórica "Boi-de-Mamão de Itacorubi, respectivamente Srs. Campolino Alves e Firmínio Pires, e demais membros da Diretoria, autoridades ligadas ao meio Cultural da Capital Catarinense, e povo da comunidade, foi inaugurado o "Centro Folclórico de Itacorubi" que abrigará como sede a Sociedade Folclórica "Boi-de-Mamão de Itacorubi".

O acontecimento se revestiu de grande importância para o movimento da cultura popular em Florianópolis, pois além de se constituir, num ato público dos mais importantes, teve na palavra do Sr. Governador o cumprimento de uma das metas da "Carta dos Catarinenses". Está de parabéns o "Boi-de-Mamão de Itacorubi", e a comunidade da região.

Joinville-SC

BALCONISTA — livro de poesias de Miguel Savagé, do meio cultural de Joinville, reúne poesias inspiradas no cotidiano, onde o autor no seu romantismo produz belas páginas poéticas.

Miguelito faz a poesia que todos nós precisamos, com a força que ela deve ter diz Carlos Amorim.

Florianópolis-SC

Publicações

ENGENHO — Ano 4 /Nº 7 — dez./84:Órgão da Associação Catarinense de Escritores, numa edição em homenagem a Marcos Rodrigues Malta (Marquito). Com a colaboração de diversos autores, dos quais destacamos os poetas Luiz Abel e Celso Vicenzi com os poemas, "Poema Face e Fernanda I". "Os Portugueses e Cultura Popular", por Doralécio Soares. "Literatura Anos 80", por Luiz Carlos Amorim. LANÇAMENTO "Chico XX", por Silveira de Souza. Entrevista com Pinheiro Neto. "Identidade, Patrimônio e Preservação Cultural", por Maria da Graça S. Prudêncio, Fernando Antônio Romero e Nélvio P. Dutra. TEATRO! Onde Fica a Saída?, por Mario Alves Neto.

A página 14, temos registro das obras de vários autores catarinenses". O CONGRESSO DOS RATOS — Fábula de La Fontaine — 1º Tomo. A pág. 16, destaca-se o escritor Amílcar Neves, o contista catarinense, vencedor do Prêmio "Virgílio Várzea de 1982/83.

Blumenau-SC

Registramos mensalmente o recebimento de "Blumenau em Cadernos", órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina. Publicação da "Fundação Casa Dr. Blumenau", tendo como Diretor o Escritor José Gonçalves.

Caçador-SC

FEARTE — Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe, recebemos: "Guerra Civil em Caçador" de autoria do escritor Nilson Thomé, Diretor do Museu da Região do Contestado. A publicação é um resumo da participação do Município de Caçador (SC) e do envolvimento de sua gente na Campanha do Contestado.

Florianópolis-SC — dezembro, 1984

PRESENÇA DO IMIGRANTE NA REGIÃO SUL — A Fundação Nacional da Arte e o Banco Bamerindus do Brasil, fizeram realizar em Florianópolis (SC) a 1.ª FOTOSUL, mostras de fotografias tendo como tema "Presença do Imigrante na Região Sul", reunindo trabalhos de 55 participantes.

A Exposição ocorreu no Museu de Arte de Santa Catarina—MASC, em Florianópolis.

CONCURSO LITERÁRIO 1984 — Florianópolis, SC

Pela Fundação Catarinense de Cultura foi instituído o Concurso Literário 1984, com o Prêmio Virgílio Várzea, para Contos e Prêmio Luís Delfino, para poesias.

A Fundação em outubro de 1984, fez o lançamento dos livros premiados em 1983. "LUÍS DELFINO, com a classificação dos concorrentes, José Gomes Neto com "A sagração da Matéria". Carlos Damião, "Força de Expressão", e Artemio Zanon "O Ciclo da Imagem".
VIRGÍLIO VÁRZEA (conto), Amílcar Neves, "Dança dos Fantasmas".
DRAMATURGIA: II Concurso Estadual, José Darcy da Silva Júnior, Valmor Beltrame, Sílvia Gioso e Clécio Espezim.

Florianópolis—SC

EXPOSIÇÃO E CICLO DE DEBATES SOBRE O CONTESTADO — Outubro, 84. Numa promoção da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, no ano do seu sesquicentenário,, foram expostos: Acervo do Museu do Contestado de Caçador. Museu Histórico Antônio Granemann de Curitibanos.

Curitibanos-SC

2º ENCONTRO DE MUSEUS DA REGIÃO DO CONTESTADO

Por convocação da direção do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado de Caçador, que mantém convênio com a Secretaria de Cultura Esporte e Turismo de Santa Catarina, para desenvolver o "Projeto Contestado", reuniram-se na Biblioteca Municipal na cidade de Curitibanos, diretores e atendentes de *museus, museólogos,* pesquisadores, historiadores, arquivistas, professores de estudos sociais, bibliotecários, escritores e estudiosos para debaterem a preservação do patrimônio cultural da Região do Contestado.

Na abertura o Sr. Governador do Estado Esperidião Amin, proferiu uma palestra sobre o acontecimento. Nos dias subseqüentes foram realizadas palestra do Prof. Nilson Thomé e Vicente Telles.

Lançamento de Livros — Florianópolis, setembro de 1984

JOGO INFINITO, ficção de Raul Caldas Filho

A VOZ INFINITA, romance de Salim Miguel.

Lançamento na Assembléia Legislativa, Universidade Federal, Global Editora e Distribuidora Lunardelli. Local: hall do Palácio Barriga-Verde, na Assembléia Legislativa do Estado.

Urussanga-SC

IMIGRAÇÃO ITALIANA em Santa Catarina "Documentário". Autor: Padre João Lenoir Dall'ALBA — Editora Lunardelli. Composição e Impressão: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul (RS).

Nessa obra, numa pesquisa de profundidade, revolvendo arquivos e consultando importantes documentos que antecederam e precederam os períodos da imigração italiana, o autor reúne relatórios de Cônsules Italianos, no início do século, dos quais alguns enviados pelo Ministério do Exterior da Itália. — Diz: são relatórios do estilo dos viajantes do século passado. Relatórios oficiais, simples e informativos, verídicos. Reproduz vários artigos, onde registra a vivência de imigrantes que vieram para o Brasil, e o estado evolutivo das Colônias.

Contesta a nossa história, quando esta destaca a classe dominante dos portugueses, esquecendo as páginas gloriosas escritas pelos índios, africanos, pobres e mestiços. Dos imigrantes de todas as raças que, com sacrifícios, escreveram também as suas páginas em nossa história.

Itajaí-SC

LANÇAMENTO DE LIVROS

Nos lançamentos de livros em 1984, destacamos "Nosso Pequeno Grande Mundo", de autoria dos jovens poetas de Itajaí, Luiz Saulo Adami e Maria Cristina Rosa. É uma obra poética que reúne um elevado número de poesias, onde os autores nos transmitem as suas sensibilidades artísticas, numa espontaneidade tal que nos emociona, nos conduzindo aos mundos sentimentais de suas vidas entrelaçadas.

É uma mensagem de jovens espiritualistas transmitindo a outros jovens, que não sentem e nem vêem as coisas belas, que a vida através da mãe Natureza lhes oferece.

Tendo como tema principal o amor, eles encontraram no mundo conturbado de hoje a alegria de viver, na paz espiritual que nos é transmitida pelos seus versos.

É uma obra poética da qual só retiramos os olhos (de suas páginas) quando chegamos à última folha.

Oxalá! Luiz Saulo e Maria Cristina, entrelacem as suas vidas, eternamente, e nos ofereçam sempre novas poesias para o enriquecimento da poesia catarinense.

Fpolis, julho de 84
Doralécio Soares

UMA VIDA POR OUTRA

Maria Cristina Rosa

Não são as dores de um parto
Que me intimidam. . .
Eu seria capaz de sacrificar
Minha própria vida
Para deixar-lhe um filho,
Pois você (sei) merece. . .
E certamente seria
Um ótimo pai.
Mas este mundo não saberia
Recompensá-lo depois.
Eu não gostaria que nosso filho
Viesse a enfrentar e sofrer
Tudo o que já enfrentamos e sofremos
Por este amor, pela vida
Ou por nós mesmos.

A BANDA DE SANTO AMARO FEZ 40 ANOS.

SANTA CATARINA — SANTO AMARO DA IMPERATRIZ

A Sociedade Musical e Cultural Santo Amaro, banda mais antiga do município de Santo Amaro da Imperatriz, comemorou 40 anos de existência. Formada a partir de duas bandas, já extintas — Natividade e 7 de Setembro — a Sociedade animará a festa que acontece sábado e domingo, em frente à igreja matriz do município, executando vasto repertório, desde os tradicionais dobrados até música popular brasileira, sob a regência do maestro Luiz Fernando da Costa, que acompanha a banda desde 1974.

Composta atualmente por 42 músicos, a Sociedade Musical e Cultural Santo Amaro sobreviveu nestes 40 anos em função do empenho e dedicação de seus componentes que passaram a profissão aos filhos e netos. O músico mais velho está hoje com 65 anos e os mais novos são da faixa etária entre 10 e 15 anos, formados, na escola de músicos que a Sociedade mantém.

DESTAQUE

Fundada em 1944, o primeiro presidente da banda foi Gersino Nicolau Duarte, que já é falecido. Desde que nasceu, herdando instrumental e alguns músicos das Bandas Natividades e Sete de Setembro, a Santo Amaro sempre teve destaque, com desempenho em festas religiosas e eventos cívicos realizados em Santo Amaro da Imperatriz. À época em que surgiu a Sociedade era basicamente composta por adultos, mas hoje conta com metade de seus músicos em idade a partir de 10 anos.

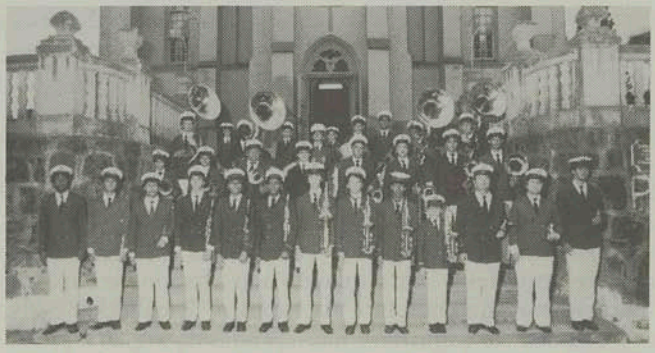
A maioria dos arranjos e composições é feita pelo maestro Luiz Fernando da Costa — oficial reformado da Polícia Militar — que é flautista e regente da banda há dez anos. Foi a partir do ingresso de Costa, segundo conta Hélio João Machado, músico e relações públicas da banda, que aconteceu uma renovação. "Dos habituais dobrados, a Sociedade passou a tocar todo o tipo de música, sendo apreciada por um público ainda mais diversificado".

PARTICIPAÇÃO

A única banda e mais antiga de Santo Amaro participou de inúmeros concursos, tocando em quase todas as cidades de Santa Catarina e diversos Estados. Em 1978, participou do único concurso patrocinado pela Funarte em âmbito nacional, tirando o primeiro lugar a nível estadual, se apresen-

tando no Teatro Álvaro de Carvalho. Com esta colocação foi representar o Estado no Rio de Janeiro, se classificando entre as primeiras colocadas. Além disso, ficou em quarto lugar entre as bandas que se apresentaram em Niterói, no âmbito das regiões Sul/Sudeste.

Somado a isto, no início deste ano participou do concurso, também a nível nacional, promovido pelo Mobral, que objetivou a realização de um álbum de ouro com músicas para bandas, englobando 2 mil e 500 composições em todo o Brasil. Neste evento, Santa Catarina contribui com três músicas, duas das quais executadas pela Sociedade Musical e Cultural Santo Amaro de autoria do maestro Luiz Fernando. Uma delas intitulada "Dobrado Arcanjo Soares do Nascimento, feita em homenagem a um ex-integrante da banda.



INCENTIVO

A maioria das composições de Luiz Fernando são alusivas aos componentes da Sociedade, que de acordo com Hélio Machado, "é uma forma de incentivar a participação dos músicos". Aliado a isto, a escola mantida pela Sociedade visa além de renovar os valores já existentes, criar o gosto pela música nas crianças, que terão uma alternativa profissional".

Ao ingressar na escola de músicos, o interessado recebe as aulas de graça, juntamente com o instrumento que preferir aprender. Com isso a Sociedade, que conta com sede própria proporciona uma formação profissional permanente para quem se interessa por música do gênero.

A manutenção do instrumental, de acordo com Hélio Machado tem sido feita graças à participação constante que a banda tem em diversas festas promovidas em Santo Amaro e outros municípios. Além disso recebe contribuição por parte da Prefeitura Municipal, que a partir deste ano começou a valorizar mais a existência da Sociedade.

"Entretanto, o que contribui significativamente é o empenho com que os músicos enfrentam as dificuldades. Tocamos porque gostamos e tudo com muita dedicação, ao empregar o esforço de ensaios prolongados duas vezes por semana. Tudo isso é que faz sobreviver a Sociedade Musical", conclui Machado.

COMUNIDADE DE CELSO RAMOS FAZ MAIS UMA FARRA DO BOI. A FESTA COMEÇOU NA 4ª FEIRA.

Rifas, contribuições espontâneas e coletas realizadas por mulheres foram alguns dos recursos utilizados pelos habitantes do município de Governador Celso Ramos para comprar os animais necessários a realização da "fara do boi", tradição secular que vem resistindo aos movimentos preservacionistas, e as investidas da lei.

Pagando em média Cr$ 900 mil por um boi, os moradores começaram a farra na quarta-feira quando os primeiros animais foram soltos nas ruas dos Distritos de Gancho do Meio, Gancho de Fora e Gancho de Dentro que juntos formam a cidade de Governador Celso Ramos, distante 40 quilômetros de Florianópolis, congregando uma única colônia de pescadores, que durante todo o ano dedica-se a captura da sardinha, principal fonte de renda da conservadora comunidade de descendentes de portugueses.

Os animais são soltos desde a quarta-feira da Semana Santa até a meia-noite de sexta-feira santa quando são abatidos e repartidos entre os que participaram da compra e da captura. Escolhidos entre os mais bravios, os animais são adquiridos nas fazendas da região e soltos na praça principal de Gancho do Meio. A comunidade inteira participa. Quem tem coragem vai para as ruas e segue correndo atrás do boi. O animal corre. Procura fugir da multidão barulhenta. Outras vezes investe sobre as pessoas que fogem em desabalada carreira buscando abrigo no alto das árvores, atrás dos postes e de muros. Homens, mulheres e crianças. Velhos e novos. Todos participam na rua, correndo na esteira do boi ou sendo perseguido por ele. Dentro de casa, animando os corajosos ou rindo com todas as forças dos que na tentativa desesperada de fugir do boi terminam por atirar-se nas águas calmas da baía que abriga dezenas de barcos pesqueiros.

Seu Bruno é o açougueiro local e, lembra as tentativas das autoridades para acabar com a farra do boi. "Estes jornalistas mentirosos vêm aqui vêem tudo, e saem dizendo que judiamos dos animais. Todo mundo sabe que não fizemos nada disso. O pessoal apenas corre atrás dos animais em animada brincadeira. Ninguém machuca os bois. Às vezes nós corremos no encalço deles, outras vezes eles correm na cola da gente.

Quando eles cansam nos amarramos o bicho, levamos para o pasto e depois matamos para comer e festejar a Páscoa. No mundo inteiro tem gente matando animais para comer no domingo. A única diferença é que brincamos de pegar com eles. Na Espanha tem uma cidade (Pamplona)

onde os bois são soltos entre o povo. Aparece gente do mundo todo para ver. É atração turística. Aqui, eles não pensam assim da gente. Acham que somos bandidos por querer conservar as nossas tradições".

Desajeitadamente, o boi é retirado da caminhonete. Momento de tensão!

TRADIÇÃO

Em Governador Celso Ramos toda a comunidade pensa como seu Bruno. Mesmo os que preferem ficar em casa, defendem o direito de manter a tradição da "farra do boi". E, esta defesa não fica apenas nas palavras. Há uma resistência teimosa contra qualquer decisão que proíba a brincadeira. No ano passado um pelotão de choque da Polícia Militar remetido para os distritos de Ganchos como o objetivo de não permitir "a farra" foi apedrejado pelos moradores e o comando achou por bem retirar-se para não envolver-se numa revolta de proporções catastróficas.

Este ano foram soltos 15 animais perseguidos pelas ruas, picadas e mesmo pelo mar. Os animais invadiram quintais. Ameaçaram entrar nas casas, e muita gente subiu mais depressa nas árvores ou pedras auxiliada pelas cabeçadas dos animais sob as risadas implacáveis dos companheiros de "farra".

Na madrugada de ontem Herci dos Santos, o Cocoroca, foi morto por um caminhão quando, exausto, voltava para casa depois de correr durante todo o dia pelas ruas, morros e grotas em perseguição dos bois. Em respeito ao companheiro morto, ontem a farra foi suspensa das 10 às 14 horas. Mas, os mesmos rostos circunspectos e tristes que acompanharam o enterro lamentando a morte do amigo, momentos depois perseguiam pela cidade mais um animal, dando seqüência e continuidade a "farra do boi" que, como os segredos da pesca, está enraizada em cada um deles, desde tempos imemorais.

Transcrito do Jornal "O Estado" 08/04/85

RENDAS A ÚLTIMA MOSTRA DA BIBLIOTECA

Sapos e porcos, Semana da Ópera e princesa Diana, candelárias antigas e velhos colares não aparentam ter muito em comum, mas todos estão expostos à visitação na biblioteca da Universidade.

Na mostra organizada por Eileen Hoge, uma integrante da equipe da biblioteca, são apresentados também, exemplares de trabalhos de renda de bilro. Ela nos fala da sua importância social e econômica para os nativos da Ilha de Florianópolis, capital de Santa Catarina, uma cidade na costa do Brasil.

A coleção de rendas de Hoge, advém de viagens à ilha com seu marido, Paul Aspelin, do Departamento de Antropologia.

No final da década de 70 e início dos anos 80, Dr. Aspelin estava estudando o efeito da energia elétrica no contexto social dos nativos brasileiros, em reservas no interior da ilha. Ele também ajudou na implantação de um programa de graduação na Universidade Federal de Santa Catarina.

Enquanto vivia na ilha, Hoge, uma antropóloga formada, buscava uma maneira de envolver-se com a comunidade. A chance veio por intermédio de uma empregada do casal, que introduziu-a às rendeiras.

As rendeiras ou 'lacemakers' disse Hoge, 'ficavam contentes mas receosas com o interesse de uma americana em aprender a tecer'. As rendeiras são respeitadas pela comunidade devido a qualidade do seu trabalho, mas, por fazerem parte, da classe economicamente baixa são discriminadas pela sociedade.

Na mostra da biblioteca pode-se ver o trabalho fascinante da renda.

Almofadas coloridas são revestidas com folhas de bananeiras ou palhas, com uma grande pedra no interior para assegurar a estabilidade da almofada. Um papelão com padrões desenhados, alfinetes nos contornos dos desenhos, contra a almofada e bilros contruídos com madeiras nativas pelos homens da comunidade, são manuseados continuamente por mulheres sentadas em círculo de rendeiras. A linha passando por entre os alfinentes forma os desenhos, a renda.

Os homens da comunidade trabalham como pescadores. 'A renda aumenta o orçamento da família e a união familiar', disse Hoge.

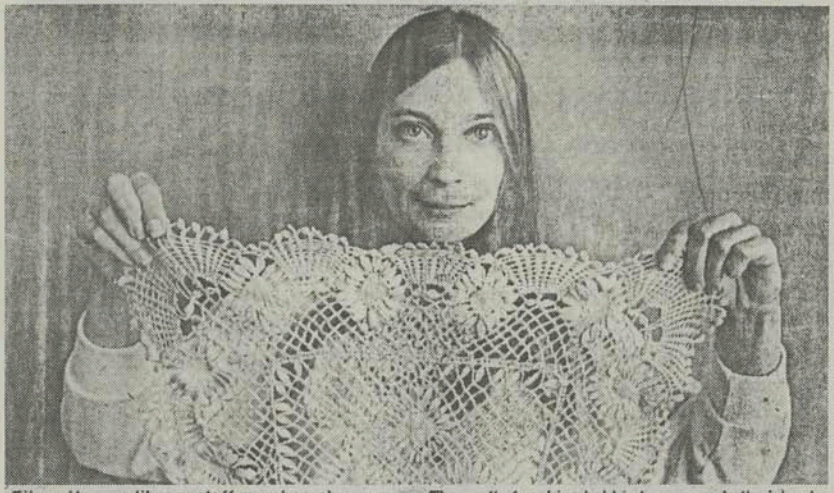
A arte da renda de bilro veio da Europa com os portugueses, e agora passa de vó para mãe e desta para filha.

A arte pode ser encontrada em vários itens, tais como: saídas de banho, trilhos, toalhas de mesa e colchas. A renda é vendida por toda a ilha para turistas, mas Hoge explica, que somente algumas rendeiras vendem seus produtos diretamente, devido a existência de um monopólio.

Eileen Hoge, uma funcionária da biblioteca, mostra um exemplar de renda de bilro, a qual ela adquiriu quando de sua estada em Florianópolis, SC, uma pequena ilha na costa do Brasil.

A arte da renda de bilro, veio para a ilha, da Europa com os portugueses e agora é transmitida de vó para mãe e desta para a filha.

calendar ON CAMPUS



Eileen Hoge, a library staff member, shows examples of bobbin lace which she collected while living in Florianopolis, the capital of Santa Catarina, a small island off the coast of Brazil.

The craft of making bobbin lace came to the island from Europe with the Portugese and now is passed down from grandmother to mother to daughter.

Lacemaking is latest library display

As famílias vendem sua renda à um atravessador, que por sua vez vendem aos turistas. 'Somente o atravessador ganha dinheiro', disse ela.

A mostra da biblioteca, é coordenada por Liliam Michalko e geralmente contém coleções ou materiais de funcionários da biblioteca. 'A mostra cobre as mais variadas áreas, e é impressionante o que as pessoas colecionam' disse Michalko.

A última mostra incluía fotos de circo de Cleveland Press Collection, de velhas mansões em Cleveland, da República Popular da China, cerâmica, plantas e flores, velhos cartões postais das Américas, máscaras, etc. . .

Michalko, disse que cada mostra tem duração de duas semanas durante o período escolar e três semanas durante as férias.

A próxima mostra, incluirá pedras e minerais, brinquedos indígenas, livros infantis e arte africana.

Traduzido por:Arivan Sampaio Zanluca
Guido Dellagnello

NOTÍCIAS CULTURAIS DOS ESTADOS 1984

Registramos e agradecemos as publicações recebidas

Belém (Pará)

A criatividade da Arte Africana: Exposição alusiva ao 1º Encontro Científico dos Países do Tratado de Cooperação Amazônica e ao "Dia Nacional da Consciência Negra". Folheto descritivo da Coleção Africana do Museu "Emílio Goeldi" de autoria dos professores Napoleão Figueiredo e Ivelise Rodrigues da Divisão de Museologia, com desenhos de Peter Paul Hilbert.

Mato Grosso

Catálogo de Livros Publicados pelo Prof. Carlos Francisco de Moura. Pesquisador do IDIHR da Universidade Federal do Mato Grosso.

São Paulo (SP)

"Para Você Jovem". Obra de autoria do renomado escritor Antenor Santos de Oliveira, Presidente da "Academia de Letras Municipais do Brasil". Autor de mais de 41 obras sobre os mais variados assuntos, dos quais se destacam nove da "Coleção Infantil" e dos Livros de Leitura "Dias Felizes" do 1º ao 4º livro, além de 8 "Obras para a Juventude". Membro de nove "Academias de Letras" do Brasil, o ilustre escritor paulista dada a sua acentuada cultura já realizou conferências em 17 Estados do Brasil, também no Paraguai.

Espírito Santo

"ROMANCEIRO CAPIXABA", de Guilherme Santos Neves, numa edição da Universidade Federal do Espírito Santo e da Fundação Ceciliano Abel de Almeida. "Romanceiro Capixaba" reúne romances tradicionais da coleta de mais de 30 anos por Guilherme Santos Neves, da Comissão Espiritosantense de Folclore. A contribuição de Guilherme Santos Neves a Cultura do Estado do Espírito Santo tem sido das mais destacadas, notadamente na área do folclore, onde através de suas pesquisas reuniu em "Romanceiro Capixaba" o que há de mais notável, legando ao seu

Estado e ao Brasil uma obra que nos conduz ao reencontro de nossas raízes culturais.

Bahia

"Romaria do Bom Jesus da Lapa na Bahia", publicação que reúne matéria descritiva dessa festa tradicional, com material que envolve, romeiros, promessas, visitas e penitências. *Fartamente* ilustrado, leva o leitor a ter uma idéia, do que realmente representa o ato de fé dos quantos que para ali se dirigem, na certeza de conseguirem alento e cura para os seus males.

Alagoas

Boletim Alagoano de Folclore, 1984 — Estão inseridos em suas páginas valiosos trabalhos assinados por: José Maria Tenório Rocha, Carmem Lúcia Dantas, Théo Brandão, Nádia Fernandes Amorim, Benedito Fonseca, Ranilson Souza, Luiz Gonzaga Barroso Filho.

Brasília

DF/COFI — Correio Filatélico — Revista de aprimorada apresentação gráfica, que publica em suas páginas o que há de mais importante no "mundo filatélico", destacamos em sua edição de Nº 89-agosto/set.84, homenagem a D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal, numa emissão conjunta *Portugal/Brasil*, para comemorar o Sesquicentenário da morte de D. Pedro I e IV de Portugal. O selo que foi desenhado pelo artista português Luiz Felipe de Abreu, teve seu lançamento no dia 24 de setembro de 1984.

Rio de Janeiro

BIBLIOGRAFIA FOLCLÓRICA 1983/8. recebemos do Instituto Nacional do Folclore. Nas suas páginas encontra-se registrado, por ordem alfabética, todas as publicações e respectivos autores na fase 1979/83, além do relacionar publicações estrangeiras incorporadas a Biblioteca "Amadeu Amaral" do INF.

O Instituto Nacional do Folclore, dando prosseguimento a divulgação da música da terra, editou: A Arte da Cantoria Nº 2 "Regras da Cantoria". Documentos Sonoros "BENDITOS — BA. REIS DE BOIS/ ES. ABOIOS/ Ceará.

INF. Bibliografia Folclórica 1984/9.

São Paulo

Jornal da Música: é com satisfação que a Comissão Catarinense de Folclore, registra o recebimento desse valioso Jornal, editado por Irmãos Vitale, tendo como Diretor Responsável o prof. Affonso Vitale Sobrinho e redator Thomaz Luis Ellmerich, tendo como colaboradores Thomaz

Verna e Jayme Nardy Vasconcellos, com a coordenação de Sonia R. de Andrade Vitale.

UNESP — Da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", registramos o recebimento das publicações avulsas de "arte e cultura", Nº 5 "PEDAGOGIA E ENSINO NA BAUHAUS — PAUL KLEE, por Myrian Xavier Fragoso. Nº 6 "A PINTURA DE CUECO, OS CÃES, O FIM DO MUNDO", por Irineu de Moura. Nº 7 "DOS ESTUDOS DE DIREITO ADMINISTRATIVO, por Roberto Ribeiro Bazilli.

Rio de Janeiro — RJ

MNBA — O Museu Nacional de Belas Artes inaugurou no mes de novembro, a "SALA CARLOS OSWALD", com Exposição de doações recentes — 1982/84 e Exposição em três segmentos do acervo do Gabinete de Gravura do MNBA e registro de Artista de Gravura Brasileira, Estrangeira e Doadores, com a colaboração do Banco Itaú.

Guarujá — SP

FOLCLORE: Publicação da Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá — SP. O seu Nº 9 apresenta-se como "Número Especial — MEDICINA POPULAR". Registramos como títulos as seguintes matérias: *I Curso de Medicina Popular*, por Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo. *Banisteriopsis Caapi (Spruce ex Griseback) Morton: planta alucinógenas do noroeste amazônico*, por Regina Lúcia Fonseca de Moraes. *"Plantas usadas como moluscocidas na profilaxia da esquistossomose"* por Maria Cristina Xavier de Souza e Rubens Augusto Penteado de Souza e Silva. *"Aleluia Jesus"* — Observação sobre a música nas curas pentecostais, por Maria do Carmo Vandramini. *"Prevenção e cura de picadas de ofídios na medicina popular"*, por Ester S. A. de Almeida Karwinsky.

São Paulo (SP)

"Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore — 1936/1939".

Numa edição da FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore e o Dep. de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, num texto desenvolvido por Lélia Gotijo Soares, foi reunido num estilo explícito, toda luta desenvolvida por Mário de Andrade, pelo entendimento do folclore como ciência. O surgimento da Soc. de Etnografia e Folclore, reuniu destacados elementos em torno do grande mestre, que num envolvimento de conhecimentos sobre o assunto deu a Sociedade condições de realizar pesquisas de grandes resultados dentro das propostas estabelecidas por seus estatutos.

Caruaru (PE)

"Na Mira dos Gaviões" — Romance da Saga do Algodão: Aleixo Leite Filho.

Aleixo Leite Filho, poeta, prosador, festejado escritor amante da "literatura de cordel", com farta produção. Prof. da Faculdade de Filosofia e Letras de Caruaru, nos mandou: "Na Mira dos Gaviões".

O autor desenvolve o seu trabalho, aproveitando a luta dos "coronéis" do Sertão do Nordeste, pelo domínio da política em época de eleições nas suas regiões. São tantas as peripécias, acertos e desacertos de cabos eleitorais, coronéis, e guarda-costas, que transforma o texto numa leitura das mais interessantes. As conotações folclóricas da obra, está na linguagem nativa dos seus personagens, enriquecidas por versos de amor constantes da literatura de cordel da região nordestina, onde a poesia flui de maneira natural e espontânea dos versejadores.

Os aspectos pitorescos com demonstração de valentia são inúmeros: — "De uma feita a comitiva do PDN se dirigia a Mataria e, encontrando a da USD, que ia para Pedra Branca, esta entendeu de interceptar, atravessando um veículo na estrada. Depois de muito quiproquó, Sindário bateu mão do parabelum dizendo sisudo a Pergentino: — "Ou manda tirar esta merda deste caminhão da frente ou nós dois se lasca aqui, seu prefeitinho de bosta".

— As moças fizeram um alarido danado e o prefeito provisório abriu a parada. . .

Versos de muita pureza, valorizam o texto de Aleixo Leite Filho. — DE AMOR: "Nossos destinos/Separou-nos para sempre/Mas o fogo do passado/Ainda arde sob as cinzas/Do nosso amor mutilado. Não voltei mais/ Nem você também voltou/Por dilema de amor próprio/tudo quanto nós sonhamos/O destino nos negou.

O personagem do professor Monteiro sempre combatido pelos "coronéis" mas compreendido pelo eleitor sem cabresto, deu esses versos: "Bem dizia Monteiro/pela sua falação/Lei é castigo de pobre/Que vive sem proteção. Simplício vive de roubo/Maciota de enganar/Dandinho de covardia/Naco de se aproveitar/Come tudo num só cocho/Os porcos da corrupção/E ainda condenam os pobres/De fazer subversão. Secundino está de cima/De cima sempre viveu/Colocando os pés no bucho/Do miserável plebeu. Essa cambada de chefe/Cumandita de ladrões/Faz da gente pinto novo/Nas garras dos gaviões. Viva o professor Monteiro/Que tirou da escuridão/O nosso povo iludido/Da mais negra escuridão.Qualquer um que for eleito/O povo de nada herda/Continua ele mais rico/e o pobre sempre na merda.

Rio de Janeiro — Setembro de 1984

A Secretaria de Cultura do MEC e o Instituto Nacional do Folclore da FUNARTE, patrocinaram a Exposição "CALEIDOSCÓPIO: mundo,

mágica, transformação" de Giovanni Bosco de Almeida (Olinda, PE). A Exposição aconteceu na Sala do Artista Popular, à Rua do Catete, 179,

Rio de Janeiro (RJ)

ACERVO CULTURA INGLESA — A Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa e o Museu de Belas-Artes — MEC — Secretaria da Cultura — SPHAN/Fundação Nacional Pró-Memória, promoveram a exposição "ACERVO DA CULTURA INGLESA, em comemoração ao cinqëntenário de sua fundação, no dia 23 de agosto de 1984, no Museu Nacional de Belas-Artes — MNBA.

Santa Catarina — Curitibanos — Dez. 84

Goiânia (GO) — 1984

A União Brasileira de Escritores de Goías, com a colaboração de CIAASA — Mercantil de Veículos Ltda. lançou o concurso II PRÊMIO CIAASA DE POEMA DE AMOR. Conferido aos vencedores prêmios na ordem de Cr$ 100.000, 50.000 e 30.000, cujo êxito foi dos maiores.

Rio de Janeiro (RJ)

O JONGO — Caderno de Folclore Nº 34, editado pelo INF, de autoria da saudosa mestra Maria de Lourdes Borges Ribeiro. Apresentação de Maria Thereza Massoww, responsável pelo Núcleo de Publicações do INF.

Fortaleza (CE)

Antologia do Folclore Cearense, de autoria do médico, professor e folclorista Florival Seraine, teve a sua 2ª edição lançada pela Edições UFC. Fortaleza 1983.

A nova edição teve Introdução e Notas do Organizador.

A Obra reúne trabalhos de autores na sua maioria nascidos no século passado. Poetas populares, estudiosos da cultura do povo, apresentam trabalhos de crendices, orações, medicina caseira, costumes fúnebres, danças, cirandas, parlendas, anedotório popular, entre outras, além de valiosa pesquisa sobre rendas de bilro.

Uberaba (MG)

COSMOVISÃO — Revista do Instituto de Cultura Centro Oeste de Uberaba — Minas Gerais, reúne um elenco no seu quadro direcional e de colaboradores dos mais valiosos. Editada por Erwin Pühle tem como Diretor de Redação Lúcio Emílio do Espírito Santo. Publicidade: Gilberto Andrade Resende. Dep. de Arte: Francisco Mauro Guerra Terra.

A matéria inserida em suas páginas, são valiosas pois reune assuntos literários, técnicos, científicos e políticos dos mais importantes.

Goiás — Goiânia — 1984

Da União Brasileira de Escritores — Seção de Goiás, registramos o recebimento do Regulamento do Concurso Nacional de Poesia "Prêmio Estância Itanhangá", promovido pela União brasileira de Escritores — Seção de Goiás — 1984.

Pernambuco — Caruaru 1984

Do popular poeta de Cordel José Severino Cristovão, recebemos: "Mundo de CARUARU, EU VIOLA E POESIA, Universo e Seus Mistérios, O Advogado Gago Eu e o Mudo, Um grande desafio do Repentista Heleno Severino e José Severino Cristovão. E já na sua 9ª Edição, os folhetos "CARUARU DE ONTEM E DE HOJE" e A Verdade sobre Lampião e seus Cangaceiros".

Rio Grande do Sul

O SÍTIO DE BAGÉ, de 23 de novembro de 1893 a 8 de janeiro de 1894. Publicação da "Fundação Átila Taborda Faculdades Unidas de Bagé, historia o cerco durante quarenta e seis dias imposto a cidade de Bagé, pelas forças federalistas, comandadas pelo Gen. João Nunes da Silva Tavares — Joca Tavares".

A publicação mostra fotos da histórica cidade durante o cerco, e a sua transformação moderna da época atual.

Rio de Janeiro

MUSEU DE FOLCLORE "EDISON CARNEIRO".

Com o apoio da Fundação Nacional Pró-Memória, após a recuperação de um prédio à Rua do Catete, 181, o Museu de Folclore Edison Carneiro passou a funcionar em suas novas instalações, com exposição em caráter permanente.

O Museu de Folcore Edison Carneiro, do Instituto Nacional do Folclore, fundado em 1969, funcionando desde 1980, na antiga garagem do Palácio do Catete transformada agora em anexo.

Rio Grande do Sul (RS)

O Museu de Antropologia do Rio Grande do Sul, realizou no mês de novembro, a 1ª Mostra "O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO" no Rio Grande do Sul, numa promoção da Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

Rio de Janeiro (RJ)

UM ENCONTRO COM GILBERTO FREYRE. Ao apagar das luzes de 1983, a Secretaria da Cultura do MEC — Instituto Nacional do Folclore — FUNARTE, marcou "um encontro com Gilberto Freyre, tendo a CASA GRANDE E SENZALA, 50 anos depois. Local, a sala "Aloísio Magalhães" à Rua Araújo Porto Alegre no Rio de Janeiro. O acontecimento, teve

a participação de: Lélia Gontijo Soares, Gilberto Velho, Ana Maria Hey, Roberto Matta, Dinah Guimarães, Raul Lody, com o encerramento por Gilberto Freyre e apresentação do filme "Casa Grande e Senzala" de (Geraldo Sarno).

Recife (PE)

"Como Nasce Um cabra da Peste", obra do escritor Mario Souto Maior. Um dos mais festejados autor de uma seqüência de obras da cultura popular nordestina reúne nessa recente obra, vários aspectos da vida popular do nordestino, povo. Em "Quem sou eu", fala de suas traquinices quando menino, que o leva a relatar as peripécias de moço travesso. Casado, com vida difícil de sete filhos pra criar, após ocupar importantes cargos na vida pública, é instado a ingressar no "mundo maravilhoso do folclore", que o levou a descobrir esse lado da vida do povo. Já pelo Sumário de "Como Nasce um Cabra da Peste", o leitor irá gostar da obra, principalmente os nordestinos que se encontram fora da terra. Do Sumário: "Rapadura, batida, e outras complicações." "Sexo e enxoval: crendices. — Cachimbo, risada e careta. Canja de Galinha arrepiada. — Parto seus vexames e suas dores. — Na alegria o cheiro da alfazema.

Salvador — Bahia

MAMB — Museu de Arte Moderna da Bahia — Fundação Cultural do Estado da Bahia — Coordenação de Museus e Artes Plásticas.

A publicação do Catálogo do Museu de Arte Moderna da Bahia, num trabalho primoroso de Artes Gráficas, realizado com o "Apoio Cultural ODEBRECHT". A seqüência das peças ilustrativas são as mais valiosas, nos mais variados estilos, de consagrados autores nacionais. O acervo é constituído por centenas de peças de autores nacionais e internacionais, constantes de óleos/tela, couro, madeira, guache, desenhos, gravuras: água forte, metal, talho doce, zinco, litogravura, heliogravura, serigravura, monotipia, xilogravura, fotografias coloridas e em preto e branco. Tapeçaria, cerâmica e escultura em barro cozido, bronze, ferro, gesso, madeira, pedra, etc. Apresenta ainda "Oficinas de Expressão Plástica, de Artistas e Professores, com uma série de trabalhos de alunos em serigravura, Escultura — Cerâmica — Litogravura — Gravura em Metal e Xilogravura.

É um catálogo que retrata bem o real valor conferido as Artes Plásticas do Estado da Bahia.

São Paulo (SP)

O SEAFESP Nº 3 — Órgão Oficial do Sindicato das Empresas de Artes Fotográficas do Estado de São Paulo, focaliza a realização da X Convenção Nacional dos Dirigentes da Classe, o IX Congresso Brasileiro de Empresas Fotográficas, e a Exposição de Material, Equipamentos e Serviços Fotográficos no mês de agosto, no Centro de Convenções de Rebouças.

Mato Grosso (MT)

Universidade Federal de Mato Grosso — centro de letras e ciências humanas — departamento de artes — coleção pesquisas, nº 2. Medicina Popular — *"A Arte de Curar dos Raizeiros"*, por Maria Lúcia de Mello Arruda, é uma obra que reúne o milenar costume popular de aplicação das ervas de atributos medicinais na cura das mais variadas doenças do povo.

O "raizeiro", é o homem que se dedica, através dos anos ao afã de curar as doenças do povo. É comum ser encontrado no norte e nordeste do Brasil nas feiras livres, mercados e pontos por onde o povo costuma passar; "o homem e suas ervas".

O trabalho de pesquisas desenvolvido por Maria Lúcia de Mello Arruda, foi no sentido pesquisar entrevistando esses raizeiros, e legar a farmacopéia da cultura popular, um trabalho útil, que vem reunir-se a tantos outros já existentes por esse Brasil afora, e que prestam nos dias atuais importante contribuição na arte de bem curar.

Belém — Pará

"A FARSA DO PRÊMIO" — Sidney Pinõn — um estudo sobre a política do Folclore em Belém.

É um livro polêmico registrando brigas e desavenças, entre grupos folclóricos que se submeteram a concursos em apresentações de festivais de folclore.

O autor analisa com veemência o negativismo da interferência política nos assuntos culturais, principalmente os relacionados ao folclore.

São Paulo — São Bernardo do Campo

O Grande ABC — "A memória da Prática Cultural", em Cadernos de Pós-Graduação do INSTITUTO METODISTA DE ENSINO SUPERIOR.

Publicação de grande valor cultural pela abordagem de assuntos relacionados a Cultura Popular. É uma publicação que a nosso ver deveria ter ampla distribuição na área do ensino do 2º Grau e 3º Grau, por reunir valiosos trabalhos que levaria aos alunos conhecimentos na área da cultura popular, desenvolvida por autores de alto gabarito, principalmente pela qualidade dos assuntos abordados.

Do SUMÁRIO, destacamos: "A educação pelos movimentos Culturais" — "A Educação Popular: as verdades da vida" — "A televisão no teatro operário" — "Migrantes, Dançarinos e Tocadores" — "Memória dos Sonhos Secretos" — "Ser independente é uma questão de cultura" — "Entrevista com o cineasta Aron Feldeman" — Procissão dos Carroceiros: uma caminhada pela história de São Bernardo" — "Comunidade em Projeto" — "Fotografia como instrumento de organização" e "Paranapi(acaba?)".

Recife — PE

CADERNOS DE FOLCLORE — 134 a 153. Dez. 1984 — "Centro de Estudos Folclóricos da Fundação Joaquim Nabuco".

A contribuição do Centro de Estudos Joaquim Nabuco do Recife, em trabalhos que ali são aprofundados, destaca-se a área do Folclore. Nos Cadernos que mensalmente ali se edita, são publicados textos que leva aos estudiosos dessa matéria, conhecimentos importantes, saídos de pesquisas etnográficas e folclore dos mais variados assuntos de nossa cultura popular.

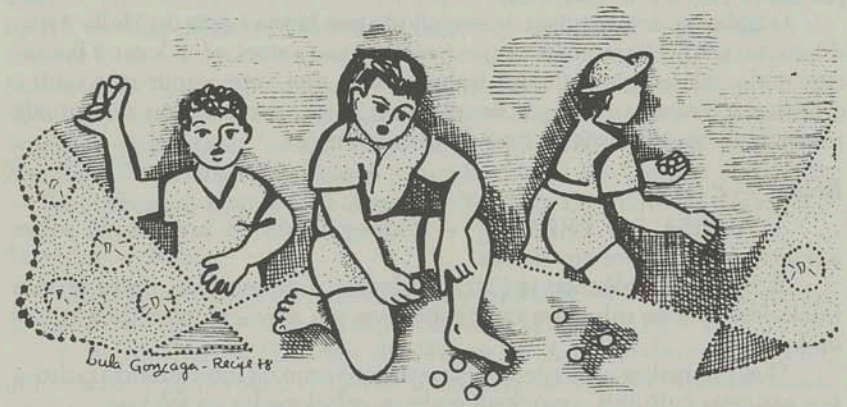


Ilustração do artigo "Bolas de Gude" de autoria de Virgília Peixoto. Caderno 57/1978.

São Paulo

Do acadêmico *José Carlos da Silva*, agradecemos os cumprimentos enviados a nossa Comissão de Folclore pela passagem do "Dia Nacional do Folclore, 22 de agosto", bem como de Boas Festas, Deus e amor para 1985.

26º Encontro de Folias de Reis

DE PATOS DE MINAS
08/01 a 05/02/84

As Folias de Reis é a mais importante manifestação folclórica da região do alto Paranaíba. Todos os anos acontece o Encontro de Folias de Reis em Patos de Minas — MG, durante o mês de janeiro até o 1º domingo de fevereiro, reunindo o maior número de Folias de Reis do Brasil.

Rio de Janeiro

A Secretaria de Cultura do MEC, distribui livros a Bibliotecas.

O Secretário da Cultura do MEC, Marcos Vinicios Vilaça, e a Diretora-Executiva da Funarte, Maria Edméa Saldanha de Arruda Falcão, através do Instituto Nacional de Artes Plásticas, convidam para a cerimônia de cessão de livros e catálogos de arte a 50 bibliotecas em todos os Estados brasileiros, dentro do Projeto Clarival do Prado Valladares.

APOIO CULTURAL
TRANSEXPRESS — uma empresa do Grupo Abril Cultural S. A.
CORREIO AÉREO NACIONAL — Comando de Transporte Aéreo/Ministério da Aeronáutica

PARTICIPAÇÃO

Tenho a satisfação de participar que no corrente ano de 1984 fui recebido como membro da ACADEMIA BRASILEIRA DE HISTÓRIA e do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS.

Aproveito o ensejo para, publicamente, reiterar o meu compromisso com o FOLCLORE BRASILEIRO — tema que estudo cientificamente desde o ano de 1970.

Raul Lody
setembro de 1984

Rio de Janeiro

A JOÃO FORTES tem o prazer de convidar V. Sª para o lançamento do Álbum *"O RIO ANTIGO DO FOTÓGRAFO MARC FERREZ* — Paisagens e Tipos Humanos do Rio de Janeiro", quando da abertura da exposição.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA (SP)
VIGÉSIMO FESTIVAL DO FOLCLORE

Olímpia — SP

CONVITE

O tempo corrói tudo e, de um modo especial, a memória. Por esta razão sempre houve grande preocupação, por parte de nosso Conselho Municipal de Cultura, em perpetuar a memória de elementos considerados como importantes.

À medida que os meios de comunicação encurtam distâncias e aproximam os povos, os elementos culturais folclóricos tendem a sofrer enorme bombardeio.

Precisamos valorizar e preservar o que é nosso. Isto não é aversão às coisas estrangeiras. É respeito às nossas origens. É a perpetuação de nossa identidade cultural. Ainda com mais vigor, temos que preservar o folclore, no qual floresce grande riqueza cultural.

Assim sendo, *Olímpia — a Capital do Folclore,* no firme propósito de não deixar desaparecer, na medida do possível, os valores da cultura folclórica, que dá à vida em sociedade uma coloração especial, fará realizar, pela vigésima vez (12 a 19 de agosto), o seu Festival de Folclore.

E para que tudo se realize conforme nosso desejo, estamos convidando V. Sª. e família a estarem conosco, durante os dias do Festival, quando Olímpia estará transformada num parque de lazer, recreação e cultura.

Não faltem. Venham já!

Olímpia (SP), julho de 1984

(a) **Wilson Zangirolami**
Prefeito

(a) **José Sant'anna**
Coordenador

O MUSEU NACIONAL DE BELAS-ARTES — MEC — Secretaria da Cultura — SPHAN/Fundação Nacional Pró-Memória e a JOÃO FORTES ENGENHARIA S.A.
Convidam para a abertura da exposição
MARC FERREZ — Panorama do Rio de Janeiro, 1870/1910
Julho de 1984 na Sala Bernardelli

Belém — (PA) 1984

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO E PESQUISA

RESOLUÇÃO Nº 1.089 — DE 21 DE FEVEREIRO DE 1984

EMENTA: — Concede o título honorífico de PROFESSOR EMÉRITO ao Professor *Doutor* ARTHUR NAPOLEÃO FIGUEIREDO.

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ no uso das atribuições que lhe conferem o Estatuto e o Regimento Geral, e em cumprimento à decisão unânime do Egrégio Conselho Superior de Ensino e Pesquisa, em sessão realizada no dia 21 (vinte e um) de fevereiro de 1984, promulga a seguinte

RESOLUÇÃO:

Art. 1º — É outorgado o título honorífico de PROFESSOR EMÉRITO ao Professor *Doutor* ARTHUR NAPOLEÃO FIGUEIREDO, Docente Titular da Universidade Federal do Pará, nos termos dos Artigos 105 do Estatuto e 342 do Regimento Geral, por proposta do Conselho do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, tudo de conformidade com o que consta dos Autos do Proc. 03.783/83-3.

Art. 2º — Esta Resolução passa a vigorar a partir da data de sua aprovação.

Reitoria da Universidade Federal do Pará, em 21 de fevereiro de 1984.

Professor Dr. DANIEL QUEIMA COELHO DE SOUZA
Reitor
Presidente
do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa

Dia 22 de agosto de 1984

MEC/SECRETARIA DA CULTURA

A Secretaria da Cultura do MEC e o Instituto Nacional do Folclore, da FUNARTE, convidam V. Sª para as cerimônias de inauguração das

novas instalações da Biblioteca Amadeu Amaral.
Entrega do Prêmio Sílvio Romero — 1984.
Homenagem à memória da professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro, quando será oficializada a doação de sua biblioteca de folclore à BAA.
Exposição A Literatura de Cordel e a Xilogravura.
Lançamento das edições: *O Jongo,* de Maria de Lourdes Borges Ribeiro
Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore
Bibliografia Folclórica, Nº 9
Regras da Cantoria, disco LP
Aboios/Ceará, disco compacto
Reis-de-Boi/ES, disco compacto
Benditos/BA, disco compacto

Rio de Janeiro

"Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro"

Em solenidade realizada a 29 de março de 1984, na Federação das Academias de Letras do Brasil, deu-se o ingresso da Acadêmica Profª Dulce Martins Lamas, assumindo a cadeira Nº 49, do Quadro B, patronímica de Joaquim Ribeiro.

O discurso de saudação foi proferido pelo Acadêmico Modesto de Abreu, Presidente da Academia.

RIO DE JANEIRO

A MARINHA NO SELO BRASILEIRO

Em homenagem à emissão do selo do Centenário do Museu Naval e Oceanográfico, no dia 23 de março, o Museu Postal e Telegráfico exibe a coleção "A Marinha no Selo brasileiro", apresentando a sua evolução histórica desde o descobrimento do Brasil até a exploração à Antártida. A coleção é composta de quadras, blocos e folhinhas, com selos desde 1935.

A relação Correio e Marinha foi bem representada, através do selo e da nau, na emissão em homenagem ao dia do selo, em 1977. O artista Daniel Azulay utilizou o selo para formar uma pequena embarcação, representando os dois elementos que resistem ao naufrágio e a perda até atingir o seu destino.

O Correio brasileiro está lançando selos especificamente da Marinha há 30 anos e outros referentes à temática, há cerca de 50 anos. Este dado ilustra a relevância que eventos como a Abertura dos Portos e a Batalha de Riachuelo e figuras como o Almirante Barroso e Barão de Mauá, significaram não só para a história da Marinha mas também para a brasileira.

Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA — MG —
DIRETORIA DE ASSUNTOS CULTURAIS
NATURA DECORAÇÕES LTDA

A Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, por intermédio de sua Diretoria de Assuntos Culturais e a Natura Decorações Ltda., convidam para visitar a exposição de artesanato das microrregiões de Viçosa e Ponte Nova na Natura Decorações Ltda., na Rua Pernambuco, 773 — Savassi — Belo Horizonte, do dia 14 a 29 de setembro de 1984.

Viçosa, 5 de setembro de 1984

ARTESANATO DA MICRORREGIÃO DE VIÇOSA E PONTE NOVA
DEMONSTRAÇÃO

Houve demonstração do trabalho, no tear, pela tecelã Zélia de Oliveira Miranda — de São Miguel do Anta — MG.

NOTÍCIAS CULTURAIS DE SANTA CATARINA 1985

ITÁLIA PÕE A MESA

Em comemoração ao 10º Aniversário do GIBRAC
Na Sociedade Antares — Rodeio — SC
No dia 15 de setembro de 1985 — (domingo)

La Sagra

"Há muito tempo, quando Rodeio era colonizado pelos imigrantes vindos do norte da Itália, as famílias reuniam em suas casas os parentes e amigos mais próximos para um acontecimento singular: "La Sagra" — um banquete em honra do santo padroeiro — um dia sagrado, que começava depois da "messa granda" (a missa das 9 horas). Nesse dia, faziam uma trégua a toda a espécie de comida rotineira e escolhiam os melhores pratos da época para o grande dia. Por *um dia* então o tacho da polenta descansava, uma vez que a polenta era considerada o prato comum do trabalhador. Em dia de festa, comida de festa, caseira, natural, saborosa, aconchegante.

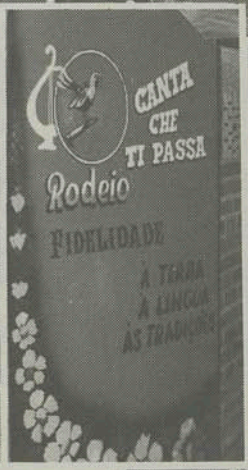
Atualmente a Sagra é ainda comemorada por algumas famílias tradicionais da colônia. Entre nós passou a significar: almoço especial com pratos típicos à base de carne e massa (le taiadele), peculiar a gosto italiano e regada a bebidas caseiras.

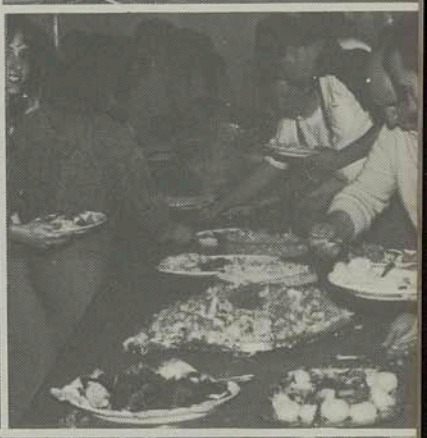
A Sagra maior do início da história de Rodeio foi a Sagra da "Madona Dolorata", a 1ª legítima padroeira da Colônia de Rodeio, a 1ª santa a *encimar* o altar da 1ª igrejinha.

Hoje, 15 de setembro, numa feliz coincidência, é o Dia da Madona Dolorata. Desfrutemos, pois com carinho esta lembrança e matemos a saudade entrando com alegria nesta Sagra. Nós, da família do Grupo Folclórico, saudamos a todos vocês, hoje transformados simbolicamente em nossos irmãos, parentes e amigos, apresentando nossas Boas Vindas. Queremos que se sintam bem em nossa casa e se deliciem com nossa comida e bebida caseiras.

LA SAGRA

LA SAGRA


CANTA CHE TI PASSA
Rodeio
FIDELIDADE
A TERRA
A LINGUA
AS TRADIÇÕES



CANEVA

"Itália põe a Mesa" oferece para vocês o seguinte cardápio —. . .

Almoço e café completos "ala moda del contadin" — (12 pratos salgados — 6 espécies de doces — 8 tipos de bebidas).

Pratos típicos da grande tradição trentino-familiar do passado em Rodeio, acompanhados de Vinhos Coloniais, Bira Dolza, Bonikamp, licoretos e café.

PIATI

— Supa de sfoiadeti
— Taiadele al tonco lustro
— Capussi col pien
— Riso al tonco d'oro
— Patate mòre ala vècia
— Ripieno al sacheton
— Galina col pien
— Assato di carne al lardo
— Pat ala campagnola

CONTÒRNI

— Insalata coi ovi còti
— Barbabietole ala contadina
— Verze al lardo rostì

SOPRAMESA

— Zambaion

DA BÊVER

— Bira Dolza
— Bonikamp
— Vin Bianc dela Colònia
— Vin Ross del Contadin
— Vin de Naranz
— Vin dolz dele Dòne
— Licoreto a Colori
— Cafè

"Bon apetito"!

CAFÈ COI DOLZI

— Fugazze dela Nòna
— Pandelò ala ciocolata
— Latughe
— Dolzi rigadi
— Sorzati ala rodelòta

"DAL VÈCIO FOGOLAR I NOSTRI BONI BOCONI"
"Do velho fogão os nossos bons bocados"

Programação:

— Exposição de Arquitetura de Imigração Italiana no Vale do Itajaí com fotos inéditas de: Rodeio — Rio dos Cedros e Ascurra. Promoção: UFSC
— Estréia do Novo Traje Folclórico masculino.
— Show memorável do Grupo Ítalo-Folclórico de Rodeio.

HASSIS expõe

CONTESTADO
Terra Contestada

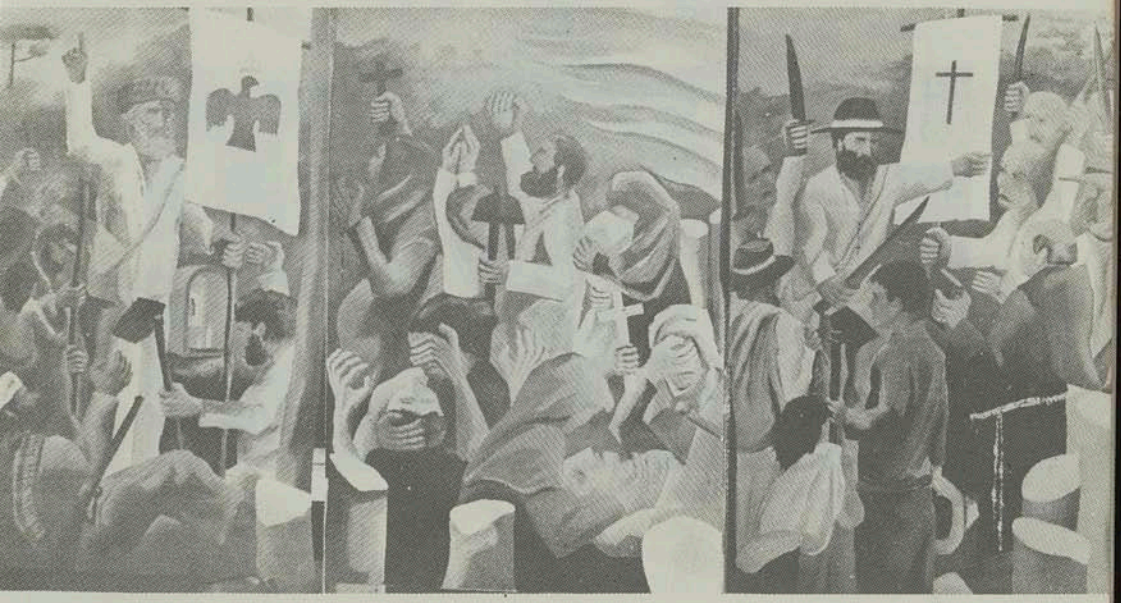
A presente exposição intitulada "Contestado — Terra Contestada", constitui-se num trabalho que expressa plasticamente o importante fato histórico denominado a "Guerra do Contestado", obra esta concebida pelo reconhecido artista plástico/HASSIS.

Reveste-se de singular importância este evento cultural por se estabelecer como uma das primeiras interpretações do Contestado na área das artes plásticas e se situar no tempo, no septuagésimo ano do término das lutas nas terras contestadas, bem como assinalar a assinatura do "Acordo de Limites" entre Santa Catarina e Paraná.

Ver e conhecer esse grande marco da História de nosso Estado sob a ótica do artista plástico, amplia o horizonte cognitivo mesmo daqueles que já o conhecem sob a forma de impressão gráfica, documentários cinematográficos e interpretações musicais, formas estas mais freqüentes para narrar esse fato histórico nos seus diversos aspectos sociais.

Vamos prestigiar nossos artistas e conhecer melhor nossa história.

Fpolis — out. 85 Deputado Salomão Ribas Júnior



HASSIS — Hiedy de Assis Corrêa — nasceu em Curitiba, PR, em 1926. Reside em Florianópolis, SC, desde 1928. Desenhista e pintor, autodidata, de 1944 a 1956 trabalhou em publicidade, produzindo cartazes, símbolos, logotipos, capas de revistas e livros. Participou do movimento literário e artístico conhecido por "Grupo Sul", na década de 50. Faz ilustrações para revistas e jornais. Em 1966, criou desenhos motivados no folclore da Ilha de Santa Catarina, em mosaico português, para cinco praças públicas de Florianópolis. De 1961 a 1982, realizou ornamentações de carnaval para diversos clubes. É autor de murais expostos nas seguintes instituições: Banco do Brasil S.A., Florianópolis, 1971; Clínica de Olhos São Sebastião, Florianópolis, 1972; Aeroporto Hercílio Luz, Florianópolis, 1976; Indústria Perdigão S.A., São Paulo, 1977; USATI S.A., Florianópolis, 1978; Capela da Universidade Federal de Santa Catarina, 1979; Banco do Brasil, agência do Porto, Portugal, 1980.

Participou de, aproximadamente, 98 coletivas e salões em Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Brasília e Rio Grande do Sul, entre 1957 e 1982. Conta com mais de 36 exposições individuais realizadas em Santa Catarina, sendo a mais recente sob o tema "O Circo", na qual lançou o caderno de arte de sua autoria e intitulado *Respeitável Público. . .*

Obras suas integram o acervo dos seguintes museus de arte: MASC, Florianópolis; MAJ, Joinville; MACP, do Paraná; além de trabalhos em coleções particulares no Brasil e exterior. É fundador do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis, criado em 1958.

Escritores Catarinenses, visitam o Frigorífico Chapecó.

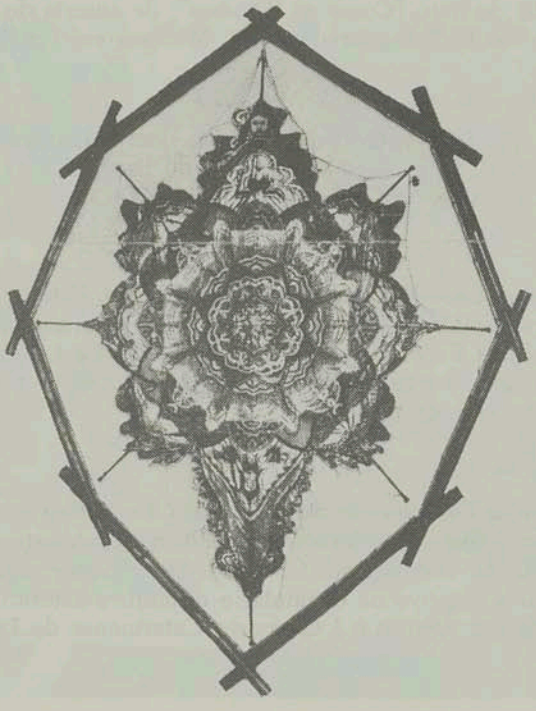
PANDORGAS
Viagem ao Espaço Novo

PANDORGAS — **Viagem ao Espaço Novo**

Valdir Agostinho, artista plástico de grande sensibilidade artística, extravasa esse dom que possui na criatividade de suas pandorgas. É um trabalho que reúne os mais belos modelos, que se transportados passassem às telas, alcançaria o esplendor da glória pictórica.

As suas pandorgas resplandescem a grandeza de sua arte, que está fadada a glorificá-lo entre os raros fenômenos da cultura artística de Santa Catarina.

Valdir Agostinho é um artista do interior da Ilha, nascido na Barra da Lagoa. Descendente de açoriano, herdou dos seus antepassados a sensibilidade criativa e a simplicidade nata do viver interiorano ilhéu. Muito ainda devemos esperar desse jovem, cujos trabalhos são dignos de figurarem em quaisquer exposição de arte do Brasil.



Florianópolis — SC

No Palácio Barriga-Verde, a convite do Dep. Júlio Cesar e Mesa Diretora da Assembléia Legislativa do Estado, teve o lançamento dos livros: "O Poder Legislativo Catarinense — Das Raízes aos nossos dias, 1834/1984", bem como "As Constituições do Estado de Santa Catarina" de autoria do Prof. Walter Fernando Piazza.

Florianópolis/Rio Grande do Sul

Os Conselhos Estaduais de Cultura de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, expediram convites para o ato conjunto de comemoração do "Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, com palestras proferidas pelos historiadores — Wolfgang Ludwig Rau "A heroína Anita Garibaldi — uma revelação farroupilha em Território Catarinense" e Dante Laytano — "Os rio-grandenses e a República Juliana", cujo ato foi realizado no dia 29 de julho em Laguna.

Florianópolis — SC

Poeta Sérgio Luiz Madeira — A Associação Beneficente dos Economiários Federais de Santa Catarina, promoveu o lançamento no dia 22 de maio de 85 do livro "Como os Pássaros", de autoria do poeta Sérgio Luiz Madeira, no Hall de entrada da Ag. Miramar em Fpolis.

Florianópolis — SC

A Fundação Catarinense de Cultura, com solenidade no CIC no dia 28 de março promoveu o lançamento do livro AKNATONA JK das Pirâmides do Egito, de autoria da Profª IARA KERM.

Florianópolis — SC

As Jornadas Luso-Brasileiras do Patrimônio. A Exposição Documental das 1ªs Jornadas Luso-Brasileiras do Patrimônio, organizada pelo Dep. de Arquitetura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, realizou-se em Florianópolis, no mês de abril, no Museu de Arte de Santa Catarina, no Centro Integrado de Cultura.

Florianópolis — SC

1º Concurso Catarinense de Literatura Pesqueira
— Numa promoção da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (SAA) e (ACARPESC) da Associação de Crédito e Assistência Pesqueira de Santa Catarina, com o objetivo de estimular e difundir a Literatura Pesqueira de Santa Catarina, institui o I Concurso Catarinense de Literatura Pesqueira.

Florianópolis — SC

A Fundação Catarinense de Cultura — Unidade de Letras, promoveu o lançamento a 8 de fevereiro, das seguintes obras: "Sentado no chapéu do mundo; Cordão Umbilical e Paralelo, de Alcir Paulo Faversani."

"Risco de Unha, de Nelson Carvalho Di Córdova".

O lançamento deu-se no Portal Turístico, próximo a Ponte Colombo Machado Salles, com a participação dos autores e convidados.

Tubarão — SC

Pintor e Escultor Willy Zumblick — Mais uma vez o escultor e pintor Willy Zumblick, contribui com a sua arte para Santa Catarina. Desta feita foi com o monumento ao Caminhoneiro, em homenagem a essa nobre classe de motoristas das rodovias brasileiras, que transportam o progresso.

A inauguração aconteceu no dia 31 de agosto de 85, no Km 338, da BR-101 ao sul da ponte Cavalcanti em Tubarão, com a presença do Governador Esperidião Amin, autoridades civis e militares, amigos do escultor e elevado número de pessoas.

A obra contou com a participação do Governo do Estado, Secretaria de Transportes e Obras do Estado, Departamento Nacional de Estradas de Rodagem — 16º Distrito Rodoviário Federal, Prefeitura Municipal de Tubarão, Rotary Club de Tubarão e Rotary Club Tubarão Leste. O projeto do pedestal de assentamento da obra, foi de autoria da engenheira Elvira Roman Plentz do DR de Tubarão.

Florianópolis — SC

O I SIMPÓSIO DE CULTURA E IMIGRAÇÃO ITALIANA, promoção da UFSC e Secretaria da Cultura, Esporte e Turismo de Santa Catarina, foi realizado no Auditório da Reitoria da UFSC, no mês de maio de 85.

Numa extensa programação, foram debatidos todos os problemas nos seus aspectos positivos e negativos que envolvem a Cultura Italiana em Santa Catarina. No encerramento teve a participação do Grupo Ítalo-Folclórico de Rodeio.

Florianópolis — SC

Numa homenagem à CULTURA DA TERRA, os 259 anos de Florianópolis foi comemorado numa semana de programação pela SETUR/PMF — Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes/Florianópolis.

Criciúma — SC

A FUCRI — Fundação Educacional de Criciúma, pelas Faculdades de Ciências e Educação — FACIECRI — Departamento de Comunicação e Expressão, numa louvável iniciativa, promoveram a III SEMANA LITERÁRIA da FACIECRI/FUCRI, com a participação de vários professores conferencistas, onde o Folclore Catarinense, foi abordado na palavra do Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, Prof. Doralécio Soares.

Santa Catarina — Florianópolis — 1985 POLÍCIA MILITAR DE SANTA CATARINA

Nas comemorações do seu Sesquicentenário a Polícia Militar de Santa Catarina, entre as várias solenidades, promoveu o lançamento das Obras: "AÇÃO DE GUERRA DOS BATALHÕES DE INFANTARIA" — Período 1922 a 1930. "— Ação de Guerra do BC Catarinense desde a Batalha do Buri, até a Tomada de Taquaral, 1932".

Obras de autoria do eminente Cel. PM. Antônio de Lara Ribas, que teve o seu lançamento no salão nobre do Quartel da Polícia Militar em Florianópolis. Essas obras que vêm enriquecer a História de Santa

Catarina, irão juntar-se as que no passado abrilhantaram a cultura catarinense, do mesmo autor. "Com um Punhal Nazista no Coração do Brasil" e "Orquídeas Catarinense".

Na mesma solenidade houve também o lançamento de "um pouco de História e algumas histórias" de autoria do escritor Edmundo José Bastos Junior, Cel. da reserva da PM, ex-Juiz Auditor da Justiça Militar, autor dos livros técnicos "Instruções para Elaboração de Inquérito Polícia Militar da PM — Instruções e Formulário.

Caçador — SC

A AVIAÇÃO MILITAR NO CONTESTADO — Obra de Nilson Thomé

— No decorrer do próximo mês, na coincidência das datas de 20 de outubro (Aniversário da Assinatura do Acordo de Limites entre Paraná e Santa Catarina) e 23 de outubro (Dia da Aviação, em homenagem a Santos Dumont), a FEARPE lançará a público o livro *"A AVIAÇÃO MILITAR NO CONTESTADO"*, de autoria do jornalista caçadorense Nilson Thomé, diretor do Museu do Contestado.

Este livro, com 84 páginas, narra em linguagem clara e acessível a participação da aviação militar brasileira na guerra civil conhecida como *"Campanha do Contestado"*, que enlutou os sertões catarinenses entre 1913 e 1916, destacando o trabalho do Exército Brasileiro na primeira tentativa de utilizar a aeronáutica em operações bélicas.

Caçador — SC

EFSPRG — A Estrada de Ferro de São Paulo-Rio Grande — 1910, promoveu no mês de maio de 85 a inauguração do "Trem da Cultura", — Museu Instalado na plataforma da Estação Ferroviária de Caçador, numa homenagem dos 75 anos de Ferrovia em Caçador.

Videira — SC

CENTRO CULTURAL DE VIDEIRA — DIRETORA: Profª Maria da Graça Vieira.

A CASA CANÔNICA — Patrimônio Histórico do Município de Videira, transformou-se no "Centro Cultural de Videira", abrigando o Museu do Vinho.

A inauguração deu-se no mês de março, teve a participação da Escola de Música "Sol-Lá-Si" e apresentação da ACROVI Ass. Cultural de Rondinha, com Cantos Típicos Italianos, além do Show do cantor Valdir Anzolin.

São Joaquim — SC

O Centro Cultural de São Joaquim tem nova Diretoria.

Em comunicação assinada pela Presidente Natália Martorano Salvador

e Zilma Pereira Nunes Nezi, Secretária Executiva, registramos em nossos arquivos a eleição e posse da nova diretoria do Centro Cultural de São Joaquim para o biênio agosto de 85/86.

Brusque — SC

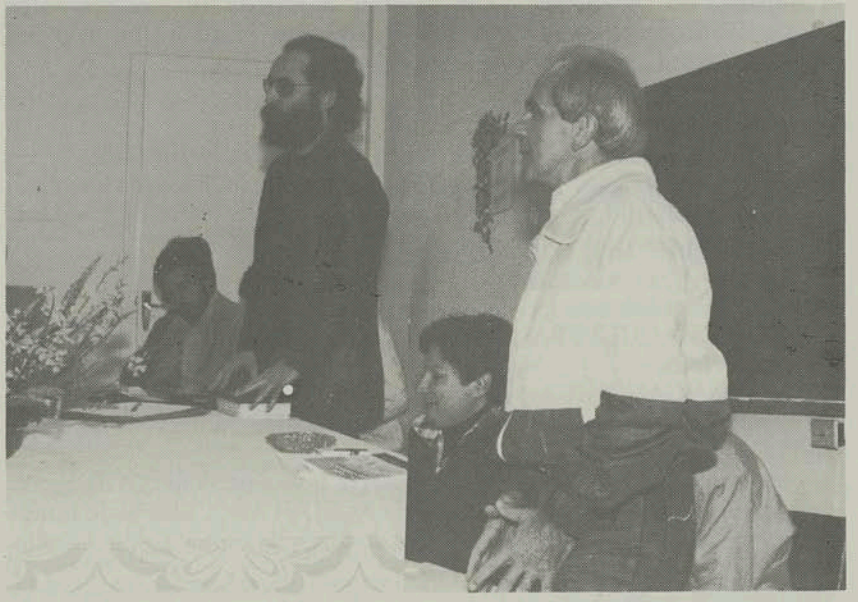
Da "Sociedade Amigos de Brusque", registramos o recebimento da publicação Notícias de VICENTE SÓ — Brusque de Ontem e Hoje, sob a Direção do jornalista Ayres Gevaerd.

O presente número 34, engloba os meses de abril, maio e junho de 85, publica em sua Capa: Sócios ativos da Sociedade de Atiradores de 1912, devidamente uniformizados, cedida gentilmente pelo Historiador Wolfgand L. Rau.

Chapecó — SC agosto 1985

I Encontro Catarinense de Escritores em Chapecó

Numa promoção da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo — Fundação Catarinense de Cultura — Prefeitura Municipal de Chapecó — FUNARTE/Ministério da Cultura e a Associação Catarinense de Escritores, foi realizado na cidade de Chapecó o I Encontro Catarinense de Escritores.



Mesa dos trabalhos quando o presidente da Ass. Cat. de Escritores Amílcar Cabral Neves e o Prof. Celestino Sachet, usavam da palavra.

A programação foi extensa, constante de: Debate entre os Agentes de Cultura — Encontro de Professores que atuam no 2º e 3º graus. Palestra do escritor Doralécio Soares sobre o Folclore Catarinense, as professoras do 2º grau, da área de Educação Artística da 11ª UCRE. Visita à cidade e Empresas de Chapecó, com almoço na Sadia. Sessão de autógrafos de obras de escritores catarinenses — Lançamento do de Clemens Gisi "Eu fugi da Sibéria", com a presença de convidados especiais. Coquetel oferecido pelo Frigorífico Chapecó.

Aspectos do plenário

Florianópolis — SC

Com a presença dos autores para a noite de autógrafos, foi lançado no Portal Turístico de Florianópolis, os livros: "Cordão Umbilical e Paralelo", de Alcir Paulo Faversani. "Risco de Unha", de Nelson Carvalho Di Córdova. O acontecimento ocorreu na noite de 08 de fevereiro de 85.

Joinville — SC

GALOPE POÉTICO, do poeta catarinense Jurandir Schmidt, continuou por todo o ano de 84 a luz da literatura catarinense.

Florianópolis — SC

A 3ª BIENAL NESTLÉ DE LITERATURA BRASILEIRA, com apoio da UFSC, foi realizada no dia 29 de agosto em Florianópolis, o Seminário — "POESIA BRASILEIRA HOJE". Entre os participantes figuraram: Ferreira Gullar, Paulo Leminski, Alcides Buss, Lindolfo Bell, Eglê Malheiros, Salim Miguel, entre outros.

Florianópolis — SC

O VI Encontro de Escritores Catarinenses, foi realizado no mês de outubro de 84, no Plenário da Assembléia Legislativa.

Da programação, constou vários Painéis com a temática da "A Poesia, O Conto, O Romance, o Ensaio e a Crítica", *com exposição pelos integrantes da Ass. Catarinense de Escritores.*

A promoção foi da Assembléia Legislativa, com a participação da Editora Lunardelli, Edit. da UFSC, FCC, Edições e Assoc. Cat. de Escritores.

Florianópolis — SC

"ESTE HUMOR CATARINA", obra organizada pelos escritores Flávio José Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza, numa edição da Lunardelli, teve seu lançamento no Salão Nobre da Assembléia Legislativa, numa promoção da presidência da Assembléia pelo seu presidente Dep. Stélio Boabaid, no mês de agosto de 85.

Florianópolis — SC

UFSC — A Universidade Federal de Santa Catarina, promoveu o Centenário de Nascimento do Ilustre Prof. Henrique da Silva Fontes, com a inauguração da Exposição "VIDA E OBRA DO PROF. HENRIQUE DA SILVA FONTES", no mês de março de 85, no hall da Reitoria.

Florianópolis — SC

ARTHUR MOREIRA LIMA — A Subsecretaria de Assuntos da Juventude da Casa Civil, numa promoção da CITUR, com apoio da Fundação Catarinense de Cultura e Transbrasil, se apresentou em frente à Catedral Metropolitana no mês de maio de 85, no programa "VIVA SANTA CATARINA, o pianista Arthur Moreira Lima.

Grupo Folclórico Ítalo-brasileiro de Rodeio — GIBRAC
Aspecto da apresentação em Chapecó — SC, por ocasião do 1º encontro de Escritores Catarinenses naquele Município. Foto: Doralécio Soares

WALMIR AYALA

JORNAL DO COMMERCIO Rio de Janeiro, domingo, 10 e 2ª feira, 11 de fevereiro de 1985

ZUMBLICK

Zumblick é o nome de um veterano pintor catarinense, filho residente de Tubarão, *cuja obra está a merecer um cuidadoso estudo crítico, colocando-o, definitivamente, no espaço dos grandes nomes da pintura regional do país.* Regional e nacional, pela força de suas figurações, Zumblick tem-se concentrado nos aspectos sociais, ecológicos e naturais da região, bem como na ilustração de fatos e feitos heróicos, tradições e costumes, que caracterizam a área enfocada. Exemplo primoroso desta crônica apaixonada e forte, é o calendário Hortas Domésticas de 1985, onde estão reproduzidos importantes quadros de Zumblick, nos quais a força da pintura, a consciência formal da deformação, ampliam o sentido imediato do descritivo das cenas, para configurar realmente a dimensão da obra de arte. Analisemos as figuras de mãos e pés ampliados, a expressão de um misticismo delirante, este expressionismo fantástico apoiado num suporte adequado da paisagem e dos hábitos descritos, o que confere dimensão didática e documental às pinturas propostas. *E que excelente pintura!* Oriundo do expressionismo alemão, dentro da mais direta figuração, Zumblick utiliza os recursos de luz e sombra, não como recursos de efeito, mas de impregnante alma da matéria pictórica.

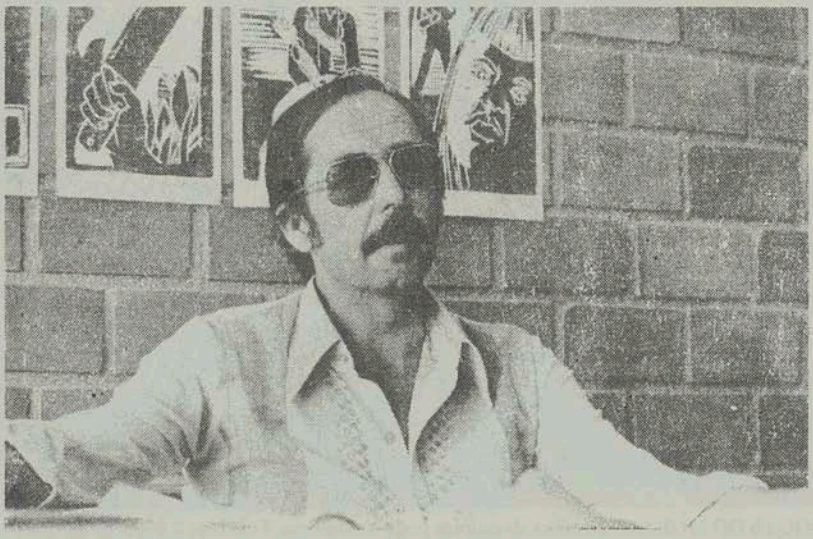
JOGANDO MORA — Costume da cultura popular italiana. Tela com 2.000 x 1,80. Orleans — SC.

SILVIO COELHO ADVERTE PARA A GRAVE SITUAÇÃO DOS INDÍGENAS

Blumenau — Ao lançar, o livro "Sociedade Indígenas e o Direito — Uma Questão de Direitos Humanos", esta semana na Furb, o professor Silvio Coelho dos Santos, Pró-Reitor de Ensino da UFSC e antropólogo de renome internacional, fez um alerta para a grave situação em que se encontram as minorias étnicas indígenas do País, especialmente em Santa Catarina.

Representando uma dezena de professores de todo país, que como ele, contribuíram com seus ensaios para a edição deste livro, o prof. Silvio Coelho explicou que a obra pretende chamar a atenção de todas as pessoas que têm preocupações sociais, políticas, desde cientistas sociais, professores e estudantes, para a triste condição dos índios.

Ressaltou que o livro propõe, duas questões fundamentais: uma, que os integrantes das sociedades indígenas na sua condição de seres humanos, têm direitos fundamentais pertinentes à pessoa humana, direitos esses consagrados na declaração universal dos direitos humanos, da qual o Brasil é signatário, frisando que "nessa direção, esta busca de direitos faz com que deva haver uma preocupação muito forte por parte daqueles que ministram a justiça no País e dessa forma deve haver condições de garantir às minorias o acesso à justiça".



Silvio Coelho dos Santos, antropólogo de renome internacional

Acrescentou que em outro enfoque, o livro trata da questão do Brasil e da elaboração da Nova Constituição. "Entendemos, os autores do livro e eu, que o Brasil é integrado por múltiplas sociedades.

— A sociedade dos brasileiros: a sociedade, basicamente dos homens brancos, a sociedade indígena — que existem no País e são em número de 150".

"Portanto, justificou", o Brasil, sob o ponto de vista político, tem que se autoconcentrar como um país pluriótico e multi-societário e também multi-racial, a fim de garantir as condições mínimas de convivência entre esses vários segmentos humanos que integram, o seu território".

XOCKLENGS: UM EXEMPLO VIVO

Com relação à comunidade indígena xocklengs, de Ibirama que passa por difícil situação, principalmente após a construção da barragem norte, em Barra Dollmann, Silvio Coelho assim se manifestou: "Os xocklengs, visto sob enfoque realmente de responsabilidade que o Governo Federal deva ter com a sociedade indígena em geral, são um exemplo vivo de como tem funcionado mal a política indigenista no Brasil".

Os xocklengs, denunciou Silvio Coelho dos Santos, estão sendo extremamente espoliados" em seus recursos naturais e a construção da barragem de Ibirama, segundo ele, "evidentemente acentuou a agressividade com que os brancos têm depredado esta riqueza, forçando com que os índios, naturalmente, agridam também aquela área na exploração principalmente de madeira, porquanto eles não têm outro meio de sobrevivência. Finalizou criticando a ação governamental que, segundo disse, através da Funai, se traduzem realmente ineficaz.

Transcrito do Jornal O Estado — 17/11/85

Florianópolis — SC

A FIAT Automóveis S/A, a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, Associação Catarinense de Escritores, e Secretaria de Estado da Educação, promoveram a inauguração do projeto "O Livro até Você", no dia 22 de outubro às 20:00h. na sede da Concessionária PHIPASA — Av. Ivo Silveira em *Florianópolis — SC.*

"SANTA CATARINA — A ILHA" Virgílio Várzea

Numa edição comemorativa do cinqüentenário de criação da Imprensa Oficial do Estado, esta promoveu a edição da obra do escritor Virgílio Várzea, "SANTA CATARINA — A ILHA", com Estudo Complementar de Vitor Antonio Peluso Junior.

Homenageando o historiador catarinense, a IOESC preparou uma edição de luxo de apenas 500 exemplares, objetivando marcar a passagem dos cinqüenta anos de existência da Imprensa Oficial do Estado, pelos relevantes serviços prestados como "indústria gráfica oficial" em Santa Catarina.

Florianópolis — SC

ESTE HUMOR CATARINA — Organizado pelos escritores Flávio José Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza, com capa ilustrada por Clóvis Medeiros, a Editora Lunardelli em 84, promoveu o lançamento de "Este Humor Catarina". A obra reuniu uma coletânea de Contos dos mais destacados escritores de Santa Catarina.

Florianópolis — SC

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA, sob a Direção de Jall Meirinho tendo como redatores os historiadores Walter Piazza e Carlos Humberto Corrêa, no seu Nº 4 da 3ª Fase, relativa a 1982/1983. Registramos o seu recebimento.

A CRÍTICA DO POSITIVISMO E O FUTURO DA FILOSOFIA
— 128 páginas
Alberto Cupani

O livro analisa as críticas que, direta ou indiretamente, são feitas à teoria positivista; conclui em que medida o debate devolve um futuro à Filosofia como atividade não inteiramente dependente da ciência.

JOGOS EDUCATIVOS PARA CRIANÇAS DEFICIENTES
— 206 páginas
Armin Lowe, trad. e adap. de **Ingeburg Dekker**

O texto (e ilustrações) ajuda a desenvolver a linguagem de crianças deficientes da audição e crianças com retardo de linguagem, sendo recomendado para pais e professores, jardins de infância e escolas.

FLORIANÓPOLIS — SC

No encerramento do noticiário cultural de Santa Catarina — Florianópolis, numa poesia de POEMAS NO TEMPO de Sílvia Amélia. — Edições SANFONA, 1985.

Bendito chão que nos prende como raiz!
Chão de sabor do mar,
cheirando a tainha,
varrido pelo vento sul,
lavado pelas lestadas,
de fala cantada,
encharcado de lembranças!
Os sobradinhos com as telhas de canal,
o bondinho parando onde a gente queria,
o Miramar espiando as ondas
batendo no cais
onde estão?. . .
Mas. . . lá na Praça XV ainda vivem:
os flamboyant a florir vermelho
e a majestosa figueira esparramando verde,
unindo, num só abraço,
todos que se acolhem a sua sombra!

Sílvia Amélia Carneiro da Cunha, é Membro da Academia Catarinense de Letras.

A PROSA E O VERBO DO PESCADOR

Co-edição ACARPESC
Vários autores

Painel atual, pleno de sugestões, dirigido também aos que estudam e se preocupam em interpretar as transformações sociais e humanas que vêm sofrendo as comunidades pesqueiras de Santa Catarina.

COLONOS E MISSIONÁRIOS ITALIANOS NAS FLORESTAS DO BRASIL

Co-edição Prefeitura Municipal de Urussanga
Pe. Luigi Marzano, trad. **Pe. João Lenoir Dall'Alba**

Retrato vivo e sensível, de quem soube registrar, com obervações precisas e pertinentes, não só a chamada do colono e do que ele enfrentou, mas também o problema dos indígenas diante da nova realidade.

Transcrito do Jornal de Santa Catarina de 14/11/85

UDESC COMEMORA 20 ANOS E LANÇA DISCO DO CORAL

A Universidade Para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina — Udesc —, comemorou na última segunda-feira os seus vinte anos de fundação, bem como o reconhecimento da instituição pelo Conselho Federal de Educação, em sessão solene realizada no teatro do Centro Integrado de Cultura. Mas o ponto alto da noite foi o lançamento do primeiro disco do coral da instituição, que completou dez anos.

A sessão solene foi presidida pela professora Rosemeri Souza, e foi aberta com a apresentação do coral que cantou o Hino Nacional. Logo em seguida o professor Gilberto Michael, em nome dos diretores das unidades de ensino da Udesc, homenageou o reitor Lauro Ribas Zimmer.

Mas o acontecimento da noite foi o lançamento do disco do coral, gravado pela Poligram. Com sete faixas, é "um disco bem eclético, mas só com músicas brasileiras" ressalta o maestro Carlos Besen, que rege o coral desde sua constituição.

O LP é composto somente por músicas clássicas de autores catarinenses, com duração de 10 a 12 minutos cada. E Carlos Besen explica que em cada faixa do disco há duas músicas.

O próprio maestro Besen é autor de uma das composições do disco, a "Cantigas de Boi-de-Mamão", baseada em temas folclóricos catarinenses. As outras seis são as seguintes: "Batuque de Escravo" de José Acácio Santana, com solo de Ana Luisa Vargas; "Canto de Despedida" de Osvaldo F. de Mello, com solo de Rute F. Gebler; "Missa Breve" do curitibano Henrique Morozowiscz; "lanomani" de Marlos Nobre, maestro de renome e atual presidente do Conselho Internacional de Música da Unesco; "Bumba-meu-boi" do pernambucano Carlos Alberto Pinto Fonseca e "Maracatu" de José Gomes.

Este primeiro disco é resultado de um trabalho de longo prazo do coral, "com uma seleção do que é mais representativo para nós. Uma das características do LP é o enfoque particular à música brasileira, que é muito rica e pouco executada" frisa Carlos Besen.

O coral da Udesc é formado por 37 alunos da Escola de Música e do curso de Educação Artística da instituição, que se apresentam regularmente com grande sucesso de público e crítica. O disco já está à venda em todas as lojas de disco da Capital.

1ª FESTA ESTADO DE STA. CATARINA

LAGES-SC
23/24 de novembro

Convidamos Vossa Senhoria para participar do evento, 1ª Festa — Estado de Santa Catarina a realizar-se em Lages dias 23/24 de novembro de 1985.

COMISSÃO CENTRAL ORGANIZADORA

PROGRAMA

DIA 23

Período Matutino:	Recepção das Delegações
14:00 horas:	Abertura Oficial
—	Feira Artesanato Regional e da Ilha
—	Apresentação Grupos Folclóricos
16:00 horas:	*Palestra: Sr. Doralécio Soares — Pres. da Comissão do Folclore de Santa Catarina*
17:00 horas:	*Café Típico (Camargo) à disposição dos visitantes*
20:00 horas:	*Jantar Festivo — Restaurante do Parque*
	Concurso de Causos
22:00 horas:	*Baile Festivo — Apresentação das Delegações*

Professores e alunos da 7ª UCRE, presentes a palestra sobre Folclore Catarinense, proferida pelo Prof. Doralécio Soares, constantes da programação da 1ª Festa realizada em Lages (SC) nos dias 23/24 de novembro/85

DIA 24

09:00 horas: *Apresentação das Bandas*
10:30 horas: *Missa Crioula*
— *Apresentação dos Grupos Folclóricos*
12:00 horas: *Almoço Campesino — Pratos Típicos da Região*
— *Participação Especial das Obras Sociais*
16:00 horas: *Café Colonial*

APOIO: Amures
Secretaria do Desenvolvimento Social
Casa Civil
Secretaria do Trabalho — Fucat
Sistema Planalto de Comunicações
Banco Bamerindus
Sindicato Rural
Supermercados Angeloni

LOCAL: Parque de Exposições Conta Dinheiro
REALIZAÇÃO: CCE Professora Eni Rosa dos Santos
EB Asdrubal Guedes de Souza Pinto

7ª UCRE

O Coral do Clube 6 de Janeiro e Florianópolis, também, participou da 1ª FESTA, com magníficas apresentações no decorrer do acontecimento promovido pela 7ª UCRE de Lages.

Florianópolis — SC

Visitante Ilustre — Professora Hildegardes Vianna.

Registramos a visita da ilustre Professora Hildegardes Vianna à sede da Comissão Catarinense de Folclore.

Hildegardes Vianna é natural da cidade de Salvador — Bahia. Professora da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Membro-Diretor do Instituto Histórico e Geográfico e Academia de Letras da Bahia. Membro do Museu da Associação Baiana de Imprensa, onde foi organizadora dessa instituição.

Presidente da Comissão Baiana de Imprensa. Como jornalista, mantém há cerca de 30 anos uma coluna semanal no Jornal A TARDE, onde tem focalizado os costumes, tradições e folclore, não só da Bahia, como dos Estados do norte e nordeste.

Como escritora, é autora de "A cozinha baiana, seu folclore e suas receitas; Festas de Santos e Santos festejados; A Bahia já foi assim; Calendário das festas populares de Salvador; 7 acontecimentos sensacionais da Bahia do princípio do Século XX; A Proclamação da República na Bahia (Aspectos pletônicos). No prelo. Na Bahia tinha coisas.

Florianópolis — SC

Do Presidente da Assembléia Legislativa, Dep. Stélio Boabaid, a Comissão Catarinense de Folclore recebeu o convite para participar das solenidades de entrega do Prêmio Jerônimo Coelho de Jornalismo e lançamento do livro de autoria do Jornalista Frota Neto, "Os Novos Subversivos", no mês de novembro na Sede do Poder, Palácio Barriga-Verde, na Praça da Bandeira.

Florianópolis — SC

MEC — UDESC — LENDAS SULINAS — EM XILOGRAVURA

"Lendas Sulinas" em Xilogravura, é um trabalho de pesquisa realizada em convênio entre o MEC e UDESC, em regime de Bolsa de Trabalho, pela Acadêmica Myriam Conceição Beltrão de Carvalho, do Curso de Educação Artística Habil e Artes Plásticas, tendo como orientadora a Professora Dora Maria Dutra Bay.

O trabalho reúne, como o título indica uma seqüência de lendas: Angoera, Assombração, Boi Vaquim, Boto, Bruxa, Caapora, Cavalo Encantado, Gaivota Encantada, Garrafinha, Iara, Lobisomem, Monge, Negrinho Pastoreiro, Saci, São Sapé Tiaraju, Sete Cuias, Tapera, Teiniaguá.

Todas as lendas acompanham uma ilustração colorida em Xilogravura, objetivando a valorização do trabalho.

Este Boletim ao registrar a conclusão da pesquisa da Professora Myriam, o faz relacionando-a entre os títulos a serem publicados, pela importância que o trabalho reúne.

DIA NACIONAL DA CULTURA

FLORIANÓPOLIS — SC

PROMOÇÃO:
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

COORDENAÇÃO:
SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTE E TURISMO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

O Secretário de Cultura, Esporte e Turismo do Estado de Santa Catarina tem a honra de convidar para o painel que será realizado com vistas a assinalar o DIA NACIONAL DA CULTURA, conforme o seguinte:

PROGRAMA:

data: 5 de novembro/85
local: Auditório do Centro Integrado de Cultura
hora: 10:00 h

Tema I: DIREITO À CULTURA
Expositor: Prof. Osvaldo Ferreira de Melo
Debatedores: Representantes da Ordem dos Advogados do Brasil — Secção de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

Tema II: CULTURA E ECOLOGIA
Expositor: Prof. Paulo Fernando Lago
Debatedores: Representantes da Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente e Fundação Educacional da Região de Blumenau.

Tema III: PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO CULTURAL
Expositor: Prof. Paulo Henrique Blasi
Debatedores: Representantes do Arquivo Público do Estado e Fundação Catarinense de Cultura.

Obs.: cada expositor terá até 20 minutos para apresentar sua contribuição. A intervenção de cada debatedor será de, no máximo, 10 minutos.

Biblioteca Pública do Estado
Sec. de Santa Catarina

DANÇA DO CACUMBI

A dança do Cacumbi ou Ticumbi, é uma dança afro-brasileira, chamada de Baile dos Congos, representa simbolicamente uma dança guerreira, entre duas "nações negras", a de Reis de Congo e a de Reis Bamba, do Reisado africano.

É dançada em homenagem a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário, realizando o grupo de dança uma cerimônia com ritual e cântico na véspera ou no dia desses Santos no interior de uma igreja. (Quando permitido)

Grupo de dança do Cacumbi "Capitão" Francisco Amaro, com sede próxima a Caixa D'Água no Estreito, início da Av. Ivo Silveira, vendo-se a Bandeira com a estampa de São Benedito.

O grupo é composto de filhos e netos do "Cap." Francisco Amaro. A moça que conduz a Bandeira que traz estampada as figuras de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, chama-se a "Fé da Bandeira". Florianópolis, SC.

O Grupo Folclórico Cacumbi "Cap." Francisco Amaro, teve atuação destacada com várias apresentações na Semana "Afro-catarinense" realizada de 23 a 29 de novembro.

Foi uma promoção da UBRAT — União Brasileira dos Homens de Cor de Santa Catarina cuja data efetiva é de 17 a 24 de novembro correspondendo à data do nascimento de Cruz e Sousa e 20 de novembro, Dia Nacional da "Consciência Negra".

JUBILEU DE PRATA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO

FLORIANÓPOLIS — SC

Este ano tivemos o Jubileu de Prata do Arquivo Público do Estado, que nos últimos anos tem vivido em grande efervescência, mostrando ser um órgão capaz de servir à administração pública e à atividade cultural.

O responsável por essa nova postura do Arquivo é o escritor Iaponan Soares, que enfrentando as costumeiras dificuldades do setor soube criar condições para que o Arquivo pudesse mostrar sua potencialidade e com isso conscientizar o poder público para guarda e conservação de nosso acervo documental.

Neste ano de Jubileu o Arquivo conseguiu realizar algumas importantes publicações, onde se destacam: "A Secretaria da Justiça e suas Relações com a Educação", de Ana Maria Martins Coelho Correia, que estuda um momento significativo do ensino público em Santa Catarina e a contribuição pedagógica de Henrique da Silva Fontes; "Arquivos & Documentos em Santa Catarina", que reúne a colaboração de vários especialistas que sobre o assunto se manifestaram no I Encontro de Arquivos Catarinenses; e, por fim, a reedição pela Xerox do Brasil da obra "A República Catarinense", de Henrique Boiteux, há muito esgotada e em boa hora tirada do esquecimento para se inserir nas comemorações do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha.

Como se pode notar os vinte e cinco anos do Arquivo foram produtivos, esperando-se que seu programa editorial tenha condições de continuar a prestar bons frutos à cultura catarinense.

PARQUE BALNEÁRIO CAMBORIÚ

No litoral catarinense, à margem da BR-101, Km-137, está localizado o Parque Balneário Camboriú, o maior complexo turístico-cultural do Estado de Santa Catarina.

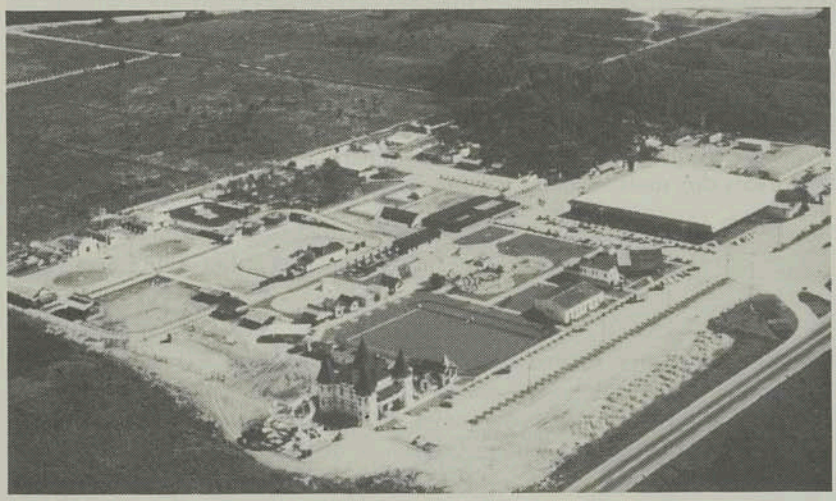
Reunindo muitas atrações, o Parque Balneário Camboriú oferece aos visitantes opções, tais como, exposições de espécies nativas da fauna e da flora, aquário, museus, zoológico e até uma cidade do faroeste, com passeios de diligências, saloons, etc.

Sendo o único com estas características no país, o Parque, mantido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, através da CITUR — Companhia de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina, constitui-se em excelente fonte de pesquisa do rico e diversificado folclore catarinense.

Simbolizando as principais correntes migratórias que a região sofreu, lá podem ser encontradas casas típicas alemã, italiana e açoriana.

CASA AÇORIANA

Na Casa Açoriana o destaque fica por conta do artesanato português, com suas almofadas e rendas de bilro e crivo, cestaria, tecelagem, além de coleções, em cerâmica, das figuras que compõem o tradicional Boi-de-Mamão. Em breve, será inaugurado um restaurante típico que oferecerá toda a saborosa variedade de frutos do mar do litoral catarinense.



Vista geral do Parque Balneário Camboriú.

CASA ALEMÃ

Totalmente construída no estilo enxaimel, oferece um restaurante típico especializado na deliciosa cozinha germânica, além de um procuradíssimo café colonial.

CASA ITALIANA

Também aqui, juntamente com os famosos vinhos e queijos italianos, encontramos um restaurante especializado nos pratos à base de massas.

Completando o conjunto típico arquitetônico, podem ser visitados no parque Balneário Camboriú, a CASA DE LAGES, onde o artesanato serrano é mostrado e comercializado; a CASA DE JOINVILLE, uma réplica perfeita da estação ferroviária da Manchester Catarinense; um CASTELO BELGA, onde são comercializados cristais e felpudos produzidos na cidade de Brusque. Ali, um tear jacard mostra como são tecidos os famosos felpudos brusquenses.

Engenhos de farinha montados artesanalmente por alemães e portugueses, com suas peças originais, lembram os rudimentares meios de produção dos nossos colonizadores.

MUSEU DO ARTESANATO CATARINENSE

Convênio firmado entre a CITUR e a FUCAT permitiu que o Padre Elói Kohr implantasse no Parque Balneário Camboriú, um Museu do Artesanato Catarinense, composto de cerca de 600 peças. Nele, podem ser encontrados os mais variados trabalhos, numa demonstração da riqueza do nosso artesanato.

Dentre as peças do Museu, destacam-se coleções como: do Boi-de-Mamão, Pau-de-Fita, e Presépio, além de potes, jarros, lembranças, brinquedos, roda de oleiro, tear, engenho de farinha, violeiros e bonecas típicas das principais etnias.

Com freqüência, são promovidas no parque, apresentações de grupos folclóricos dos mais variados pontos de Santa Catarina.

Paulo César Fiuza Lima

NOTÍCIAS CULTURAIS DOS ESTADOS 1985

NOTICIÁRIO NACIONAL

Maceió — Alagoas

Registramos o recebimento do Boletim Alagoano de Folclore, 1984, número ("in memoriam") de José Mario de Melo. O volume reúne colaboração de renomados mestres do folclore alagoano, destacando-se importante trabalho de "Bibliografia Analítica" da Revista Brasileira de Folclore de autoria de José Mario Tenório Rocha. Registramos ainda as colaborações do mesmo autor, de Carmem Lúcia Dantes, Théo Brandão, Nádia Fernanda Amorim, Benedito Fonseca, Ranilson Souza, Luiz Gonzaga Barroso Filho.

São Paulo — SP

Folclore PAULISTA — Calendário & Documentário. Obra do Prof. Américo Peregrini Filho, na sua 2ª Edição revista e ampliada, reúne todas as manifestações culturais do folclore paulista. É um substancioso trabalho de pesquisa folclórica dizendo do passado e do presente, onde a dinâmica do folclore mesmo sofrendo a influência do dinamismo da atualidade, procura-se fazer com que as suas raízes não sejam atingidas, mantendo-se as apresentações nas épocas cíclicas sem se perder a oportunidade de se apresentarem em promoções culturais, isso se tratando de danças e folguedos.

Espírito Santo — Vitória

Registramos o recebimento dos Boletins nºs 94 e 95 da Comissão Espírito-santense de Folclore.

São Paulo — SP

JORNAL DA MÚSICA — Editado por Irmãos Vitale, tendo como Diretor Responsável: Afonso Vitale Sobrinho e Redatores Luís Ellmerich, com a colaboração de Thomaz Verna e Jaime Nardy Vasconcellos e Coordenação de Sônia R. de Andrade Vitale, é uma publicação que orgulha o "mundo da música erudita" brasileira.

Divulgando o que existe de mais nobre na cultura da música tanto

internacional como a nacional, essa publicação leva ao leitor uma soma de trabalhos que o enriquece de conhecimentos culturais de elevado valor, o que é registrado na sua página "palavra do leitor".

Ao registrarmos o seu recebimento periodicamente, o fazemos cumprimentando os Editores por tão útil publicação.

Belém — PA

O ROTARY CLUBE DE BELÉM — NAZARÉ, comemorando o seu Jubileu de Prata conferiu a Doralécio Soares, a Medalha Comemorativa dos 25 anos de sua Fundação.

Essa homenagem que é conferida ao Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, é destacada pela valiosa contribuição do Diretor deste Boletim ao Folclore Brasileiro.

A comunicação e remessa coube ao cientista Antropólogo, Prof. Arthur Napoleão Figueiredo, Presidente do Rotary Clube de Belém — Nazaré.

Curitiba — PR

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA — "Encontro — FOTOGRÁFICO: Preservação e Memória."

Objetivando a proteção do Setor da Memória, documentado pela Fotografia, a Fundação Cultural de Curitiba, promoveu um Encontro entre as pessoas e entidades interessadas, na Sala de Exposições—Escritório da FUNARTE em Curitiba.

O Encontro foi realizado no mês de abril, sob a coordenação das professoras Regina Wallbach e Roseli Boschilia.

Caruaru — PE

Do Prof. Aleixo Leite Filho, escritor e renomado poeta, dedicado a "literatura de cordel", recebemos o folheto com capa do poeta e xilogravurista Dila, "O Encontro de Helvécio de Melo, com Aleixo Leite".

Enviado pelo mesmo, recebemos: "A Morte do Presidente Tancredo Neves" dos poetas "cordelistas" de Caruaru, BIL E LUIZ. O autor Olegário Fernando Silva, discorre em outro folheto, também, sobre a morte de Tancredo Neves. Do poeta Manoel Basílio de Lima, registramos a sua produção mais recente: Deus, o Homem e a Violência", além de — O Brasil, a Crise e a Sucessão — A Vitória de Tancredo e a Ditadura — O Brasil Chora por Tancredo. Publicações sob os auspícios da "Fundação de Cultura, Turismo e Esporte de Caruaru e Prefeitura Municipal.

Rio de Janeiro — RJ — Março de 85

Centro Luso-Brasileiro de Cultura — Registramos a participação da professora Cássia Frade, na "Semana Cultural", promovida pelo Centro Luso-Brasileiro de Cultura, abordando o tema "influência portuguesa no folclore brasileiro".

GUIA DO FOLCLORE FLUMINENSE — Em co-edição com a Secretaria de Estado de Ciência e Cultura do Rio de Janeiro — Departamento de Cultura — INEPAC/Divisão de Folclore a Editora PRESENÇA lançou: Guia do Folclore Fluminense. Obra coordenada pela professora Cássia Frade, reúne todos os eventos relacionados com as nossas raízes culturais. Pela ordem alfabética encontra-se registrado tudo que diz respeito à cultura Folk do povo fluminense. É uma obra digna de ser imitada. Parabéns Cássia Frade pela sua participação.

Santa Maria — RS

Pedro Raimundo — Cantor regionalista catarinense, já falecido, será distinguido com uma obra do escritor e jornalista Rio-grandense Israel Lopes em parceria com o jornalista Airton Ortiz, cujo trabalho cultural dirá da participação desse artista catarinense, filho de Imaruí na vida artística do Rio Grande do Sul.

A vida intensa jornalística de Israel Lopes o tem levado a biografar personalidades que se projetaram no Rio Grande do Sul, no jornal "Zero Hora", onde de 40 títulos 18 já foram divulgados.

De Roque Luzzi, destaca-se o livro "Cornélio Pires (seu mundo, seus seguidores)", obra que dedica a seu amigo Israel Lopes, pelo trabalho que esse jornalista desenvolve no Rio Grande do Sul.

Rio de Janeiro — RJ

Bibliografia Folclórica nº 10/1985 — Registramos o volume *indicado, editado* pelo Instituto Nacional de Folclore sob a direção executiva da antropóloga Amália Lucy Geisel.

Trabalho dos mais conceituados elaborado pela equipe técnica da Biblioteca Amadeu Amaral, chefiada pela professora Maria Thereza Massow, do Instituto Nacional do Folclore, nos dá uma cobertura total da Bibliografia Folclórica e Cultura Popular, das obras que anualmente são incorporadas à Biblioteca Amadeu Amaral.

Brasília — DF

Da FUNDAÇÃO PETRÔNIO PORTELLA, vinculada ao Ministério da Justiça, em Brasília, recebemos do seu Diretor Executivo, Dr. Gladston Liborati Barbosa, a comunicação da criação do "Laboratório de Conservação e Restauração de Livros e Documentos, Oficina de Encadernação e Oficina de Produção de Papel Artesanal".

O importante da divulgação dessa iniciativa é a colocação dos referidos serviços dessa Fundação à disposição das diversas entidades culturais no Brasil, que necessite dos seus trabalhos.

Uberlândia — MG

O Prefeito Zaire Rezende da Prefeitura Municipal de Uberlândia

cria a Secretaria Municipal de Cultura.

Da Secretaria Municipal, Profª Iolanda de Lima Freitas, recebemos a comunicação, solicitando intercâmbio de publicações.

Rio de Janeiro — RJ

PROGRAMA NACIONAL DE MUSEUS — Registramos o recebimento do Boletim nº 5 Publicação Bimestral do Ministério da Cultura — Fundação Nacional Pró-Memória — Programa Nacional de Museus — Praça Marechal Ancôra S/N-RJ — CEP 20021.

São Paulo — SP

Pau-Brasil — Publicação Bimestral sobre Ecologia e Cultura. Publicação que se fazia necessária pela importância da matéria que reúne. Assim é "Pau-Brasil", editada pelo Departamento de Águas e Energia Elétrica — DAEE.

Textos das mais expressivas figuras do mundo literário brasileiro e de renomados cientistas. Assim é Pau-Brasil.

Rio de Janeiro — RJ

MUSEU NACIONAL DE BELAS-ARTES — Com a exposição TRAJETÓRIA ROSSINI PEREZ, o Museu Nacional de Belas-Artes "dá início ao projeto "Trajetórias", numa mostra que focaliza artistas com uma obra de fundamental importância para o desenvolvimento da gravura no Brasil".

O projeto é uma contribuição do MNBA para a documentação e divulgação da Gravura Brasileira. Texto de Carlos Martins — Rio de Janeiro.

Petrópolis — RJ

Prof. Francisco de Vasconcellos — O FOLCLORE DO PONTO DE VISTA DO SEU ESTUDO E SEU ENTENDIMENTO E DIVULGAÇÃO NO BRASIL — EXPLOSÃO/CORTE.

A obra do Prof. Francisco de Vasconcellos vem enriquecer as Bibliotecas especializadas na "cultura de tradição popular brasileira. — o volume apresenta a sigla "Encontro com o Folclore", nº 16 — 1984.

As obras de Francisco Vasconcellos, quando lidas, dá ao estudioso da cultura popular, profundo conhecimento, o levando a todas as áreas dessa cultura, não só no Brasil, bem como nos vários continentes, tendo por base as remotas eras estudadas pela Antropologia. "O Folclore do Ponto de Vista do seu Estudo, seu Entendimento e Divulgação no Brasil", está enquadrado nesse tipo de obra de extraordinário valor para o estudioso do Folclore.

Olímpia — SP

Professora Laura Dela Monica — "CIDADÃ OLIMPIENSE"

A renomada Folclorista Professora Laura Dela Monica, foi agraciada com o título de Cidadã Olimpiense, no dia 22 de agosto.

Título conferido à ilustre Professora pelo muito que fez, no decorrer dos anos pela preservação do Folclore, e mais propriamente pelo trabalho desenvolvido na realização do Festival Regional de Folclore de Olímpia, São Paulo, que anualmente ali se realiza.

Coroando a personalidade da ilustre mestra também a Sociedade Geográfica Brasileira, lhe homenageia, lhe conferindo o título de "COMENDADORA" no dia 24 de outubro em São Paulo, capital. Este Boletim registra prazeirosamente o acontecimento.

Porto Alegre — RS

Do INSTITUTO GAÚCHO DE FOLCLORE E TRADIÇÃO, recebemos a obra "Assim Cantam os Gaúchos".

Esta obra veio enriquecer o acervo cultural da Comissão Catarinense de Folclore, complementando as já existentes, sobre a cultura e a tradição do Rio Grande do Sul.

Bagé — RS

IV Encontro Sul-rio-grandense de Museus — 21 a 29 de outubro de 1985.

Em homenagem ao transcurso do 30º aniversário do Museu DOM DIOGO — Da Fundação Áttila Taborda — e Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, teve lugar na cidade de Bagé — RS, o IV Encontro Sul-rio-grandense de Museus.

São Paulo — SP — Capital

SECRETARIA DE CULTURA — Com o título de "Sete Projetos para Tirar a Cultura do Pedestal", o Secretário Jorge Cunha Lima, do Estado de São Paulo, dinamiza a Cultura Paulista nos seus vários aspectos.

De um amontoado de projetos encontrados de natureza inexeqüíveis, o ilustre Secretário, lança os seus "sete projetos", que envolve "Festa Pedagógica" — "Oficinas Culturais", "memória, livros e natureza" e ainda um Festival de Inverno".

Entretanto, lamentamos também, não tivesse dado prioridade ao "folclore" cujo Estado é rico em manifestações da Cultura Popular.

Estamos certos entretanto, que a vez dessa "cultura" chegará para gáudio dos quantos abnegados que a ela se dedicam.

Rio de Janeiro — RJ

Programa de Ações Sócio-Educativas e Culturais para o Meio Rural e Populações de Periferias Urbanas — Setor Rural — PRONASEG.

Com um programa de Ações Sócio-Educativas e Culturais para o Meio Rural e Populações de Periferia Urbana — Setor Rural, a Secretaria

Uberlândia — MG

FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO Novembro de 1984. Apresentação dos Ternos de Moçambique, Congos, Marujos e Catupés. Exposição de Pinturas de Hélvio Lima, Teatro de Bolso, e outras manifestações da Cultura Popular com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura e Caixa Minas, (A caixa dos Mineiros), foi a promoção da Prefeitura Municipal de Uberlândia em Minas Gerais.

Dentre as manifestações populares de Uberlândia, o congado é o mais significativo. Foto Sandra Carolino de Paiva, 1983.

Porto Alegre — RS

XXXI — FEIRA DO LIVRO

Santa Catarina se fez presente na XXXI Feira do Livro de Porto Alegre, ocorrida de 25 de outubro a 10 de novembro de 85.

Na barraca para vendas e exposição de livros de autores catarinenses, ocorreu uma coletiva com noite de autógrafos no dia 1º de novembro às 20 horas, onde foram expostas livros editados pelas Editoras Lunardelli, UFSC, Edições de Autores Independentes e do País.

Goiânia — GO

UFG — Universidade Federal de Goiás. Em solenidade realizada no dia 19 de setembro, 85, a Professora Maria do Rosário Cassimiro, Reitora da UFG, promoveu solenemente a abertura da Exposição — MU-

de Educação do Estado do Rio de Janeiro, com a participação de professores de sua área Educacional, iniciou a publicação de "Contos Populares Sambaetiga" — Atividades para fazer na Escola.

O Programa consiste no recolhimento de Estórias que ouvi contar". Sob a orientação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e do PRONASEG", os professores leram os textos recolhidos e experimentam atividades que, depois realizam com seus alunos nas escolas".

Desse trabalho desenvolvido na comunidade surgiram a publicação de quatro folhetos da série "Contos Populares de Sambaetiga", como "Atividades para fazer na Escola".

Fortaleza — CE

LINGUAGEM E CULTURA do escritor Cearense Florival Seraine da Ass. Brasileira de Antropologia e Ass. Bras. de Lingüística, foi lançada em 1985 sob os auspícios da Secretaria de Cultura e Desportos, Banco do Estado e Imprensa Oficial do Estado do Ceará.

É uma das mais completas obras no seu gênero, cujos Temas de LINGUAGEM e CULTURA, nas suas penetrações conceituais, oferecem condições aos estudiosos dos vários assuntos existentes na obra analisarem com profundidade os estudos do autor, entre os quais destacamos: "Metodologia dos Estudos Lexicais — Fundamentos na Lingüística Moderna — Desempenho Lingüístico Sócio-Cultural — Análise Cultural do Português Onomástico no Brasil, etc.

Na segunda parte do texto, o autor desenvolve conceitos e em "Antropologia Cultural — Classificação da matéria Folclórica — Estudo do Processo de Folclorização e Sugestões para Estudos Folclóricos.

Cuiabá — MT

Registramos o recebimento da Revista 2 e 3 da Universidade Federal de Mato Grosso.

Belém — PA

LENDAS E MITOS DA AMAZÔNIA. Numa oferta do Prof. Arthur Napoleão Figueiredo, recebemos "Lendas e Mitos da Amazônia", autoria de Ararrê Marrocos Bezerra e Ana Maria T. de Paula.

Obra que se constitui de duas monografias, provém do Concurso "José Coutinho de Oliveira", lançado pela Delegacia do MEC no Pará.

Argentina — Buenos Aires

CULTURA TRADICIONAL DEL ÁREA DEL PARANNÁ MEDIO, obra editada pela Fundação "Federico Guillermo Brac", do Ministerio de Educacion y Justicia Secretaria de Cultura — Instituto Nacional de Antropologia. Registramos o seu recebimento referente ao ano de 1984.

SEU: EXPRESSÃO DE VIDA — do Museu Antropológico da UFG, localizado na Alameda das Rosas — Parque Educativo de Goiânia.

Goiânia — GO

Agradecendo, registramos o recebimento do Calendário 1985, enviado pela Assessoria Cultural da Prefeitura Municipal de Goiânia — Obra Artística distribuída pelo Museu de Estado.

Rio de Janeiro — RJ

FUNARTE — Instituto Nacional do Folclore — 1984

BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA DO ARTESANATO BRASILEIRO — Série Referência-1, Escritor Vicente Sales.

Com apresentação de Lélia Gontijo Soares, na época Diretora do INF. Na NOTA PRÉVIA, assinada pelo autor, assim ele inicia: "Programada para lançamento em 1982, em consonância com o Ano do Artesanato, fixado pela OEA, e elaborada por solicitação de Bráulio do Nascimento, então Diretor do Instituto Nacional do Folclore, esta Bibliografia pretende servir aos pesquisadores do artesanato e da arte popular no Brasil, como instrumento de informações ou indicações Bibliográficas, suporte para eventuais trabalhos. Ela refencia, principalmente material existente na Biblioteca Amadeu Amaral do Instituto Nacional do Folclore, etc."

É realmente um trabalho dos mais conceituados em matéria de Bibliografia Artesanal, basta tratar-se de uma obra de autoria de Vicente Sales, para destacar-se entre as outras existentes no meio cultural brasileiro.

Brasília DF

CO/FI-CORREIO FILATÉLICO no seu nº 95, no seu primoroso aspecto gráfico e valioso conteúdo cultural se constitui num enriquecimento da biblioteca da Comissão Catarinense de Folclore.

Belo Horizonte — MG

Registramos o recebimento do nº 08 — Ano V — 1984 do Boletim da Comissão Mineira de Folclore.

A Comissão Mineira de Folclore que tem como presidente o Prof. Carlos Felipe de Melo Marques, vem desenvolvendo um trabalho profícuo dentro da área do Folclore, apoiado por um grupo de companheiros interessados e produtivos. Em razão disso, o Boletim que edita com apoio da Secretaria de Cultura de Minas Gerais, que tem como Titular o Deputado José Aparecido de Oliveira, evidencia a sua atuação através dos vários trabalhos publicados.

Rio Grande do Sul — RS

A Associação Rio-grandense de Museologia, fundada em 6 de Janeiro de 1985, é um órgão que congrega os que trabalham nos Museus sediados

no Estado do Rio Grande do Sul.

Do seu Presidente eleito em Agosto último, Dr. Tarciso Antonio Costa Taborda, Diretor do Museu Dom Diogo de Souza de Bagé, recebemos a comunicação da nova Diretoria eleita, integrada por museólogos do Rio Grande do Sul.

São Paulo — SP — Capital

A Secretaria de Estado da Cultura do Estado de São Paulo, através do seu Secretário Jorge Cunha Lima, convidou a Comissão Catarinense de Folclore, para a abertura do III Projeto Zumbi — 985.

O acontecimento deu-se no Ginásio Poliesportivo Mauro Pinheiro do Conjunto Desportivo "Constâncio Vaz Guimarães" — Ibirapuera, no mês de novembro. A solenidade contou com a apresentação de Grande Otelo, Gilberto Gil, "Filhos de Ghandi" da Bahia — Coral Paulistano, Vovó Maria Joana da Serrinha, desportistas e personalidades.

São Paulo — Capital

No MUSEU DA CASA BRASILEIRA — Av. Faria Lima 774, realizou-se o espetáculo "Momentos de Garcia Lorca", em homenagem a Flávio Império, pelo Grupo de teatro do Espaço Livre, a 19 de dezembro de 85.

ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE FOLCLORE E ARTESÃOS

Desde sábado que Caruaru vive mais um Encontro Latino Americano de Folclore e Artesanato, promovido anualmente pelo Centro de Cultura Popular Luiza Maciel.

Este ano, o IX ENLAFA encontra-se instalado nas dependências da Casa de Cultura José Condé, onde serão promovidas vendas de produtos artesanais de Estados brasileiros e países latinos, além de apresentações de grupos de canto e danças nativas dos países da América Latina, que estão participando do Encontro.

ATIVIDADES CULTURAIS

Paralela às promoções do Centro de Cultura Luiza Maciel, a Fundação de Cultura estará promovendo, no período que vai deste domingo até o próximo, 6 de abril, um vasto painel das tradições folclóricas da terra, a serem levadas ao público na Casa de Cultura José Condé e área adjacente.

Serão promovidos concursos de presépios, ateneu poético, apresentação de pastoris e grupos folclóricos autênticos, ciclo de romanceiros e apresentações de reisados e santo-coral.

Homenagem PÓSTUMA deste Boletim ao Prof. ALBINO LUIZ CALDAS, criador da "Casa do Folclore de Santos", SP

Rubens Lara

Profº ALBINO LUIZ CALDAS (RESUMO BIBLIOGRÁFICO)

"Professor e estudioso do folclore da Baixada Santista, Albino Luiz Caldas foi uma pessoa integralmente voltada ao ensino de seus conhecimentos aos jovens de sua terra. Filho de dona Maria do Carmo e do senhor Manoel Luiz Caldas, nasceu a 9 de maio de 1921 e faleceu a 19 de março de 1984.

Iniciou seus estudos primários no Grupo Escolar Olavo Bilac, concluindo-os em 1931, desenvolvendo em seguida o curso ginasial no Ginásio Tarquínio Silva e, na mesma escola, formou-se Contador em 1937. Outros cursos acadêmicos e de especialização completaram sua formação que registra também a experiência no comércio local por longos 30 anos e a presença sempre humana no trato das coisas ligadas à Cidade.

Aposentado em 1970, com a mesma desenvoltura e acuidade, iniciou o curso de Estudos Sociais na Faculdade de Ciências Humanas Laerte de Carvalho, do Ceuban, formando-se professor. Nesse período, descobriu o folclore e começou a estudá-lo. Pesquisou, formando uma considerável bibliografia sobre o assunto e um acervo variado e riquíssimo.

Interessou-se especialmente, pelo folclore santista, que conhecia profundamente, e realizou muitos projetos visando dar expressão aos costumes regionais. Infelizmente as autoridades responsáveis do Município não foram sensibilizadas pelo seu trabalho.

Albino Caldas jamais desanimou. Em 1978, criou a Casa do Folclore de Santos, com o objetivo de divulgar a cultura brasileira, tarefa que assumiu de corpo e alma promovendo festivais folclóricos nas principais entidades santistas, lecionando folclore no curso de Estudos Sociais do Ceuban, na Faculdade de Artes Plásticas do Instituto Santa Cecília, no Senac, no Centro Cultural do Litoral e no Centro de Expansão Cultural.

Ao mesmo tempo em que fazia palestras sobre o folclore em clubes de servir, faculdades e sindicatos, Albino Caldas lecionava Estudos sociais, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil e História, na Escola Estadual Malachias de Oliveira e Escola Estadual Canadá.

Sob o título de "Uma perda. Mas muita fé em nossa Cidade", a jornalista Ana Maria Pereira Sachetto de "A Tribuna" escreveu: "Estava acostumada a vê-lo sentado à minha frente, tranqüilo, falando sempre

com muito amor das coisas do folclore e, principalmente das belezas da cultura popular santista. . . o professor Albino não era homem de desanimar. Se o dia era de tristeza e mágoa, era certo que dali algum tempo viria o dia de fé, de entusiasmo, de confiança. . . A Cidade não pode ignorar ou esquecer os planos de quem tanto fez para ajudá-la, para vê-la numa posição de destaque no cenário nacional.

(****Justificativa apresentada ao Projeto de Lei Nº 398, em 20 de junho de 1984, à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, denominando "Profº Albino Luiz Caldas" a escola estadual de 1º Grau Conjunto Humaitá, do Município de São Vicente.****)

Transcrito da c/Capa do Estatuto da CASA DO FOLCLORE "Prof. Albino Luiz Caldas", Santos, SP.

CASA DO FOLCLORE DE SANTOS

Francisco Ribeiro do Nascimento é o novo Presidente da "Casa do Folcore de Santos", de quem muito esperam os folcloristas santistas.

Idealista, culto, dinâmico, empreendedor, com livre passagem pelos órgãos culturais do grande município paulista, Francisco Ribeiro do Nascimento, honrará o nome do Prof. Albino Luiz Caldas, frente à instituição que leva o seu nome, para o engrandecimento do folclore paulista.

Transcrito do Jornal O MUNDO PORTUGUÊS — 6/12/85

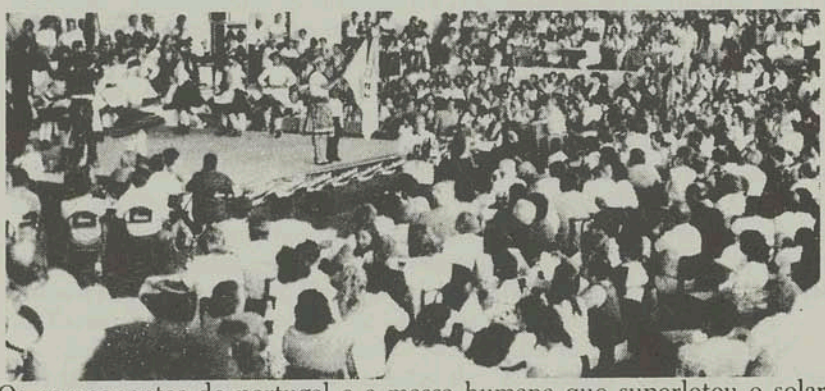
O Dia do Folclorista Luso-brasileiro reuniu 21 grupos e mais de 5 mil pessoas

Antônio Vieira

A Casa da Vila da Feira e Terras de Sta. Maria foi palco do maior espetáculo já visto em folclore.

Domingo passado, dia 1º de dezembro pela primeira vez na história, foi comemorado o "Dia do Folclorista Luso-Brasileiro", uma feliz idéia e criação do nosso companheiro Antônio Vieira. Todos os grupos folclóricos do Rio, Duque de Caxias e Queimados participaram desta festa, no total de 21 grupos, no maior desfile já visto em terras do Brasil. Foi um espetáculo de rara beleza, mostrado para mais de 5 mil pessoas, que superlotaram o solar feirense. O enorme público aplaudiu as danças e cantares que cada grupo apresentava com toda garra e entusiasmo. A cultura popular portuguesa foi mostrada com muita autenticidade, com os variados trajes representativos de cada região. Organização impecável, com 8 horas de folclore! O público vibrou e aplaudiu todos os grupos que mostraram também a sua competência e responsabilidade.

Foi sem dúvida, um espetáculo que devia ser mostrado para todo o Brasil. Todos estamos de parabéns com este "1º Encontro do Folclore Português do Rio de Janeiro" no "Dia do Folclorista Luso-Brasileiro", que passará a ser comemorado todos os anos no dia 1º de dezembro. São iniciativas como estas que dignificam a presença portuguesa em terras do Brasil. Uma festa deslumbrante, sem fins lucrativos, de portões abertos ao público. As fotos mostram o dia maior do folclorista luso-brasileiro.



Os componentes de portugal e a massa humana que superlotou o solar feirense.

NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

Lisboa — Portugal

O VELHO TEMPLO DE KUN IÂM em Macau. Autora: *Escritora* Ana Maria Amaro. Cascais — Portugal.

Por ocasião de minha passagem por Portugal, a 18 de maio de 1984, na condição de Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, conferi a ilustre professora e escritora Ana Maria Amaro, o Diploma de "Membro Honorário" da Comissão Catarinense de Folclore. Homenagem proposta por nosso saudoso companheiro Amaro Seixas Ribeiro Netto, em reconhecimento pela magnífica obra "Jogos e Brinquedos e outras diversões populares de Macau", de autoria da ilustre escritora. Proposta aprovada por unanimidade pelos membros da Comissão em Sessão de 04 de novembro de 1983.

Na oportunidade da outorga do Diploma, fui agraciado pela escritora com exemplar nº 36 de "O Velho Templo de Kun Iân Ku Miu", pesquisada em Macau. É uma obra que coloca a professora Ana Maria Amaro, entre os escritores notáveis da Cultura Portuguesa. A obra reúne no texto em português, também a grafia da escrita chinesa, relacionada com as expressões originais da língua originária, valorizando incontestavelmente a obra.

Lisboa — Portugal

OS IMPÉRIOS POPULARES — Escritora Maria Micaela Soares.

Numa Separata do Boletim Cultural da Assembléia Distrital de Lisboa, a Escritora Maria Micaela Soares agraciou a Biblioteca da Comissão Catarinense e Folclore com uma importante obra, "OS IMPÉRIOS POPULARES".

O importante dessa obra está no seu relacionamento com o culto da "Festa do Divino Espírito Santo", transplantado de Portugal para o Brasil.

Através de sua leitura, vai-se penetrando na beleza dos costumes ali implantados e que a religiosidade do povo de Portugal transferiu para o Brasil.

É bem verdade que com o decorrer dos anos foram-se apagando os detalhes efetivos dessa cultura religiosa. Entretanto, a obra da professora Maria Micaela Soares a revive documentando-a bibliograficamente com transcrições no contexto de extraordinário valor.

Ao incluir a obra no acervo da nossa biblioteca, o fazemos convidando os estudiosos dessa cultura, consultar a obra da Profª Maria Micaela Soares e se inteirar da importância do seu conteúdo.

Portugal — Lisboa — 1983

4 Artes e Tradição de Viana Castelo, é uma obra que reúne vários aspectos da Cultura Popular e Cultura Nacional de Portugal.

Artes e Tradição de Viana Castelo, é o que há de mais expressivo em matéria de cultura popular: arte da "cestaria", "latoaria", cangas e cangalhos" "pirotecnia" (fogos de artifício), é sem dúvida o que existe de mais lindo. Os "arcos de festas", são de uma beleza extraordinária.

As "Roscas e Bichos de Pão de Trigo" e a beleza do "Trajo Minhoto" reúne o que existe de mais autêntico em Portugal, onde as fiandeiras do linho realizam um ritual de canto de casa em casa.

Na região Viana do Castelo, as tecedeiras e bordadeiras ainda conservam as tradições que receberam de seus antepassados, e orgulhosamente conservam até a época atual, onde se apresentam com seus lindos "aventais".

República Argentina — Buenos Aires — 1979/82

Secretaria de Cultura — Subsecretaria de Accion Cultural

CUADERNOS — Del Instituto Nacional de Antropologia — 2

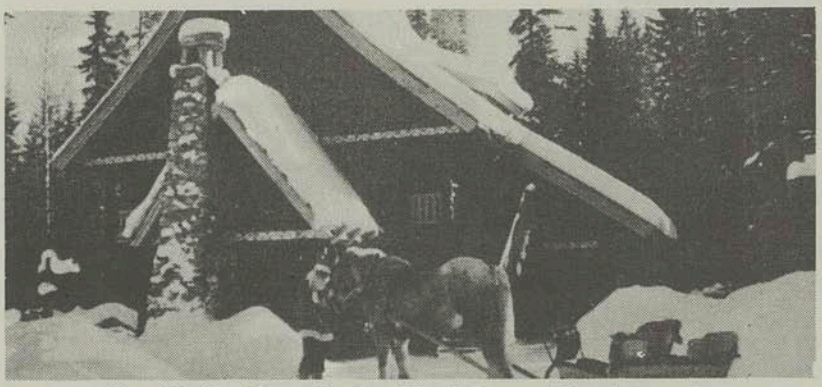
A Obra reúne importantes trabalhos de Antropologia, além de outras, todas relacionadas com culturas seculares Sul-Americanas. Destaca-se "La Imigração Italiana Y Espanhola Atraves de Las "Histórias de Vida" de seus Protagonistas". De Frances Cattermole — Tally. — La Interrelación entre la curación mágica, la Curación religiosa e la Medicina Integral. Encantamientos y verbales y visualización.

Wayland D. Hand, — Círculos y circularidad en medicina popular.

Genève, Suisse

Musée d'Ethnographie — Société suisse des Américanistes Schweizerische Amerikanisten-Gesellschaft. BULLETIN 48/1984.

Papai Noel fixou residência na cidade de Mora, na Suécia



Papai Noel reside em Santaworld, criado especialmente para ele

Desde dezembro do ano passado Papai Noel possui um endereço oficial e permanente. Sua casa fica na cidade de Mora, no norte da Suécia. Lá foi criado um incrível parque chamado Santaworld que, entre outras atrações, reproduz um antigo vilarejo, onde o bom velhinho e seus ajudantes vivem.

Mora é, na realidade, o lugar ideal para Papai Noel estar. A localidade fica no coração de Dalarna, província sueca famosa por suas tradições folclóricas. A própria paisagem tem uma história interessante, pois foi formada há 360 milhões de anos com a queda de um dos maiores meteoros de que já se teve notícia na Terra. A montanha, junto à qual foi construído Santaworld, faz parte das bordas da cratera, que por sua vez proporciona uma das melhores pistas de esqui da Suécia. É lá que acontece anualmente o campeonato Wasa, reunindo cerca de 12 mil participantes.

A companhia inglesa Leisure World International é responsável por todo complexo de Santaworld, que procurou preservar a beleza natural da área onde foi construído. As construções do parque são todas de madeira, com interiores decorados por artesões suecos. Participam também do projeto companhias como a Shell, SAS, Skandia e outras.

Santaworld é também a central de recebimento de cartas para o Papai Noel de todas as partes do mundo. Milhares de cartas lá chegam e são respondidas prontamente. Entretanto, como o volume de correspondência vem crescendo assustadoramente, Santaworld agora só pode garantir que fará o esforço de responder tantas cartas quantas seja possível.

Os visitantes que forem até Mora encontrarão não apenas Papai Noel e seus ajudantes como também sua casa, a fábrica de brinquedos, um lago que no inverno se transforma em ringue de patinação e uma série de outras atrações. Outro aspecto importante é que um percentual significativo dos lucros de Santaworld é revertido para obras assistenciais a crianças carentes.

O IMIGRANTE ITALIANO, seus costumes, sua música e seu folclore.

Doralécio Soares

"O Imigrante Italiano, seus costumes, sua música, seu folclore, é uma obra que está sendo montada com coletas de depoimentos com descendentes de italianos nas suas gerações.

O objetivo da obra é mostrar a participação do imigrante e seus descendentes no desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

Treze de Maio, Criciúma, Urussanga, Orleans, Nova Veneza, Pedras Grandes, Azambuja, Nova Trento, Jaraguá do Sul, Catanduvas, Videira e Chapecó, foram os municípios escolhidos para esse trabalho.

São depoimentos preciosos, que o filho, o neto, ou o bisneto de italianos que para o Sul do Brasil imigraram, contam das dificuldades encontradas por seus pais, avós e bisavós, na conquista da terra catarinense. Uns vindos diretamente da Itália para Santa Catarina, outros via Rio Grande do Sul, na procura de melhores terreas no Oeste e Meio-Oeste do Estado, nos primeiros anos de 1900.

Hoje, vitoriosos, após insana luta pela sobrevivência, contam essas aventuras dos seus antepassados cheios de dor e sacrifícios.

A repetência dos fatos, fez com que não estendêssemos esses depoimentos a todo os Municípios de comunidades italianas.

Entre os entrevistados alguns já falecidos pela adiantada idade, destacamos o: Antonio Felix de Lucas (falecido em 84) e a Sra. Santa Dário Milanez; Criciúma. Antonio Sachet (falecido); Nova Veneza. Irmãos Frederico e Ismael Prév;i: Treze de Maio. Eng. Renato Mariotti Damianni; Urussanga. Natalino Zago; Videira. Virgilio Noriller; Rodeio. Elzo Phellippi; Azambuja. Clemente Pradi; Jaraguá do Sul. João Fuccina; (85 anos); Chapecó. Guerino Germano Anzollim, e Hilário Primo Gazonni; Catanduvas. Além de outros.

Damos a seguir, trechos de algumas dessas entrevistas.

TREZE DE MAIO

Treze de Maio é um dos municípios catarinense que foi colonizado por imigrantes italianos.

Procurando aprofundar o objetivo que me levou ao Município, entrevistei os irmãos Damiani, Srs. Fredrico Damiani Prévi e Ismael Prévi.

Fundadores:

Disse-nos o Sr. Frederico que os primeiros italianos que para aqui vieram foram: Luiz Formentin e José Bobeli. Esses foram os fundadores de Treze de Maio. Já havia gente morando aqui. O nome de Treze de Maio está relacionado com a "Abolição da Escravidão". Aqui, havia escravos e o Governo concedeu a eles uma área de terra. Mas os fundadores do lugar foram os acima citados.

A primeira Escola Italiana — A primeira escola instalada foi em italiano pois, naquela época, só se falava o italiano. Essa escola era mantida pelo governo da Itália. Na época atual quase não se fala o italiano, principalmente, desta última geração de 60 pra cá. Os filhos de sua primeira mulher entendem, mas não falam. Tudo mudou. Isso também foi motivado porque na última Grande Guerra foi proibido em todo o Estado de se falar a língua italiana e alemã em público. Proibiu-se, até quem era italiano de morar na zona litorânea. Bem, o governo tinha razão, pois havia muita admiração por Mussolini, principalmente, entre os italianos natos. Mas não era de se temer nada, pois os italianos que imigraram nunca iriam trair o Brasil; a terra que haviam adotado como segunda pátria. O Governo Brasileiro dera inteira liberdade para os que desejassem retornar. E eu não tenho conhecimento de italianos que retornaram para brigar contra os aliados. Temos conhecimentos, sim, de muitos descendentes de italianos que se incorporaram às tropas brasileiras para defenderem a democracia. Já com os alemães, deu-se o contrário; muitos dos que retornaram comeram o pão que o diabo amassou. Muitos morreram e outros alegando que eram brasileiros foram capturados pelos alemães e obrigados a ingressarem no Exército Alemão. — Bem deixa isso pra lá, é coisa do passado e vamos viver o presente com a paz que sempre reinou no Brasil, concluiu.

CRICIÚMA — 1982

Entrevista com a Sra. Santa Dário Milanez e com o Sr. Antônio Félix de Lucas, ítalos-brasileiros de longa vivência em Criciúma.

Inicialmente, diz o Sr. Antônio Félix, que foram sete os primeiros italianos que chegaram a Criciúma e não vinte como consta de algumas publicações. Esses colonos chegaram no dia 25 de dezembro de 1880. Isso ocorreu depois de pouco mais de um ano da chegada em Urussanga. Deveriam lá ficar, uma vez que com os colonos de Urussanga chegou também o engenheiro Joaquim Vieira Ferreira com a finalidade de demarcar as terras destinadas aos colonos. Lá já havia sido construído um rancho bem grande de "pau rachado" para servir de abrigo e cantina para os colonos que iam chegando. Era uma região de mata virgem seguindo em frente a Serra de Araranguá. Não havia um só pau cortado. Era tudo somente mato.

Depois de uma longa viagem pelo mato a dentro, pelos brejos e pela trilha dos bugres, chegaram em Criciúma os colonos com suas famílias. Aqui ficou o meu avô, bem perto da igreja. Pelo lado de baixo, ficou morando os Zanetas, os dois vieram juntos, Pavam e Sônego, enfim, os sete. O desejo de todos era desbravar a mata virgem. Mas se o arrependimento matasse todos teriam morrido. Dava medo a escuridão da noite com os pios das cobras e os bichos do mato que ainda não bem conheciam. Mas a raça e choro fora levando e foram vencendo todas as dificuldades encontradas. Era terra que não acabava mais.

Certa ocasião, um dos meus tios da Itália, escreveu para o meu pai pedindo que lhe comprasse um lote. O lote do qual ele falava tinha 40x200. Ele lá não tinha noção das terras que havia aqui, pois lá eles só tinham, mal o quintal a casa onde moravam. O pai lhe escreveu dizendo que aqui tinha terra pra eles, pros filhos deles, pros filhos dos filhos deles. Aqui havia um mundão de terras.

NOVA VENEZA — Antonio Sachet

O italiano, que sempre foi muito conservador, pois tudo trouxe da Itália em termo de cultura, de educação; procurou montar no Sul de Santa Catarina, um pedaço da Itália. E aí está o nome Nova Veneza.

Observa-se que nesse sentido os costumes italianos foram transmitidos de pai para filho embora, aos poucos, tenham sido acrescidos de conhecimentos adquiridos com os caboclos da terra.

— Como foi dito acima, muitos colonos se desfaziam dos seus bens para que seus filhos pudessem estudar. Esse foi o caso da família Sachet/Bratti, que não foram criados nos terrenos de São Bento de baixo, onde tudo eram terrenos férteis. A família trabalhava duro, braço a braço nos matos. Diz a Sra. Magdalena que foi muito duro mandar os filhos estudarem. Tinha vez, que além do filho mais velho, havia oito estudando e nós, os velhos, trabalhando na roça. Foi uma vida de sacrifício e muito trabalho.

Destaque de filhos de colonos na vida cultural e progressista de Santa Catarina.

Muitos têm sido os filhos de colonos das últimas gerações que se têm destacado culturalmente em Santa Catarina. Entre esses podemos citar os filhos da própria família Antônio Sachet/Magdalena Bratti de Nova Veneza. Disse o Sr. Antônio ter gasto o que recebeu em terras na educação dos filhos. Quando a situação apertava, vendia parte das terras para cobrir as despesas, e assim a sua família deu a Santa Catarina, um Professor Universitário e Escritor; um formado em Administração e Direito; duas Professoras de Ensino Médio e Superior; um Engenheiro; um Técnico em Contabilidade Bancária, e um Industrial. Todos, eles netos do tronco

imigratório Vêneto abrigados na colônia em 1891. E assim, como os Sachet/ Bratti, outros filhos de imigrantes integram hoje a vida cultural e admistrativa de Santa Catarina.

"Foi no ano de 1875 que, desde Veneza até o porto de Gênova começaram os mares a transportar em grandes levas imigrantes italianos para as Américas.

As províncias de Lombardia, Trentino, Emília Romagna, Lirgúgia, Vêneto e Piemonte passaram a fornecer preciosa contribuição que vieram engrandecer as terras do Sul brasileiro. Pouco depois dos primeiros imigrantes que aqui chegaram, em 1875, partiram para o Brasil aos milhares, os vênetos, descendentes das altas montanhas do Cadore unindo-se aos irmãos de Beluno, Treviso, Vincenza, Údine como também Mântova, Pádova e Verone.

Foram 27 dias de ótima viagem sem nenhum problema, sem doenças nem tempestades. Após passarem pelo Nordeste brasileiro, Rio, Santos, chegaram à Ilha do Desterro, onde permaneceram cerca de 12 dias na hoje Capital de Santa Catarina. Após, transportados em pequenos barcos para o porto de Laguna e, desta, para Tubarão por via fluvial em grandes barcaças puxadas por rebocadores. De Tubarão, depois de breve descanço no barracão dos imigrantes, deram início confiantes em Deus, à caminhada final e penosa rumo ao destino.

Carregando nas costas suas pesadas bagagens, iniciam, a pé uma cruciante jornada de 3 dias, marchando por montes e vales ou em plena floresta. Seguiam a mesma trilha dos que já haviam chegado a Azambuja.

Em fins de maio, estava praticamente terminada a viagem. E todos quantos haviam partido de Coneggeano em número de 76 famílias, em Urussanga foram abrigadas, coletivamente em barracões ou alojamento feitos de achas de madeira e cobertos de esteiras de palhas. Ali ficaram no aguardo da entrega e posse dos lotes de terras. Conforme rezava o contrato de imigração.

Como acontecera com os imigrantes que os haviam antecedido, já em Azambuja e Rancho dos Bugres, ficaram assombrados, quase em pânico, pois o paraíso com que sonhavam era propriamente uma floresta virgem e misteriosa. Marzano, descreve o impacto no vigor da língua latina: "Poveretti! Se i posti da cui erano partiti non erano belli, orribili erano quelli dovéran arriati. Non case, non piazze, non strade, non populazione, ma solo cielo e foreste"!!

MARQUES — Agenor Neves: Imigração Italiana — 1978

URUSSANGA — Os primeiros tempos na nova terra

Urussanga é o município catarinense produtor de bons vinhos. Urussanga dá boa uva, em razão da qual produz bom vinho. Vinho dos Mac Donald — (Uru e Urussanga). Vinho Santé — Lágrima Cristi, fabricação Damianni. "Cadorin", Irmãos Cadorin. Diz o engenheiro Renato Mariotti Damianni, neto do sr. Lívio Mariot, que o brasileiro não tem tradição de tomar vinho. Comentei, replicando-lhe, que os comerciantes, e restaurantes, estes principalmente, costumam cobrar preços muito elevados pelos vinhos nacionais em seus cardápios, às vezes o dobro ou mesmo o triplo do preço das casas comerciais. Isso faz com que se evite o uso do vinho nos restaurantes. Comenta o sr. Mariot que isso efetivamente se dá. Muitas pessoas nos restaurantes optam por uma cerveja, por causa do alto preço do vinho, que lhe é cobrado. Disse-lhe que havia pago por uma jarra de vinho em Criciúma, um preço absurdo. Retrucou-me dizendo que se levarmos em consideração o preço da cerveja é alto, visto que a cerveja é fabricada, e o vinho é "elaborado". Comentou que o vinho que estava oferecendo à venda, agora, é da safra de 3 anos passados. Um vinho estocado durante este tempo, não acompanha a inflação.

Fabricação do vinho: — Entrevista com Renato Mariott Damianni. (Casa Del NONO)

A fabricação do vinho em Urussanga é quase que artesanal

AZAMBUJA — SC

Vila pertencente ao município de Pedras Grandes, distante 15 quilômetros ao norte de Urussanga, é tida como "marco inicial" dos colonizadores italianos na região sul de Santa Catarina.

Os imigrantes italianos chegaram nesta região em 1875 e dois anos após fundaram Azambuja.

Após várias pesquisas das condições de solo e clima da região, surpreenderam-se ao constatarem que neste lugarejo, cercado de montanhas, o cultivo da videira seria bem sucedido.

O desenvolvimento da videira na região, estendeu-se à Urussanga alguns anos após, e fez com que cada colono possuísse no porão de sua tradicional casa, uma fábrica de vinho, para elaboração artesanal do mesmo, caracterizando assim, o típico colono de descendência italiana.

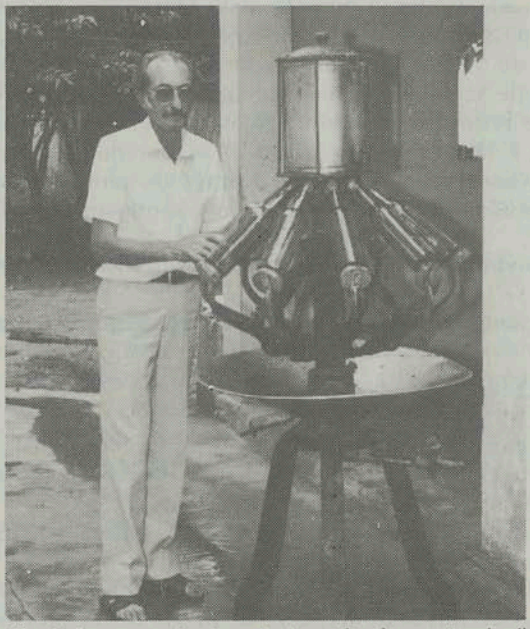
Não somente para o consumo de suas famílias eram produzidos vinhos, mas também comercializados para a região, onde eram vendidos na forma de barris e transportados por carro-de-bois e posteriormente de trem.

Após alguns anos firmaram-se em Azambuja as conhecidas "cantinas", como permanecem até hoje a dos tradicionais vinhos Felippe, iniciada pelo imigrante Luiz Felippe e sua esposa Cleonice, continuada por Antônio

Felippe e os filhos Elzo, Aldo e Germano.

Atualmente a 4ª geração da Família Felippe, dedica-se cada vez mais ao aperfeiçoamento dos vinhos e pesquisas de forma acelerada do cultivo das uvas superiores, ou seja, as vitiviníferas, varietais Riesling e Cabernet, comprovando que, não somente as uvas comuns trazidas pelos imigrantes mas também as viníferas superiores encontram boa adaptabilidade na Região de Azambuja.

O entusiasmo pela pesquisa de castas nobres, deve-se ao fato de que o consumidor brasileiro está exigindo cada vez mais do vinho nacional e as cantinas estão respondendo à altura, elaborando vinhos finos como na Europa e outros países famosos em vinhos de qualidade superior.



Elzo Felippe e a primeira máquina utilizada para "encher" as garrafas de vinho. (Enchedeira)

VIDEIRA — Natalino Zago

Complementando o nosso trabalho de entrevistas em Videira, com o Sr. Natalino Zago, recebemos da acadêmica Clarí Zago a presente colaboração.

Mora e Morina

Mora e Morina são referentes ao Jogo da Mora. Inicialmente temos a "Morina". É um jogo essencialmente italiano, ou seja, de origem italiana,

que é jogado com uma rapidez incrível, ao ponto de ser muito difícil ao assistente acompanhar as jogadas dos executantes. Já a "Mora" é jogada mais lenta. Notando-se grande diferença entre as duas quando são jogadas.

Esse tipo de jogo desperta o interesse de quem está assistindo, mesmo para quem não entende nada dos seus lances.

(Gravação ouvida) Pelo som da gravação se poderá escutar a rapidez incrível das jogadas. A Mora mais lenta eles também chamam de Mora "Ponto Parola".

Canções Italianas — com o jogo da Mora e Morina, também são cantadas as canções italianas, isto nos fins de semana, faz parte da tradição. Nessas canções são contadas histórias do passado, quando da Itália partiram. Histórias de amor, proezas, bem como de guerras. Quando cantam dão expansão à liberdade de espírito na sua alegria de cantar. Cantam sempre: na igreja, em casa e no trabalho. E desse "cantare" vem o nosso entusiasmo, pois o espírito criativo e brincalhão do sangue italiano, sempre sobrepujou a tristeza. Assim somos nós, assim é o povo da colônia. Resultam daí essas melodias gravadas, são canções muito bonitas que nunca morrerão entre os que vivem nas comunidades dos nossos avós, pais, filhos, netos e bisnetos dos italianos que nos colonizaram.

"Cantos rudes como as rochas de nossos paredões, mas que a voz sonora dos idosos, unida à exuberância dos jovens, tornam essas melodias fluidas como as águas cristalinas de nossas fontes".

É tudo isso que sentimos, ao ouvirmos as canções do imigrante italiano que jamais esquecerá a sua mãe-pátria.

Clari Zago

CATANDUVAS: do Sr. Guerino Germano Anzollin — Março 1985.

Mas quando aqui cheguei, não havia luz de espécie alguma para iluminar o interior da casa. A primeira casa que fiz a duras penas de tábuas lascadas ao meio a machado. Para iluminar dentro eu fazia uma fogueira de lenha o suficiente para passar a noite. Isso entretanto ocorreu motivado pela crise trazida pela 2ª Guerra Mundial. Desapareceu completamente o querosene obrigando a assim se proceder. Passamos a usar também a banha de porco embebida em pavios de trapos, fazendo-se lamparinas para iluminação. Nós aqui apenas tínhamos descoberto as vantagens da iluminação a querosene em candeeiros quando esse desapareceu. O uso da banha de porco era facilitado por haver abundância de porco gordo, tratado a muito milho existente na época.

Hoje o povo se queixa, porque não sabe o que nós, os primeiros e os segundos filhos de imigrantes passamos. Comparando aquele tempo com os dias de hoje, nada se pode reclamar. Quem passou naquela época o que a nossa gente passou, como se vivia, hoje temos uma fartura que

até parece um milagre. Naquele tempo para se conseguir as coisas comparando-se à época atual em que se vive com todo conforto em nossas casas, nem é bom falar. O que existe é uma ambição do ser humano, quanto mais tem mais quer. Nunca está contente. hoje a zona rural nos oferece todo conforto que existe nas cidades e com mais tranqüilidade. Temos a eletricidade que nos possibilita o uso do refrigerador, rádio, televisão, motor pra trato do gado, serrarias, etc. Temos fogão a gás, telefone, trator, caminhão, automóvel, etc. Tudo que produzimos na lavoura e pecuária é vendido. Mas o ser humano nunca está contente. Tem-se escolas e boas estradas asfaltadas. É certo que isso é novo, mais se tem tanta coisa para acomodar o homem no campo, são inúmeras as facilidades a começar pelo crédito agrícola que o governo oferece. — Acrescentei: "que o que existe hoje em progresso é fruto do trabalho de vocês, que toda dificuldade enfrentaram para o desenvolvimento de Santa Catarina. Cada um de vocês tem a sua história de trabalho pioneiro em cada região".

Diz o Sr. Anzollin: o que deixa a gente confortado é o resultado da nossa luta, que com muito sacrifício mas sem desânimo, hoje temos esses melhoramentos que vêm em nosso benefício. Mas digo, se me dessem cem anos de vida para começar tudo de novo, eu não queria. A luta foi árdua mas compensou.

CATANDUVAS — Hilário Primo Gazzonni

Moradias — As nossas primeiras casas foram feitas de pinho lascado, e outras madeiras, como a bracatinga, madeira fácil de se trabalhar, por lascar bem. Feita a casa de pau-a-pique, se forrava por dentro com esteira de taquara, bem feita, se fazendo também a cobertura com o mesmo tipo de esteira. Se colocavam as esteiras de modo que a água escorrese bem, ia uma por cima da outra, podia passar uma neblina, mas goteira não havia. A esteira que fazíamos de taquara de bambu, era assim: cortava-se o bambu em pedaços do tamanho que se desejava fazer a esteira. Depois se batia, reduzindo-a a fibras finas. Depois se trançavam as tiras até se completar a esteira, cuja duração era de 7 a 8 anos.

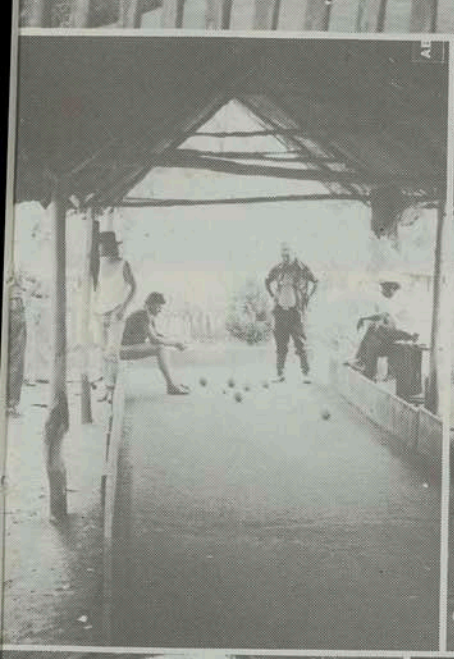
Caça — Quanto a caças, diz o Sr. Hilário: havia muita coisa para caçar, desde o porco do mato ao piriquito. Tateto, veado pardo. Perguntei: o que é "tateto"? Tateto disse, é um porco do mato, selvagem, pequeno, menor que o porco do mato, sendo meio-vermelho, ruivo, o porco do mato é mais preto. Tinha veado, anta, esta tinha pouca, aves tinha bastante. Caçava-se: pomba, lambu, jacu, macuco, uru, pomba preta, e a carijó.

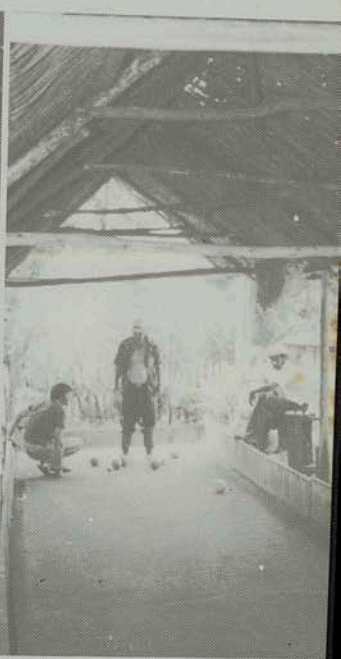
Onças: — Disse que matavam muitas onças, tigres, onças do mato, a onça-pintada. **Leão**, leão! Diante de minha admiração, disse que ainda hoje existe. Disse que há coisa de 2 anos andaram matando um leão e um tigre-pintado.

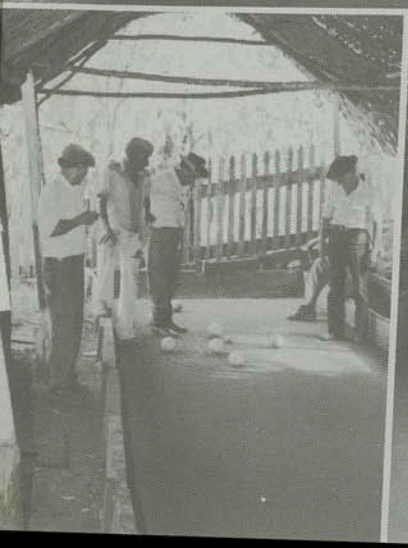
CATANDUVAS — SC

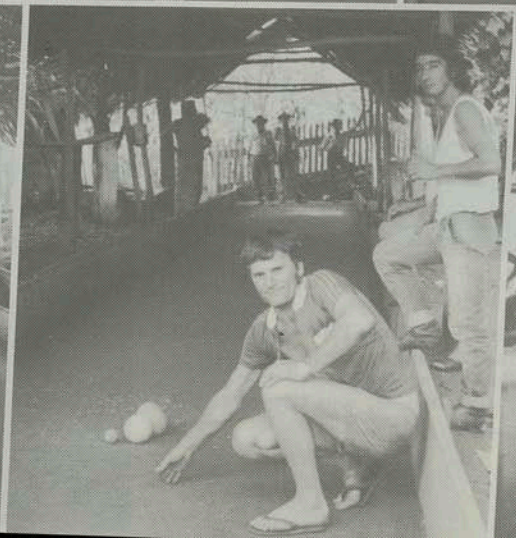
Pista do Jogo de Bochas anexo ao Bar do Sr. Eurico Galvan.

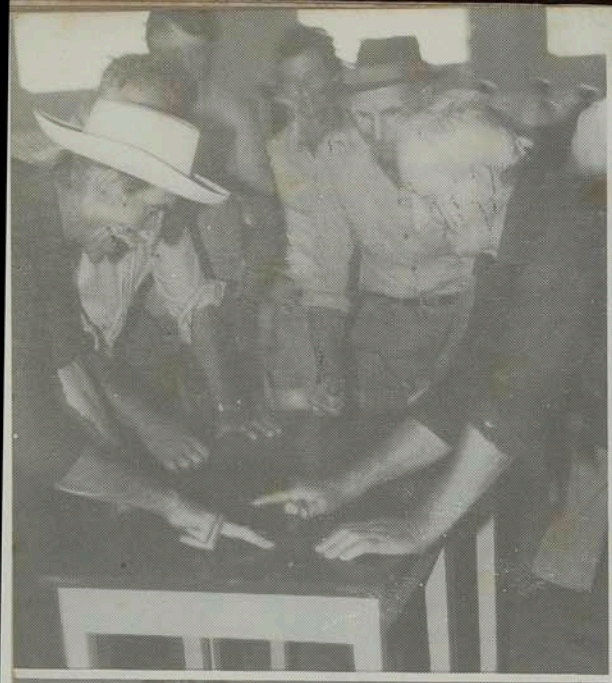
Anexo da Obra: O imigrante Italiano, seus Costumes, sua Música, seu Folclore.

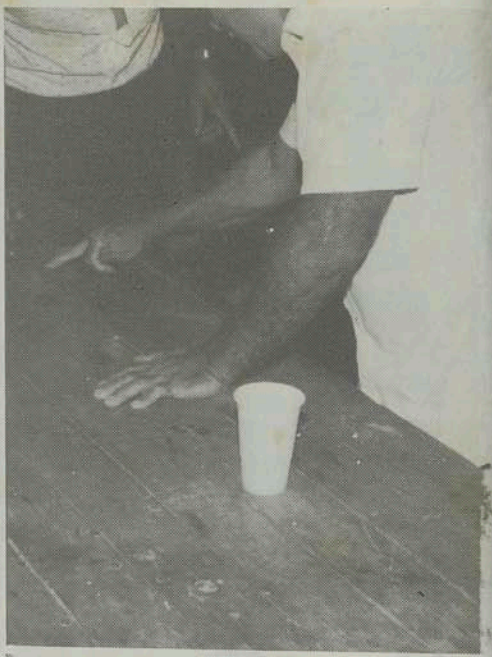












JOGO DA MORA

3º Encontro da "Cultura Popular Italiana no Sul de Santa Catarina.
Município de Morro da Fumaça — SC.
"O Imigrante Italiano, seus Costumes, sua Música, seu Folclore".

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Nomes / Endereço: Florianópolis — SC

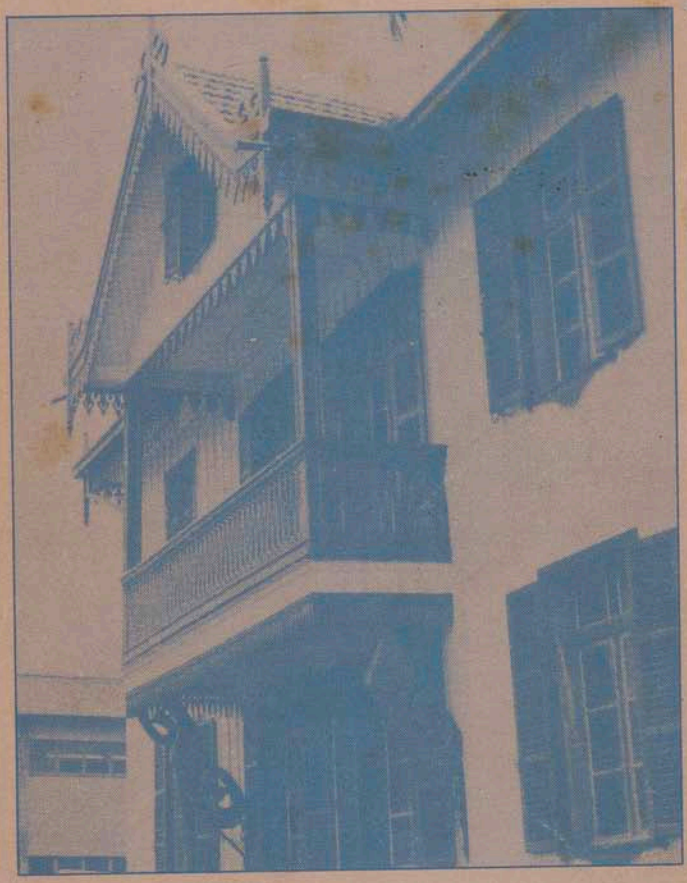
Doralécio Soares (Presidente) — Rua Julio Moura, 28 — 1º andar
Victor Antonio Peluso Junior (Vice-Presidente) — Rua Melo Alvim, 10
Myriam Conceição Beltrão de Carvalho (Secretária) — Rua Antonia Alves, 180 — Itaguaçu
Cléa Mendes Brito (Tesoureira) — Rua Melo Alvim, 9
Theobaldo Costa Jamundá — Rua Bocaiúva, 208
Walter Fernando Piazza — Rua Frei Evaristo, 209
Maria do Carmo Pinto — Faculdade de Educação — UDESC
Osvaldo Ferreira de Melo — Rua Joaquim Costa, 11
Carlos Alberto Angioletti Vieira — Rua Profª Otília Cruz, 365
Maria Therezinha Sobiersjski Barreto — Rua Tavares Sobrinho, 34
Nerêu do Vale Pereira — Jardim Olívio Amorim, 24
Roberto Kel — Rua Cruz e Sousa, 48
Gelcí José Coelho — Museu de Antropologia, UFSC
Lélia Pereira da Silva Nunes — Rua Maria Eduarda, 44 — Jardim Losangele
Paschoal Apostolo Pitsíca — Rua Duarte Schutel, 41

Colaboradores:
Flávio José Cardozo — Imprensa Oficial — Florianópolis
Dulce Martins Lamas — Rio de Janeiro — RJ
Laura Dela Monica — São Paulo — SP
Saul Martins — Belo Horizonte — MG
Ático Vilas Boas — Goiânia — GO
Mário Souto Maior — Recife — PE
Aleixo Leite Filho — Caruaru — PE
Ana Maria Amaro — Cascais — Portugal

Composto e impresso
nas oficinas gráficas da
IOESC
Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina S.A.
Florianópolis, SC

CASA CANÔNICA

Patrimônio Histórico do Município



Estado de Santa Catarina
Prefeitura
Municipal de Videira

CENTRO CULTURAL DE VIDEIRA E MUSEU DO VINHO